

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS ASSIS**

NATÁLIA ZAMPELLA

**VANGUARDA EM DILUIÇÃO:
A Revista Nova (SP, 1931-1932) e os rumos do modernismo**

ASSIS

2025

NATÁLIA ZAMPELLA

VANGUARDA EM DILUIÇÃO:

***A Revista Nova* (SP, 1931-1932) e os rumos do modernismo**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Concentração: História e Cultura)

Orientador: Tania Regina de Luca

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo nº 2023/05184-4)

ASSIS

2025

Z26v Zampella, Natália
Vanguarda em diluição : A Revista Nova (SP,
1931-1932) e os rumos do modernismo / Natália
Zampella. -- Assis, 2025
158 p. : tabs., fotos

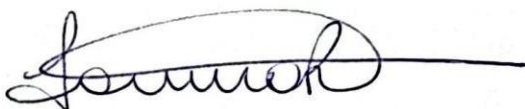
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Tania Regina de Luca

1. Revista Nova. 2. Modernismo. 3. Mário de Andrade.
4. Paulo Prado. 5. Antônio de Alcântara Machado. I.
Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE NATÁLIA ZAMPELLA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 07 dias do mês de maio do ano de 2025, às 14h, no(a) Sala de Defesas da Pós-graduação e sala virtual: meet.google.com/axc-spai-jpq, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de NATÁLIA ZAMPELLA, intitulada **VANGUARA EM DILUIÇÃO: A Revista Nova (SP, 1931-1932) e os rumos do modernismo**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. MARCOS ANTONIO DE MORAES (Participação Virtual) do(a) Universidade de São Paulo (USP), Prof. Dr. LEANDRO PASINI (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA



Para o Chico e o Thiago, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa (processo nº 2023/05184-4). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, nos meses iniciais da pesquisa. Financiamento necessário, que viabilizou dedicação integral à pesquisa, à escrita e a participação em eventos acadêmicos.

À Prof. Tania Regina de Luca, a quem devo os mais sinceros agradecimentos, que desde a graduação pegou em minha mão e me ensinou os caminhos da pesquisa, mas, sobretudo, me mostrou como o amor e a dedicação à História pode mudar as nossas vidas. Graças à sua generosidade, sua leitura atenta e segura, pude finalizar este trabalho.

À banca examinadora da Qualificação e da Defesa, Prof. Antônio Dimas e Prof. Marcos Antônio de Moraes e Prof. Leandro Pasini, cujas sugestões contribuíram para que a dissertação tomasse o melhor rumo possível.

À equipe do *Portal Revistas de Ideias e Cultura – Revistas Modernistas Brasileiras*, em especial ao Prof. Luís Manuel Crespo Andrade e Pedro Lisboa, pelo suporte e pela oportunidade de trabalhar em um projeto tão especial.

Aos funcionários e funcionárias da Unesp/Assis, que sempre auxiliam os discentes e contribuem para as nossas pesquisas, mais do que imaginam. Às servidoras da Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Ao Centro de Apoio à Pesquisa Histórica Sérgio Buarque de Holanda (CAPH/USP), pela receptividade.

Aos colegas do Conselho Editorial da *Faces da História* (2022-2024), uma revista discente que tem uma trajetória tão bonita de compromisso, dedicação e amor à difusão do conhecimento.

Ao *Grupo de Estudos sobre Cultura, Política e Sociabilidades* (GEPICPS), sobretudo nas figuras da Luciana, uma referência para mim, Marcela, Helen, Aline, Ana Beatriz, Ramona e Priscila, sempre espirituosas e gentis, que dão sentido à palavra grupo. Ainda bem que vocês são o presente e o futuro da pesquisa em História.

Este trabalho, embora feito por duas mãos, teve o suporte, a compreensão e o carinho de algumas pessoas, que tornaram o caminho da pesquisa menos difícil e muito mais gratificante – a elas, devo todos os meus agradecimentos. Ao suporte de minha mãe Andréia e minha avó Luzinete, que, mesmo sem terem dimensão do que é o trabalho acadêmico, sempre foram as primeiras a viabilizarem os meus sonhos. Aos meus grandes amigos, Tessa, Bianca,

Bruna, Bárbara, Gabriela, Caique e Lucas, que me ajudaram, mesmo sem saber. Sinto saudades de vocês todos os dias.

Este trabalho é dedicado a duas pessoas que são fundamentais para que busque a minha melhor versão e as minhas melhores palavras: ao meu companheiro, amigo e namorado, Thiago, que mesmo sem ler uma página do que eu escrevi, sempre sabe exatamente o que eu quero escrever – te agradeço por toda a cumplicidade e pelos anos de parceria amorosa, fraterna e intelectual. E ao Chico, minha estrela guia, que esteve no meu colo quando digitei a primeira palavra desta pesquisa e quando coloquei o último ponto final. Obrigada pela sua companhia, por seu amor e por nunca ter largado da minha mão enquanto eu escrevia cada linha deste texto.

À todas as mulheres cientistas que vieram antes de mim e para todas aquelas virão desde agora.

Canoa pode afundar para sempre, mas os pensamentos críticos, por mais tontos que sejam, são que nem as jangadas: viram, reviram de lado, mas infundáveis. Alguém um dia os há de retomar.

Mário de Andrade. *Diário Nacional*, 17 nov. 1929.

ZAMPELLA, Natália. Vanguarda em diluição: A *Revista Nova* (SP, 1931-1932) e os rumos do modernismo. 2025. 158 f. Dissertação (Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2025).

RESUMO

O movimento modernista brasileiro delineou-se coletivamente a partir de diferentes grupos e ideias. As revistas, caracterizadas pela agilidade e por serem espaços de socialização, foram porta-vozes privilegiadas do movimento. Ao longo da década de 1920 foi lançado um rol de títulos que colocaram em circulação diferentes percepções do que deveria se entender por modernismo. Em 1931, na cidade de São Paulo, veio a público a *Revista Nova* (SP, 1931-1932), sob a responsabilidade de destacados nomes do movimento modernista, Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado. A publicação, que sobreviveu até fins de 1932, inseriu-se em contexto político bem diverso do vigente no decênio anterior. O objetivo da pesquisa é analisar de maneira sistemática a revista como fonte e objeto de pesquisa, explorando os antecedentes que levaram à sua criação e a formação do grupo responsável por ela, e que, a despeito de seus responsáveis, não figurou entre as publicações canônicas do movimento. Assim, coube perguntar acerca do lugar que o periódico ocupou nas redes de sociabilidade dos escritores engajados na renovação estética, bem como compreender o silêncio historiográfico em torno da publicação que se anunciava como nova. Observou-se que no período de circulação da *Revista Nova*, o ímpeto revolucionário e a coesão do modernismo, tal como se manifestou em suas fases mais iniciais e radicais, estariam perdendo força provocadora, característica do início da vanguarda, tornando-se mais difundidos e fragmentando-se em diferentes vertentes. Acrescente-se, ainda, que foi a única revista do chamado grupo modernista paulista a circular em sua época, o que instigou a averiguar as singularidades da *Revista Nova* no momento em que eclodiu o movimento de 1932.

Palavras-chave: *Revista Nova*; Mário de Andrade; Paulo Prado; Antônio de Alcântara Machado; Modernismo.

ZAMPELLA, Natália. Vanguard in dilution: The *Revista Nova* (SP, 1932-1932) and the directions of modernism. 2025. 158 f. Thesis (Masters in History). School of Sciences, Humanities and Languages, São Paulo State University, Assis, 2025.

ABSTRACT

The Brazilian modernist movement was collectively outlined by different groups and ideas. Magazines, characterized by their agility and as spaces for socialization, were privileged spokespersons for the movement. Throughout the 1920s, a range of titles were launched and circulated different perceptions of what modernism should be understood as. In 1931, in the city of São Paulo, *Revista Nova* (SP, 1931-1932) was published, under the responsibility of prominent names of the modernist movement, Mário de Andrade, Paulo Prado, and Antônio de Alcântara Machado. The publication, which survived until the end of 1932, was inserted into a political context very different from that prevailing in the previous decade. The objective of the research is to systematically analyze the magazine as both a source and an object of research, exploring the antecedents that led to its creation and the formation of the group responsible for it, and which, despite its responsible figures, was not among the canonical publications of the movement. Thus, it was pertinent to inquire about the place the periodical occupied in the social networks of writers engaged in aesthetic renewal, as well as to understand the historiographical silence surrounding the publication that announced itself as new. It was observed that during the circulation period of *Revista Nova*, the revolutionary impetus and cohesion of modernism, as manifested in its initial and more radical phases, were losing their provocative force, a characteristic of the avant-garde's beginning, becoming more diffused and fragmenting into different strands. It should also be added that it was the only magazine of the so-called São Paulo modernist group to circulate at that time, which prompted an investigation into the singularities of *Revista Nova* at the moment the 1932 movement erupted.

Keywords: *Revista Nova*; Mário de Andrade; Paulo Prado; Antônio de Alcântara Machado; Modernism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Valores globais dos analíticos na base do RIC.....	32
Figura 2 – Títulos do RIC-Brasil.....	34
Figura 3 – Capa da Revista do Brasil.....	55
Figura 4 – Capa <i>A Revista</i>	56
Figura 5 – Capa da <i>Revista Nova</i>	56
Figura 6 – Contracapa da <i>Revista Nova</i>	57
Figura 7 – Anúncio da editora Spínola e Fusco	59
Figura 8 – Anúncio da editora Spínola e Fusco	60
Figura 9 – Nota sobre a ampliação do programa da <i>Revista Nova</i>	62
Figura 10 – Anúncio de alteração da periodicidade	62
Figura 11 – Anúncio da anuidade da <i>Revista Nova</i>	63
Figura 12 – Menu do jantar <i>in memorian</i> de Mário de Andrade na <i>Revista Nova</i>	65
Figura 13 – Aviso da edição comemorativa	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações elaboradoras a partir do projeto <i>A Pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira</i>	24
Quadro 2 – As revistas literárias e seus fac-símiles	27
Quadro 3 – Número de contribuições por colaborador	73
Quadro 4 – Comparação de autores singulares nas revistas modernistas	78
Quadro 5 – Colaboradores com apenas uma assinatura	81
Quadro 6 – Contribuições literárias na <i>Revista Nova</i>	85
Quadro 7 – O debate nacionalista na <i>Revista Nova</i>	97
Quadro 8 – Passado paulista na <i>Revista Nova</i>	108
Quadro 9 – Documentos históricos na <i>Revista Nova</i>	113
Quadro 10 – Produção literária na <i>Revista Nova</i>	120
Quadro 11 – Autores e contribuições na seção “Notas”	121
Quadro 12 – Ensaaios de crítica literária	122
Quadro 13 – Debates sobre etnografia e cultura popular	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 Antecedentes da <i>Revista Nova</i> : da metodologia à formação dos grupos	19
1.1. As revistas como fonte e objeto de pesquisa	21
1.2 A consagração: de <i>Klaxon</i> à <i>Revista de Antropofagia</i>	36
1.3. A formação de um novo grupo: dos democráticos à <i>Revista Nova</i>	39
1.4. A <i>Revista Nova</i> como objeto de pesquisa no projeto do IEB	49
CAPÍTULO 2 “Nada é mais velho do que uma revista velha”: a <i>Revista Nova</i> em perspectiva	52
2.1. Caracterização material da <i>Revista Nova</i>	54
2.2 Seções e conteúdo programático	66
2.3. A rede de colaboradores.....	73
CAPÍTULO 3 Entre o nacionalismo e a paulistanidade: o desafio da <i>Revista Nova</i> em repertoriar o Brasil.....	92
3.1 O desafio de repertoriar o Brasil	94
3.1.1 O nacionalismo	96
3.1.2 A paulistanidade.....	104
3.2.1 A produção literária e sua crítica	119
3.2.2 A etnografia.....	129
Conclusão.....	139
Fontes.....	143
Referências.....	143
Anexos	150
Anexo 1.....	151
Anexo 2.....	154

INTRODUÇÃO

Na historiografia brasileira a acepção do conceito de movimento modernista foi, até há pouco tempo, vinculada à Semana de Arte Moderna de 1922, como se a renovação tivesse um momento exato para ter início. Mesmo considerando que o evento paulista marca uma das possibilidades de expressão do moderno – e não sua única forma de representação – cabe lembrar que a própria noção de movimento implica, além de um espaço e tempo balizadores, participação e cooperação entre escritores, artistas plásticos e músicos em prol da defesa de ideais e valores em comum, o que não implica, por outro lado, em homogeneidade. Bem ao contrário, o combate referente à renovação estética reuniu indivíduos em torno de diferentes compreensões acerca do que se deveria entender por arte moderna, modernismo e identidade nacional.

Um processo complexo como foi o modernismo não poderia ser reduzido a uma data, personalidades ou espaços pré-estabelecidos. As articulações do movimento deram-se em diferentes momentos históricos, com proposituras, meios e formas de agir diversas. Sem dúvida é um desafio debruçar-se sobre o modernismo, passados pelo menos cem anos de sua inserção na cultura brasileira, tendo em vista que diversas foram as interpretações e reinterpretações sobre o movimento – questão que ganhou força no centenário da Semana, possibilitando reavaliações acerca da construção discursiva em torno do evento, aspecto, aliás, que não se constitui propriamente em novidade. O tema, que desde os anos 1970 ganhou a atenção da historiografia, continua a desafiar os pesquisadores, que têm proposto reconstruções e deslocamentos em torno de abordagens canonizadas e colocado no centro da cena espaços marginalizados por tradições acadêmicas.

O principal veículo de difusão de propostas modernas, não raro conflitantes, foram as revistas, caracterizadas pela agilidade e possibilidades de experimentação, caracterizando a noção de movimento, tão cara à vanguarda. As revistas configuram-se em importantes espaços de sociabilidade de intelectuais para a criação e circulação de ideias. As revistas lançadas pelos modernistas foram essenciais para a construção do próprio movimento, pois abriam espaço para a experimentação literária, o debate e, por vezes, para a produção coletiva. A efemeridade, típica desses periódicos, se por um lado remete para as dificuldades financeiras, comuns nas publicações vanguardistas, pois não visavam o mercado, por outro também diz respeito ao intenso debate, às tensões e às

rupturas internas, que davam origem a clivagens e subgrupos, afinal, “Foram as revistas que forneceram estrutura ao movimento, servindo tanto aos objetivos de difusão e arregimentação, quanto ao trabalho crítico e teórico.”¹ A transição de uma revista a outra demonstra a própria diversificação das propostas e ideais dos grupos reunidos em torno das redações, o que remete para o caráter plural do movimento, que autoriza referir-se a categoria modernismos – acepção que enfatiza o complexo caráter da experiência modernista brasileira.

A historiografia do tema elegeu seis revistas como as mais importantes para o desdobramento da vanguarda, a famosa *Klaxon* (SP, 1922-1923), diretamente vinculada à Semana de 1922, inaugurou a seara de publicações celebradas do movimento. Foi a primeira a se apropriar da estética vanguardista e quebrar padrões de visualidade. Em seguida, com os três exemplares de *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925), o movimento vanguardista se expandiu para a capital do país e incorporou novos nomes e leituras acerca da cultura nacional. As publicações continuam com três edições de *A Revista* (BH, 1925-1926), sete de *Terra Roxa... e outras terras* (São Paulo, 1926), seis de *Verde* (Cataguases, 1927-1929), e as duas fases da *Revista de Antropofagia* (SP, 1928-1929), respectivamente com dez e dezesseis números.

Parte significativa da historiografia elegeu esse rol como as publicações centrais do modernismo, deixando à margem outras, como *Novíssima* (SP, 1924-1926), com participação de nomes destacados da Semana, e *Festa* (RJ, 1927-1929, 1935), que desafiava abertamente a cronologia anteriormente apresentada. No mesmo rol pode-se citar a *Revista Nova* (SP, 1931-1932), dirigida por Antônio de Alcântara Machado, Mário de Andrade e Paulo Prado, nomes de destaque da primeira geração modernista, empenhados na renovação cultural e literária, empreendimento que não era destinado ao grande público, característica compartilhada com as antecessoras. Tal fato, porém, não foi suficiente para que a publicação recebesse atenção por parte da historiografia.

A difusão do movimento de vanguarda, iniciado a partir da Semana, aconteceu de norte a sul ao longo da década de 1920, por meio das revistas literárias, que foram tão numerosas quanto singulares em suas propostas estéticas e debates culturais. Ivan Marques, que se propôs a estudar o modernismo a partir de suas publicações periódicas, citou, à exemplo dessa variada gama de títulos *Mauriceia* (Recife, 1923), *Madrugada*

¹ MARQUES, Ivan. *Modernismo em Revista*. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p. 6.

(Porto Alegre, 1928), *Maracajá* (Fortaleza, 1929), *Arco e Flecha* (Salvador, 1928-29) e *Leite Criolo* (Belo Horizonte, 1929).² Note-se, no entanto, que as revistas, das consagradas àquelas que pouco se estudam, a temporalidade permanece restrita à década de 1920. Em trabalhos mais recentes, como é o caso de Leandro Pasini, existe uma tentativa de ampliar o olhar às revistas modernistas, em termos de localidades e temporalidades distintas, atribuindo ao movimento um caráter mais nacional do que o defendido pela historiografia dos últimos 40 anos.³

As revistas modernistas têm uma importância fundamental para a consagração do movimento a partir de diferentes grupos e projetos. Sua apropriação como fonte privilegiada do estudo do movimento alarga e redimensiona as fronteiras colocadas pela historiografia do tema e aponta para uma diluição do modernismo na vida cotidiana e intelectual, que começava a se manifestar já no início dos anos 1930 e que caracterizaria a cultura brasileira nas décadas seguintes. Nesse sentido, a *Revista Nova* surgiu após a crise de 1929 e a publicação da *Revista de Antropofagia*, e no momento que antecede a Revolução Constitucionalista de 1932, portanto em situação de intenso acirramento político e ideológico.

A falta de atenção da fortuna crítica dispendida na *Revista Nova* foi uma das questões centrais que suscitou a pesquisa, cujo intuito é, ao mesmo tempo confrontar o espaço à margem da tradição acadêmica reservado a ela, como encontrar indícios que possam revelar se ela foi, de fato, uma publicação modernista, nos termos colocados pelo debate historiográfico. Na década de 1970, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) foi o pioneiro na sistematização de fontes periódicas literárias, e produziu os primeiros estudos acerca dos impressos modernistas. Neste projeto “A Pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira”, Glória Aparecida Rodrigues Kreinz escreveu a dissertação de mestrado “*Revista Nova*: contribuição para o estudo do modernismo” (1979), que chamou atenção para as mudanças no movimento modernista, expressas nas temáticas de *Nova*, e estabeleceu continuidade com suas antecessoras. Essa pesquisa figura até hoje como o único trabalho acadêmico que deu protagonismo à revista como um veículo de difusão do modernismo paulista.

Com vistas a localizar a *Revista Nova* e seu grupo no quadro dos periódicos modernistas, no primeiro capítulo, o objetivo foi discutir metodologicamente como as

² MARQUES, *Op. cit.*, p. 7.

³ PASINI, Leandro. *Prismas modernistas*. A lógica dos grupos e o modernismo brasileiro. São Paulo, Editora Unifesp, 2022, pp. 13-54.

revistas culturais têm sido tomadas como fonte e objetos de pesquisa desde os anos 1970, a partir de três projetos: o primeiro sediado no IEB/USP; o Poéticas Contemporâneas, do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC/UFSC); e o projeto luso-brasileiro Revistas de Ideias e Cultura (RIC). Essa análise metodológica permitiu revisitar as revistas modernistas com o intuito de evidenciar a formação dos grupos em torno das publicações.

Uma vez constituída a consagração das revistas na história literária e traçada a trajetória de formação dos grupos, cabe apresentar a *Revista Nova*. Assim, no segundo capítulo o objetivo foi caracterizar materialmente a revista, de modo a precisar seu projeto editorial, ordenação do conteúdo, rede de colaboradores e temáticas mais recorrentes. Essa análise foi possibilitada pela indexação sistemática da revista na base de dados do portal RIC-Brasil.

O terceiro capítulo concentra-se na análise dos temas mais pertinentes da revista, que tem o intuito de revelar como a publicação enfrentou as principais contendas de seu tempo. Os temas, como o nacionalismo e paulistanidade, literatura e Etnografia, revelam as nuances do discurso da revista, que continuava a preservar os interesses da elite intelectual paulista, ainda que com uma roupagem diversa do que foi visto na década anterior.

A efervescência cultural e artística que marcou o início do século XX no Brasil encontrou nas revistas um fértil terreno para a disseminação de novas ideias e a consolidação do movimento modernista. Publicações consagradas como *Klaxon* e a *Revista de Antropofagia* desempenharam um papel crucial na radicalização das vanguardas e na afirmação de um projeto estético inovador. Contudo, a década de 1930 testemunhou transformações significativas no cenário cultural, levantando questionamentos sobre a continuidade e as reconfigurações do modernismo em um novo contexto histórico e social. Nesse cenário de transição, emerge a *Revista Nova* objeto central desta investigação. Longe da radicalidade da primeira fase modernista, a *Nova* se apresenta como um ponto de inflexão, suscitando a seguinte problemática historiográfica: de que maneira a *Revista Nova*, em seu breve período de existência, sinaliza os rumos e as possíveis "diluições" das vanguardas modernistas no Brasil?

Para responder a essa questão, a presente dissertação se propõe a analisar a *Revista Nova* em suas múltiplas dimensões, desde sua materialidade e conteúdo programático até a rede de colaboradores que a constituíram. Busca-se compreender como a revista se

posicionou em relação ao legado modernista, como tentou articular um projeto de representação do Brasil – tensionado entre o nacionalismo e a identidade paulistana – e, em última instância, quais os limites e as contradições que marcaram essa tentativa de repertoriar a nação em um período de significativas mudanças culturais e políticas.

CAPÍTULO 1

Antecedentes da Revista Nova: da metodologia à formação dos grupos

As diferentes metodologias adotadas no estudo de revistas culturais possibilitam sistematizar o conhecimento sobre a construção dos impressos modernistas enquanto fontes privilegiadas do movimento. O pioneiro projeto realizado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) nos anos 1970 e a série de reedições facsimilares, também da mesma década, estão entre as primeiras empreitadas que recolocaram em circulação os periódicos da década de 1920, bem como atribuíram importância acadêmica ao material. Outro projeto que utiliza as fontes periódicas impressas é o Poéticas Contemporâneas, do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da Universidade de Santa Catarina (NELIC/UFSC), que, diferente do projeto do IEB, parte de outra metodologia, em diálogo com ferramentas digitais, novidade ainda pouco difundida no momento de seu surgimento. Já na contemporaneidade, cabe destacar o projeto Revistas de Ideias e Cultura, que configura a terceira forma de sistematizar o conteúdo de revistas culturais, que se beneficia dos avanços em termos de recursos informacionais e na qual a presente pesquisa se ancora. A primeira parte do texto retoma esse percurso de forma detida.

Em seguida, o objetivo foi revisitar as revistas modernistas, estudadas anteriormente no projeto do IEB, tomando-as em perspectiva diacrônica, e não enquanto periódicos isolados, de modo a evidenciar a sucessão de títulos que, se lidos em conjunto, revelam sobre a construção do modernismo na década de 1920. Além do mais, a proximidade dos lançamentos convida a análises sincrônicas. Este caminho permite evidenciar a formação de diferentes grupos reunidos em torno das redações, as cisões e clivagens entre eles, e, sobretudo, em que medida a conjuntura política e cultural que caracterizou a passagem dos anos 1920 para a década de 1930 propiciou o lançamento da *Revista Nova*, primeira folha modernista que se associa abertamente aos movimentos políticos da época.

*“O passado é lição para se meditar, não para reproduzir”
Mário de Andrade.*

1.1. As revistas como fonte e objeto de pesquisa

As revistas culturais do século passado se constituem em fontes privilegiadas para o acesso às diferentes manifestações da cultura letrada. Consideradas como espaços de experimentação e difusão de conhecimentos, tecem a história de seu próprio tempo – sua temporalidade é, inevitavelmente, o contemporâneo. Os periódicos modernistas da década de 1920 se consolidaram na historiografia brasileira por serem ao mesmo tempo vetores de reflexão das novidades modernas,⁴ e estruturadoras do próprio movimento em si. Retornar a essas revistas, passados cem anos do lançamento de *Klaxon* (SP, 1922-1923), a primeira publicação do grupo modernista de 1922, é tanto um desafio quanto uma possibilidade para discutir a trajetória do movimento que se consolidou, sobretudo, a partir da palavra escrita.⁵

A primeira década do modernismo foi marcada por uma série de revistas que eram consideradas as porta-vozes do projeto da vanguarda. O quadro dos periódicos permite visualizar a rapidez com que se dava a sucessão de uma revista à outra. Tão logo fundadas, circulavam por períodos de, no máximo, dois anos e logo eram substituídas por outra, tornando-se verdadeiros laboratórios de escrita. A continuidade dessas revistas revela o compromisso de jovens escritores com a renovação do cânone literário, a pretensão de construir um conjunto intelectual atualizado com as nações modernas e dar coesão à identidade nacional.

As revistas modernistas não se caracterizam por serem pontos de partida ou chegada, mas pelo papel de mediadoras de caminhos a percorrer. Foram pontos de inflexão, lugares de encontro entre intelectuais que buscavam dar sentido para suas inquietações; instrumentos de agitação e propaganda das mais variadas ordens e, em maior ou menor grau, hoje nos permitem conhecer as vicissitudes do cenário cultural.

⁴ MARQUES, *Op. cit.*, p. 14.

⁵ Há pelo menos quarenta anos o conceito de modernismo deixou de estar estritamente vinculado à vanguarda paulista e à efeméride da Semana de Arte Moderna de 1922. Desde as primeiras revisões do movimento, nos anos 1940, atribuiu-se ao grupo paulista de 1922 a batuta de fundadores e vetores do modernismo, um fenômeno cultural que acontecia no Brasil desde meados do século XIX. Sobre a questão, ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, p. 22-30. Para a finalidade deste trabalho, o presente texto utilizará o conceito de modernismo de modo a identificar e caracterizar o grupo de autores e obras paulistas, que se manteve mais ou menos coeso entre os anos de 1922 e 1932, apesar das dissidências internas, que não cabe retomar.

No Brasil, desde a década de 1970, pesquisadores voltaram a atenção às revistas culturais, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre os periódicos e mobilizá-los para compreender aspectos relativos à história da imprensa e da cultura, das ideias e da inteligência brasileira. A relativa incipiência de investigações fomentou o desenvolvimento de novas metodologias acerca do uso das revistas como fontes dotadas de particularidades e não apenas como receptáculos de informações.

É importante tomar os periódicos como lugares de formação intelectual e de sociabilidade de determinada época. De maneira singular, os periódicos ao mesmo tempo que estão permeados por sua realidade histórica, podem apresentar semelhanças de linguagens e referenciais artísticos, estéticos, literários ou políticos quando comparados com seus congêneres contemporâneos (sincronia). Ao localizarmos estes periódicos no amplo quadro da história dos impressos (diacronia),⁶ proporciona-se “ao leitor a visão de um tempo em movimento.”⁷

O primeiro projeto historicamente importante foi proposto por José Aderaldo Castello, na década de 1960, a partir do acervo Mário de Andrade, sob guarda do IEB-USP, cujo recorte temporal compreendia periódicos românticos e modernistas. Com o intuito de realizar um levantamento de fontes periódicas para a investigação do desenvolvimento de movimentos literários brasileiros, do século XIX até meados do XX, o projeto “A Pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira” deu origem a 30 teses e dissertações que se encarregaram do estudo sistemático das revistas e foi pioneiro na metodologia de pesquisa relativa aos impressos culturais. Valendo-se de procedimentos metodológicos inovadores, as pesquisas enfatizaram a importância das revistas como vetores de “ideias críticas, métodos e ideologias.”⁸

O projeto estava ancorado em metodologia que previa duas etapas, com roteiros específicos e bastante complexos e que espelha práticas de pesquisa vigentes quando o uso do computador pessoal ainda não se disseminara. O primeiro roteiro, que previa a organização dos dados em fichas, era destinado à pesquisa sobre a revista e denominava-se “Roteiro de Pesquisa para o estudo de um periódico como expressão de ‘Grupo’ ou de

⁶ As diferenças, nesse caso, também incidem sobre o lugar que os periódicos culturais ocupavam no contexto de sua circulação, uma vez que demonstram expressões divergentes do que se pode considerar como o cânone nos impressos. Um exemplo concreto a este respeito pode ser observado no estudo acerca da *Revista Brasil*, em: LUCA, T. R. *Leituras, projetos e (re)vistas do Brasil...* Ed. Unesp, 2011, pp. 6-11.

⁷ GUEDES, Joana Veiga Malta Correia. *Da narrativa histórica à história digital: Estudo da edição digital da revista "A Águia"*. (Tese de Doutorado). Lisboa, Portugal. Universidade Nova de Lisboa – FCSH, 2021, p. 39.

⁸ SILVA, Margaret A. W. O Projeto de Estudos de Periódicos do IEB da USP. *Revista do IEB*, SP, n. 21, 1979. p. 117.

Movimento”, e previa as seguintes etapas: 1) Levantamento bibliográfico; 2) Leitura e fichamento de bibliografia; 3) Elaboração das fichas de leitura; 4) Leitura e fichamento do periódico; 5) Leitura e fichamento das obras dos integrantes do grupo ou do autor; 6) Esquema básico para o desenvolvimento da monografia sobre o periódico. Cada item do roteiro era dividido em subitens, com vistas a orientar passo a passo a pesquisa.⁹ O detalhamento justificava-se frente à intenção de garantir uniformidade no trato dos diferentes periódicos, o que garante a comparabilidade entre as pesquisas realizadas e a solidez dos resultados produzidos pela equipe do projeto.

O segundo roteiro orientava a realização de entrevistas com os remanescentes do grupo responsável pelo periódico e exigia uma série de estudos prévios, tanto da obra do entrevistado como de temas afins a ele ou a sua atuação no movimento. De acordo com Petry, essa fase da análise valorizava muito mais a atuação do grupo ou autor específico do que propriamente o suporte periódico.¹⁰

A partir de metodologia cuidadosa, em que todos os pesquisadores se valiam dos mesmos processos de pesquisa, as teses e dissertações elaboradas no âmbito do projeto, além de contribuírem com novos métodos para o tratamento das revistas e apontar para as singularidades e especificidades de cada periódico,¹¹ foram responsáveis por, conforme diagnóstico de Margaret Abdulmassin, elaborar “uma história do modernismo brasileiro feita a partir de dados extraídos de fontes primárias – no caso, os periódicos.”¹² Tal contribuição propiciou, além de abertura no campo dos estudos do modernismo, que permitiu atribuir importância aos periódicos que circularam na primeira metade do século XX, um convite à comparação entre eles e a rever seus significados. Os resultados incentivaram outras pesquisas com periódicos, que privilegiaram essas fontes no estudo dos movimentos literários, não necessariamente vinculados ao projeto liderado pelo Prof. Castello, mas nele inspirado.¹³ A digitalização e disponibilização de acervos de grandes

⁹ Detalhes do roteiro em: CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis de Oliveira. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1970, p. 5-15.

¹⁰ PETRY, Fernando F. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz: arquivo Rosa-Cruz revisitado* (Dissertação de Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2011, p. 80-81.

¹¹ LUCA, Tania R. de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

¹² SILVA, Margaret A. W. O Projeto de Estudos (...), 1979, p. 118.

¹³ Um exemplo desse estímulo suscitado pelo projeto pode ser visto em: ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. Pesquisa que foi defendida em 1981 no IEB, orientada pela Prof. Telê Ancona Lopez. O estudo do autor não se limita ao estudo descritivo de uma revista e o seu contexto, mas uma análise de três periódicos que circularam nas décadas de 1930 e 1940: *Revista Acadêmica* (1933-1948), *Cultura Política* (1941-1945) e *Literatura* (1946-1948).

hemerotecas, a exemplo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, abriram inéditas possibilidades de acesso e incentivou pesquisas com esse tipo de documentação, além de fomentar o diálogo com as Humanidades Digitais, área do saber que pretende contribuir com novas metodologias de pesquisa, diversa das imperantes no mundo analógico.

A Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) foi lançada em 2012 e reúne o maior acervo de jornais e revistas digitalizados do país, provenientes das coleções da Biblioteca Nacional. O consulente pode consultar um título específico e, o que é particularmente interessante, realizar pesquisas por palavras em todos os exemplares. O pesquisador pode, ainda, percorrer todo o conjunto de impressos periódicos utilizando a ferramenta e especificar datas ou espaços geográficos.¹⁴

Quadro 1 – Teses e dissertações elaboradas a partir do projeto *A Pesquisa de Periódicos na Literatura Brasileira*.¹⁵

Periódico	Título de trabalho	Nível	Pesquisador	Orientador	Defesa
<i>Klaxon</i> (SP, 1922-1923)	<i>Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo</i>	Doutorado	Cecília de Lara	Prof. Dr. José Aderaldo Castelo	1972
<i>Revista do Brasil</i> (SP, 1922-1924)	<i>A Revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional</i>	Mestrado	Martha Livia Volpe Orlov	Profa. Dra. Cecília de Lara	1981
<i>O Mundo Literário</i> (RJ, 1922-1926)	<i>O Mundo Literário: um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro</i>	Mestrado	Eneida Maria Chaves	Profa. Dra. Cecília de Lara	1977
<i>Novíssima</i> (SP, 1923-1926)	<i>Novíssima: contribuição para o estudo do modernismo</i>	Mestrado	Maria Lúcia Fernandes Guelfi	Profa. Dra. Cecília de Lara	1982

¹⁴ Nos últimos 20 anos, diversas bibliotecas nacionais têm dado destaque aos projetos de digitalização de seu acervo, disponibilizando, além de periódicos, documentos de natureza variada, mapas, iconografias, partituras, obras de referência, objetos da cultura material, graças à tecnologia em três dimensões. Sobre o tema, ver: GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência: a hemeroteca digital brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

¹⁵ Os títulos listados na tabela não configuram na totalidade de periódicos analisados no projeto do IEB, trata-se de seleção relativa apenas de periódicos modernistas. Há outras oito pesquisas que contemplam as revistas românticas e simbolistas, a saber: *Minerva Brasiliense* (RJ, 1843-1845), *Guanabara* (RJ, 1849-1856), *A Semana* (RJ, 1885-1888; 1893-1895), *Revista Brasileira* (RJ, 1895-1899), *Rosa Cruz* (RJ, 1901-1904), *Nova Cruzada* (Salvador, 1901-1910), *Kosmos* (RJ, 1904-1909), *Via Láctea* (Salvador, 1911-1912).

<i>Estética</i> (RJ, 1924-1925)	A revista <i>Estética</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Maria Célia de Moraes Leonel	Profa. Dra. Cecília de Lara	1979
<i>A Revista</i> (BH, 1925-1926)	<i>A Revista</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Margaret Abdulmassih Wood da Silva	Profa. Dra. Cecília de Lara	1985
<i>Terra Roxa e outras terras</i> (SP, 1926)	<i>Klaxon & Terra Roxa e outras terras</i> : dois periódicos modernistas de São Paulo	Doutorado	Cecília de Lara	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1972
<i>Revista do Brasil</i> (RJ, 1926-1927)	<i>Revista do Brasil</i> – 2ª fase: contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Marilda Aguiar Balieiro Ikeda	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1975
<i>Festa</i> (RJ, 1927-1928; 1934-1935)	<i>Festa</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Neusa Pinsard Caccese	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1971
<i>Verde</i> (Cataguases, 1927-1928; 1929)	<i>Verde</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Kátia Bueno Romanelli	Profa. Dra. Cecília de Lara	1981
<i>Revista de Antropofagia</i>	Vanguarda antropofágica	Doutorado	Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1979
<i>Arco e Flexa</i> (Salvador, 1928-1929)	<i>Arco e Flexa</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Ívia Iracema Duarte Alves	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1978
<i>Movimento Brasileiro</i> (RJ, 1929-1930)	<i>Movimento Brasileiro</i> : contribuição para o estudo do modernismo	Mestrado	Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1978
Periódicos pernambucanos	A Imprensa em Pernambuco na década de 1920	Doutorado	Neroaldo Pontes de Azevedo	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1984
<i>Revista Nova</i> (SP, 1931-1932)	<i>Revista Nova</i> : contribuição para o	Mestrado	Glória Aparecida	Prof. Dr. José	1979

	estudo do modernismo brasileiro.		Rodrigues Kreinz	Aderaldo Castello	
<i>Novidade</i> (Maceió, 1931)	A revista <i>Novidade</i> : contribuição para o estudo do modernismo em alagoas	Mestrado	Arriete Vilela Costa	Prof. Neroaldo Pontes de Azevedo (UFPB)	1979
<i>Lanterna Verde</i> (RJ, 1934-1944)	<i>Lanterna Verde</i> e o modernismo.	Mestrado	Roselis de Oliveira Napoli	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1970
<i>Clima</i> (SP, 1941-1945)	<i>Clima</i> : contribuição da linha espiritualista para o estudo da literatura brasileira.	Mestrado	Maria Neuma Barreto Cavalcante	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1979
<i>Revista Brasileira de Poesia</i> (SP, 1947-1956)	<i>Revista Brasileira de Poesia</i> : contribuição para o estudo do modernismo brasileiro	Mestrado	Maria Marcelita Pereira Alves	Prof. Dr. José Aderaldo Castello	1979

Fonte: Elaborado a partir de SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. O Projeto de Estudos de Periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. *Revista do IEB*, n. 21, p. 117-122, 1979.

Foram selecionados apenas os periódicos modernistas contemplados no projeto, que abarcam desde *Klaxon* (SP, 1922-1923) e até a *Revista Brasileira de Poesia* (SP, 1947-1956). Cabe chamar atenção para as datas de defesa, o que permite relacionar a data de elaboração do trabalho e as reedições fac-similares de alguns títulos na década de 1970.

Os projetos editoriais dos fac-símiles destas revistas recolocaram em circulação as publicações da década de 1920. Os cinquenta anos da Semana de Arte Moderna talvez esteja entre os fatores que motivaram relançamentos pois, como se observa na tabela abaixo, várias das revistas ganharam nova vida. A *Revista de Antropofagia* (SP, 1928-1929), *Klaxon* e *Terra Roxa... e outras terras* (SP, 1926) foram lançadas pela editora paulistana Martins, em parceria com a Secretaria da Cultura de São Paulo, comandada por José Mindlin,¹⁶ em 1975, 1976 e 1977, respectivamente. A *Revista* (BH, 1925-1926)

¹⁶ Embora não se associe diretamente às outras publicações fac-similares, elas podem ter sido inspiradas na iniciativa da Metal Leve. Em 1975, Mindlin foi convidado pelo então governador do Estado de São Paulo, Paulo Egydio, para ocupar a Secretaria de Cultura Ciência e Tecnologia, onde atuou até o ano de 1976, e que também viabilizou novas reedições das revistas modernistas. Deixou o cargo por desavenças

e *Verde* (Cataguases, 1927-1929) voltaram a circular em 1978 com o patrocínio da Metal Leve, então propriedade de Mindlin. No Rio de Janeiro, *Estética* (RJ, 1924-1925), em 1974, saiu pela Gernasa e Prolivro, enquanto *Festa* (RJ, 1927-1929; 1931-1934) veio a público em 1980, pela PLG-Comunicações e Inelivro.

O cinquentenário da Semana de 1922 marcou um consenso público acerca da importância do evento para a história cultural brasileira.¹⁷ Em plena Ditadura Militar, a memória da Semana também foi mobilizada pela propaganda nacionalista, produzida por órgãos federais e estaduais, que investiram em celebrações. Foi a partir desse momento que se criou a imagem canonizada do que seria o modernismo brasileiro, pelas pinturas de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, os panfletos feitos por Di Cavalcanti, as reedições das revistas modernistas e, poucos anos antes, pela adaptação de *Macunaíma* para o cinema, em 1969 e a montagem de *O rei da vela* (1967) no Teatro Oficina.

Quadro 2 – As revistas literárias e seus fac-símiles

Título	Local	Editora	Ano	Pesquisa no IEB
<i>Estética</i> (RJ, 1924-1925)	RJ	Gernasa, Prolivro	1974	1979
<i>Revista de Antropofagia</i> (SP, 1928-1929 e 1929)	SP	Abril Cultural, Metal Leve	1975	1979
<i>Klaxon</i> (SP, 1922-1923)	SP	Martins, Secretaria da Cultura	1976	1972
<i>Terra Roxa... e outras terras</i> (SP, 1926)	SP	Martins, Secretaria da Cultura	1977	1972
<i>A Revista</i> (BH, 1925-1926)	SP	Metal Leve	1978	1985
<i>Verde</i> (Cataguazes, 1927-1928 e 1929)	SP	Metal Leve	1978	1981
<i>Festa</i> (RJ, 1927-1929; 1931-1934)	RJ	PLG-Comunicações, Inelivro	1980	1971

Fonte: LUCA, Tania Regina de. A construção do ideal modernistas: o lugar das revistas. In: FLORES; PIAZZA (Org.) *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p. 226.

ideológicas, principalmente após a morte de Vladimir Herzog, que fora nomeado por ele para a direção de jornalismo da Fundação Padre Anchieta

¹⁷ COELHO, Frederico. *A semana sem fim*. Celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, pp. 109.

Em 1975, ao completar 25 anos de existência, a Metal Leve decidiu comemorar investindo na reimpressão de alguns títulos, tendo em vista que Mindlin era dos mais importantes bibliófilos do país e possuía o original de vários títulos. Além dos periódicos modernistas, também publicaram a *Revista da Sociedade Philomática* (SP, 1833). A relação do bibliófilo com o modernismo se deu desde os anos 1930, quando começou a trabalhar n’*O Estado de S. Paulo* e conviver com Guilherme de Almeida, Antônio de Alcântara Machado, entre outros. Embora seja contemporâneo de todos os vanguardistas de 1922, e tenha visto de perto o desenvolvimento do movimento, não se associou diretamente a eles ou ao modernismo, visto que não era escritor, mas sempre manteve uma relação cordial e de admiração com os escritores do movimento.¹⁸ Cumpre destacar que as reedições feitas tanto pela Metal Leve quanto pela Secretaria de Cultura não compreendem nenhum periódico carioca, reforçando o viés da paulistanidade do modernismo, que nos anos 1970 configurava-se como um campo em disputa.

Parte significativa da historiografia elegeu esse rol (ver tabela 2) como as publicações centrais do modernismo, deixando à margem outras, como *Novíssima* (SP, 1924-1926), com participação de nomes destacados da Semana de 1922, *Festa* (RJ, 1927-1929, 1931-1934), que desafiava abertamente a cronologia anteriormente apresentada, além da *Revista Nova* (SP, 1931-1932). O movimento difundiu-se de norte a sul do país por meio das revistas, que foram tão diversas quanto numerosas.¹⁹

Há de se observar a permanência dos mesmos títulos, tanto nas pesquisas realizadas pelo IEB quanto nas edições fac-similares, o que pode apontar para delimitação específica do que se compreende por periódicos modernistas, mas, também, pelo escopo escolhido a partir dos acervos do instituto. A eleição destes seis periódicos não configura a totalidade de revistas lançadas em prol do movimento – como se vê na pesquisa do IEB, que reúne um número maior de periódicos e para além do Sudeste. Na verdade, elas remetem para aquelas que ganharam mais visibilidade, em função dos grupos que estavam

¹⁸ José Mindlin e Antonio Cândido conversaram sobre as relações que mantinham com os modernistas em entrevista a Walnice Galvão, ver: GALVÃO, Walnice Nogueira. Antonio Candido e José Mindlin, *Literatura e Sociedade*, n. 14 vol. 12, pp. 38-58. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i12p38-58>.

¹⁹ Ivan Marques faz uma seleção de alguns títulos que normalmente fogem ao cânone estabelecido, como os títulos *Mauriceia* (Recife, 1923), *Madrugada* (Porto Alegre, 1928), *Maracajá* (Fortaleza, 1929), *Leite Criolo* (BH, 1929). MARQUES, Ivan. Modernismo em revista [...], pp. 17. De modo semelhante, Leandro Pasini atribui à fatura modernista impressos ainda menores e de quase ínfima circulação e debate, como *Maracanan* (Maceió, 1928), o semanário *Novidade* (Maceió, 1931), *Samba* (Salvador, 1928-1929), *Arco & Flexa* (Salvador, 1928-1929), *Cipó de Fogo* (CE, 1931), dentre outras. PASINI, Leandro. *Op. cit.* 2022, pp. 13-54.

em torno de suas redações e que, no limite, eram formados por nomes do eixo São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte, sobretudo.

Note-se, no entanto, que a temporalidade dos projetos fac-similares permanece circunscrita à década de 1920, enquanto o projeto de pesquisa do IEB estudou revistas que ultrapassam a paradigmática década modernista. Conhecidos como a fase heroica do movimento, os anos 1920 foram palco das experimentações e renovações no campo da literatura e das artes plásticas, dando forma ao que conhecemos hoje como a vanguarda do modernismo. Vale ressaltar que essa é uma ideia que foi construída ao longo do tempo e que ganhou força na historiografia produzida a partir dos anos 1950.

Outra forma de pesquisa com os impressos, já utilizando ferramentas digitais, foi levada a efeito no NELIC/UFSC no final dos anos 1990 e objetivava “refletir sobre a constituição dos cânones na área da literatura e da cultura, bem como analisar as mudanças de olhar que configuram o objeto literário e sua função.”²⁰ Dentro do NELIC, o projeto Poéticas Contemporâneas, coordenado pela Professora Maria Lúcia de Barros Camargo, tem o intuito de realizar a indexação de periódicos literários e culturais em base de dados e disponibilizar *on-line* os resultados. O projeto priorizou os impressos lançados a partir da década de 1970, em consonância com o acervo sob a guarda do Núcleo, e trabalha com o gerenciamento de vocabulário controlado.

O Núcleo surgiu, de acordo com a própria coordenadora, a partir das dificuldades de sistematização de periódicos das décadas de 1970 e 1980, que tinham como marca principal a efemeridade e encontravam-se, muitas vezes, dispersos. Tratava-se, portanto, de “lidar com uma história ainda não escrita, com juízos críticos não sedimentados, com material semovente e, por isso mesmo, extremamente desafiador,”²¹ de modo a dar atenção às literaturas não consagradas pelo cânone literário. Nesse sentido, observa-se a diferença em relação ao trabalho desenvolvido por Castello pois, de saída, houve a necessidade de se constituir um acervo de periódicos literários, a partir da lacuna mencionada pela professora Maria Lúcia, em parte consequência da própria natureza desses impressos, que se distinguiam por circularem em espaços mais “periféricos”.

O desafio do projeto é o de constituir “uma ferramenta de indexação de periódicos que visa produzir dados auxiliares à pesquisa” e, diferentemente do projeto do IEB, “não

²⁰ Para saber mais sobre o projeto: < <https://nelic.ufsc.br/inicio/> > Acesso em: 20 de fev. 2024.

²¹ CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. *Continente Sul-Sur*. Porto Alegre, n. 2, nov. 1996, pp. 113.

visa dar conta do periódico em si, por completo.”²² Nesse sentido, o uso das ferramentas digitais destinava-se a gerenciar, de forma mais eficiente, a organização dos dados e produzir relatórios gerais. Por não tomarem roteiros específicos de pesquisa, os trabalhos que surgem a partir do Poéticas Contemporâneas promovem diferentes possibilidades de análises e leituras, propiciando novos questionamentos às fontes.

Realizado em temporalidade distinta (anos 1990), o projeto do NELIC também se debruça sobre periódicos de outro momento, a década de 1970, avançando, desta forma, em relação ao recorte do IEB. A problemática do arquivo, no NELIC, é um ponto de partida para os pesquisadores, que propõem outra leitura dos periódicos a partir das propostas de Jacques Derrida.²³

As preocupações centrais do projeto Poéticas Contemporâneas dizem respeito à circulação, divulgação, construção e conservação dos periódicos, bem como questionar as tradições crítico-teóricas que circundam a cultura contemporânea.²⁴ Questões que estão diretamente ligadas aos propósitos do próprio NELIC, que além de constituir-se de um espaço físico, com acervo, consolidou um importante grupo de pesquisa na área de Crítica Textual e Literária.

A metodologia digital de indexação apresenta facilidade técnica de produzir dados a partir do cotejo de diferentes periódicos que, se colocados em análise síncrona, podem apontar para diferentes leituras e permitir a visualização de relações difíceis de serem percebidas na pesquisa analógica. Assim é o Portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC) do Seminário Livre de História das Ideias, da Universidade de Lisboa, que surgiu no final de 2015, sob coordenação do Professor Luís Manuel Crespo de Andrade. Com vocação interdisciplinar, conjuga domínios diversos a exemplo da história, da ciência da informação e da edição digital. O RIC, de acordo com Joana Malta, pesquisadora do projeto “[...] não tem como primeiro objetivo a disponibilização de revistas em linha *tout*

²² PETRY, Fernando. *O cão e o frasco* (...), 2011, p. 82. O autor, pesquisador do NELIC, produziu sua dissertação de mestrado a partir da comparação das metodologias de pesquisa com periódicos – A Pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira do IEB e o Poéticas Contemporâneas do NELIC. O objeto comparativo foi a revista simbolista *Rosa-Cruz* (RJ, 1901-1904), estudada por Antônio Dimas, em 1970, sob orientação do Prof. Castello. O intuito de Petry foi o de “instrumentalizar o cotejamento entre as duas metodologias”, de modo a “discutir a própria metodologia do projeto [Poéticas Contemporâneas] ao contrapô-la ao roteiro de pesquisa do projeto do IEB.” PETRY, Fernando. *O cão e o frasco*, (...) 2011, p. 11-12.

²³ DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

²⁴ CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Op. cit.* pp. 113.

court, mas a construção de um instrumento analítico de indexação dos seus conteúdos sob um quadro disciplinar da história cultural e das ideias.”²⁵

O procedimento adotado pelo RIC, do acesso virtual às revistas, atrelado a uma metodologia de indexação já apresenta a mudança de suporte, que deixa de configurar-se como o próprio objeto material, tornando-se uma representação digital da fonte, que é lida e interpretada a partir de instrumentos escolhidos.²⁶ Segundo Chartier (1998), a “revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.”²⁷ O mesmo pode estender-se para o caso dos periódicos, que passam também pelo processo de mudança tecnológica, e, portanto, material, quando indexados, digitalizados em base de dados ou até mesmo produzidos de forma totalmente digital. Os impactos dessa revolução na leitura e na edição ainda não estão bem definidos para o campo das Humanidades Digitais, pois, se por um lado existe o fato da maior acessibilidade ao conhecimento, de fontes e arquivos, por outro lado também fica evidente o distanciamento entre autor/pesquisador-texto-leitor, que se veem mediados por uma série de instrumentos.²⁸

Michel de Certeau afirmou que “cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios,”²⁹ de modo que, frente à virada tecnológica, torna-se imperante pensar as metodologias digitais não apenas como facilitadoras, mas enquanto introdutoras de novos desafios no que respeita à leitura e interpretação de documentos históricos, de modo a transformar epistemologicamente a produção do conhecimento, visto que abrem novas oportunidades de investigação, ainda que não dispensem procedimentos consagrados antes da digitalização.

Desde seu lançamento, o RIC Portugal reúne 28 revistas relativas ao movimento Renascença Portuguesa, modernismo português e movimento anarquista, indexadas segundo um conjunto de analíticos.³⁰ Foram cadastrados 42.503 artigos, que totalizam

²⁵ GUEDES, Joana Veiga Malta Correia. *Da narrativa histórica à história digital: Estudo da edição digital da revista "A Águia"*. (Tese de Doutorado). Lisboa, Portugal. Universidade Nova de Lisboa – FCSH, 2021, p. 189.

²⁶ Idem.

²⁷ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial. 1998, p. 13.

²⁸ A disponibilização de fontes impressas no meio digital causa outra gama de problemas, tais como a, leitura, apropriação e preservação de documentos. O método da indexação não se configura propriamente como uma novidade das tecnologias digitais, o problema, antes, estava no grau de detalhes que podiam ser coligidos na análise; hoje a recolha de dados pode operar em grandes escalas.

²⁹ CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 77.

³⁰ Os títulos são: *A Construção Moderna* (1900-1919), *Sociedade Futura* (1902-1904), *Nova Silva* (1907), *A Sementeira* (1908-1919), *A Águia* (1910-1932), *A Mulher Portuguesa* (1912-1913), *A Vida Portuguesa* (1912-1915), *Orpheu* (1915), *Contemporânea* (1915-1926), *Eh Real!* (1915), *Atlântida* (1915-1920),

85.952 analíticos computados. O portal possui duas entradas: as revistas que foram indexadas com analíticos e revistas disponibilizadas em formato digital, como em hemerotecas digitais, que ainda devem passar pelo procedimento de indexação. Essas duas frentes do portal somam 85 títulos digitalizados e disponibilizados para consulta.³¹ Todo o material coligido pelo RIC é original e são aceitos no portal coleções completas.

Figura 1 – Valores globais dos analíticos na base do RIC

Tabela 4: Universo de elementos recolhidos pelo RIC¹

Elementos	Contagens
Revistas digitalizadas ²	85
Imagens ³	191 174
Artigos	42 305
Analíticos	
Autores singulares de artigos	6 251
Autores colectivos de artigos	70
Conceitos	3 165
Assuntos	13 361
Nomes singulares citados	29 683
Nomes colectivos citados	7 149
Obras citadas	19 573
Nomes geográficos	6 694

¹ Dados actualizados em Fevereiro de 2023.

² Dos 85 títulos digitalizados, 28 têm associados analíticos recolhidos para a totalidade da revista (dados na tabela 1).

³ O número de imagens corresponde à totalidade das revistas digitalizadas.

Fonte: RIC Portugal em números. Disponível em: < <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/in-numbers> >

Acesso: 20 ago. 2024.

A primeira tarefa do pesquisador é o registro detalhado dos analíticos, que são os dados relativos a cada um dos artigos. É justamente a leitura cuidadosa e o registro dos elementos na base de dados que geram os dados relativos à revista, que podem ser contrapostos a outros periódicos já cadastrados. Os procedimentos metodológicos relativos à descrição do impresso obedecem aos seguintes protocolos: 1) *Nomes Singulares* de personalidades ou não, incluindo seus pseudônimos (ex. Mário de Andrade – pseudônimo Leocádio Pereira); 2) *Nomes Coletivos* dizem respeito a associações, grupos ou instituições (ex. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro); 3) *Assuntos* que

Germinal (1916-1917), *Exílio* (1916), *Centauro* (1916), *Sphinx* (1917), *A Tradição* (1917), *Portugal Futurista* (1917), *Seara Nova* (1921-1984), *Suplemento de A Batalha* (1923-1927), *Athena* (1924-1925), *Renovação* (1925-1926), *Princípio* (1930), *Cadernos da Juventude* (1937), *Sol Nascente* (1937-1940), *Atitude* (1939), *Ler* (1952-1953), *KWY* (1958-1963), *Pirâmide* (1959-1960), *O Tempo e o Medo* (1963-1984).

³¹ Dos 85 títulos digitalizados, 57 ainda precisam ser associados aos analíticos. Esse número foi atualizado em fevereiro de 2023.. < <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/in-numbers> > acesso em 20 ago. 2024.

sejam abordados no artigo (ex. Semana de Arte Moderna de 1922); 4) *Conceitos* a respeito dos temas abordados (ex. República); 5) *Geográficos* países, cidades, ruas (ex. Rua do Ouvidor); 6) *Obras* que sejam citadas, como livros, revistas, músicas, peças teatrais etc. (ex. *Revista de Antropofagia*).³²

Após o registro detalhado dos componentes de cada artigo, a indexação é revisada por pesquisador vinculado ao projeto, cuja função específica é validar as informações cadastradas a partir de cuidadosa verificação da indexação de cada artigo. Tal procedimento assegura que os diferentes participantes do projeto adotem critérios semelhantes, sobretudo no que concerne à distinção entre conceitos e assuntos, que demanda particular atenção. Assim, o projeto também acaba por constituir *thesaurus* relativos a cada um dos analíticos.

Além do cadastro dos analíticos na base de dados, para cada periódico é organizada a seção Magasin,³³ que reúne materiais relativos à publicação: documentos de outras naturezas, estudos contextuais (artigos, teses, livros etc.), entrevistas, depoimentos, cartas, fotografias etc. Ao proporcionar aos que consultam o site elementos que extrapolam a publicação em si, a seção permite aos interessados, conhecer a fortuna crítica relativa a cada periódico, mas também os debates em torno da revista no momento de sua publicação. Assim, além da bibliografia essencial sobre o título, objetiva-se fornecer dados acerca da recepção e dos debates que envolveram o periódico no momento de sua circulação, bem como as memórias dos protagonistas. A proposta da seção é a etapa que mais se assemelha ao projeto proposto por Castello, que tinha em seu horizonte necessidade de mapear o universo externo às publicações.

O grupo de pesquisa “Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX”, liderado por Isabel Lustosa e Tania Regina de Luca, no evento “Revistas em revista, desafios e balanços: historicidade, interdisciplinaridade, circulação”, realizado em 2019 na Casa de Rui Barbosa, teve como convidado o Prof. Luís Andrade, diretor do RIC. Nesta ocasião, ao apresentar ao público brasileiro a iniciativa do portal português, as trocas então estabelecidas levaram à proposição do RIC Brasil, que se consolidou graças à parceria da Universidade Nova de Lisboa com a

³² Para realizar a recolha dos dados, o RIC fornece treinamento para todos os pesquisadores, que utilizam do manual próprio “Aplicação RIC para recolha, organização e visualização de analíticos”, orientando detalhadamente a indexação.

³³ A escolha deveu-se ao fato de o termo em francês, proveniente do árabe *mahazin*, remeter originalmente a entreposto ou depósito diversificado de mercadorias. A palavra consagrou-se em diferentes línguas, com pequenas variações de grafia, para referir-se às revistas. No caso do RIC, trata-se de um conjunto diversificado de documentos relativos às publicações disponibilizadas no site.

BBM/USP, que possui o original das revistas modernistas dos anos 1920. No projeto envolveram-se os pesquisadores Tania de Luca, coordenadora do RIC Brasil, Antonio Dimas e Ana Luiza Martins.³⁴

Lançado ao público em 2022, em comemoração ao centenário da Semana de Arte Moderna, o website *Portal Revistas de Ideias e Cultura. Revistas Modernistas Brasileiras*, conta com 6 revistas digitalizadas e indexadas, 1019 artigos e 387 autores cadastrados – informações provenientes do banco de dados. O desafio atual é ampliar o escopo do portal e incorporar outros títulos que não os canônicos, ampliando a abrangência espaço-temporal dos periódicos indexados.³⁵

Figura 2 – Títulos do RIC-Brasil.

Revistas RIC Brasil				
Revistas	Ano de início	Ano de fim	Número de artigos ¹	Número de imagens digitalizadas ²
Klaxon	1922	1922	143	194
Estética	1924	1925	65	367
A Revista	1925	1926	86	180
Terra Roxa e Outras Terras	1926	1926	110	32
Verde	1927	1929	192	204
Revista de Antropofagia	1928	1929	423	96

¹ Consideram-se artigos todas as peças publicadas. Desta forma, incluem-se editoriais, textos literários, aforismos, publicidade, entre outros tipos de peças.

² O número de imagens digitalizadas corresponde aproximadamente ao número de páginas das coleções integrais das revistas, devendo ser, nas situações em que esses valores não são idênticos, superior, já que inclui páginas não numeradas, como as capas e contracapas.

Fonte: Revistas RIC Brasil. Disponível em: < <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/in-numbers> > Acesso em: 20 de ago. 2024.

O processo de indexação é exaustivo, pois se trata de esmiuçar todo o conteúdo do periódico, desde ensaios e artigos até pequenas notas ou imagens, que permite ao pesquisador assenhorar-se da fonte e que sejam geradas informações de natureza quantitativa. Parte dos dados estão disponíveis para consulta pública, enquanto elementos estatísticos mais complexos, como cruzamento de conceitos e assuntos entre diferentes

³⁴ Para saber mais sobre as parcerias estabelecidas, ver: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/foreword/presentation> Acesso em: 20 ago. 2024.

³⁵ Das revistas que estão em processo editorial para publicação, constam: *Novíssima* (1923-1926), *Festa* (1927-1935), *Arco & Flexa* (1928-1929), *Revista Nova* (1931-1932) e *Clima* (1941-1944).

periódicos, exigem conhecimento mais profundo da base e domínio de procedimentos estatísticos.

Embora o processo de indexação pareça mera coleta quantitativa de palavras, ele induz o pesquisador a refletir, no caso específico do modernismo, acerca da construção de diferentes projetos em torno do moderno, as aproximações, disputas e clivagens entre os diferentes grupos e como se estabeleceu a rede de sociabilidade dos intelectuais. A contraposição de dados das revistas permite que se acessem informações que dificilmente seriam possíveis com métodos analógicos, além de identificarem permanências e rupturas nas semânticas conceituais de diferentes títulos.

A ferramenta da indexação na base de dados do RIC já tem auxiliado pesquisadores a desenvolverem pesquisas de mestrado e doutorado, com diferentes objetivos e a partir de aspectos distintos. Por ser uma base em constante atualização, o cruzamento que pode ser feito é múltiplo e sempre instiga novas pesquisas, mesmo com fontes e objetos já explorados pela historiografia. Destaco aqui duas pesquisas cujo aporte metodológico proveio do RIC e que trazem novas contribuições para periódicos já amplamente estudados: a dissertação de mestrado de Luciana Francisco, defendida na FCL/Assis em 2021, *Os debates sobre o modernismo nos periódicos A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926) e Verde (Cataguases, 1927-1928;1929)*; e a tese de doutorado de Joana Malta Guedes *Da narrativa histórica à história digital: Estudo da edição digital da revista A Águia*, também de 2021, junto à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

A metodologia do RIC, portanto, está sustentada nos seguintes domínios: o bibliográfico, no mapeamento das informações pela indexação sistemática na base de dados; e o tecnológico, na disponibilização dos dados em ambiente virtual. Esses domínios, quando conjugados, viabilizam as análises dos dados quantitativos gerados a partir da indexação da fonte no Portal.

O princípio do RIC não difere, em termos gerais, da metodologia pioneira de Castello, pois ambos se baseiam em critérios rígidos e pré-estabelecidos para realizar a leitura e a compilação de dados. No caso dos roteiros estabelecidos pelo projeto de 1970, deve-se ressaltar que ele está na origem de uma metodologia específica para o trato com os periódicos, que deu origem a um conjunto muito significativo de trabalhos de mestrado e doutorado, que possibilitaram abertura para novas acepções acerca da história da literatura.

Se a articulação entre recolha, tratamento e organização das informações seguem outros parâmetros, também se alteram as formas de ler e as possibilidades de confrontar, configurando novos desafios epistemológicos, o que está muito além da noção de facilidade, normalmente associada às pesquisas com material digitalizado, mesmo que contribuam para a sistematização de pesquisas.

1.2 A consagração: de *Klaxon* à *Revista de Antropofagia*

A década de 1920 foi marcada por uma significativa atuação dos modernistas no universo cultural, das artes plásticas às publicações periódicas, que acabaram por se constituírem como vetores do projeto da vanguarda. As revistas modernistas, ao mesmo tempo que foram numerosas e surgiram de norte a sul do país, caracterizavam-se por serem instrumentos de propaganda de curta duração, circulando por pouco tempo e atingindo uma quantidade relativamente pequena de leitores. No entanto, tal prognóstico não foi impeditivo para que essas publicações despontassem vez ou outra no cenário nacional: a incessante manutenção dessas revistas “tinha significação em si mesma, na medida em que representava um espaço próprio, gerido e sustentado por escritores que se insurgiam contra os valores dominantes.”³⁶

Tal insurgência pode ter origem nas disputas de forças do campo intelectual em relação a demarcação de diferentes leituras acerca do papel do modernismo. Com o fim de *Klaxon*, a primeira revista do grupo modernista de São Paulo e o início de *Estética* (RJ, 1924-1925), sob a direção de Sergio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, mas ainda mantendo forte diálogo com o grupo de São Paulo, já é possível acompanhar as clivagens entre os grupos, que se dividiam entre a publicação carioca e a *Revista do Brasil* (SP, 1916-1923; 1923-1925; 1927; 1938-1944), na subfase Paulo Prado³⁷: “redução da tradição e na qual se tratava do que se pretendia impor como novo cânone, e a *Revista Estética*, arena de disputas entre os próprios modernos”.³⁸

³⁶ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, (re)vistas e (...)*, 2011, p. 52.

³⁷ Entre janeiro de 1923 e junho de 1925, a *Revista do Brasil* caracterizou-se pela sub-fase dirigida por Paulo Prado, que, em fins de 1922 tornou-se sócio do periódico. Após Monteiro Lobato deixar a direção para gerenciar a Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, que seria a maior editora de seu período, a revista, sob a direção de Prado, tornou-se um importante espaço para a divulgação dos modernistas. Sobre o assunto, ver: LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Ed. Unesp, 1998, pp. 60-85.

³⁸ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, (re)vistas e (...)*, 2011, p. 29. Ressalte-se que as contendas em torno de *Estética* estão relacionadas ao alijamento de Graça Aranha na publicação, que, à despeito de ter proposto

De *Klaxon* à *Revista de Antropofagia* (SP, 1928-1929) as arregimentações e os projetos do modernismo, iniciados com a *Semana*, multiplicaram-se, assim como as revistas que se caracterizavam por serem as porta-vozes de diferentes grupos. Em 1924, o movimento sofreu a primeira ruptura significativa com o núcleo de 1922 a partir da publicação do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade que, segundo a historiografia predominante, foi o responsável por inaugurar o segundo tempo do movimento, caracterizado “como uma fase de construção”³⁹ propriamente dita, visto que o grupo de 1922 acertou o “relógio império da literatura nacional,”⁴⁰ na sua busca por ombrear a produção literária brasileira e as vanguardas europeias. O manifesto pode ser considerado um momento de reorientação do movimento, que passou a se engajar na valorização do primitivo e na promoção de modelos culturais próprios, por meio de pesquisas estéticas sobre a cultura popular.

A partir da organização do grupo Pau-Brasil, o modernismo começou a sofrer importantes rupturas e clivagens. Em 1925 surgiu em Belo Horizonte *A Revista*, primeira articulação dos mineiros e que marca uma importante inflexão na história do movimento, pois indica a interiorização da vanguarda, processo que foi decisivo para a reorientação do projeto. Com o relógio sincronizado, “era possível ser regional, no sentido de ser nacional, e puro, no sentido de ser autêntico, na sua época.”⁴¹ De volta às publicações paulistas, em 1926 veio à público *Terra Roxa e outras terras*, cuja pauta era a busca de uma brasilidade lastreada pela herança do “espírito modernista” e em claro diálogo com a vertente Pau-Brasil.

Em que pese o fato de a busca pela nacionalidade ser tema recorrente na agenda dos modernistas, o ano de 1926 também assinala a inserção da vertente Verde-Amarela, liderada por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia no rol de interpretações sobre o Brasil. Com proposta marcada pelo ufanismo e anticosmopolitismo, os verde-amarelos contavam com um argumento acerca da valorização da intuição para a apreensão da realidade, marcando uma posição anti-intelectualista.⁴²

o nome da revista e oferecido o manifesto, se viu rapidamente isolado de Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto.

³⁹ JARDIM, Eduardo. Apontamentos sobre o modernismo. *Estudos Avançados*, n.36, vol. 104, 2022, p. 8.

⁴⁰ ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. RJ: Civilização Brasileira. Obras completas, v. 6, 1972, p. 9.

⁴¹ JARDIM, *Op. cit.*, p. 8.

⁴² Sobre o tema, ver: ZEM EL-DINE, Lorena Ribeiro. *A alma e a forma do Brasil: o modernismo paulista em verde-amarelo (anos 1920)*. (Tese de Doutorado) Fundação Oswaldo Cruz, 2017.

Adepto de uma postura também intuitiva de apreensão da realidade brasileira, Oswald de Andrade começou a reorientar sua posição com vistas a construir novas perspectivas de apropriar o Brasil, ancoradas em análise mais intuitiva. Já esboçado no Manifesto de 1924, Oswald reelabora em 1928 sua perspectiva de renovação estética com o *Manifesto Atropófago*, publicado no número de abertura da *Revista de Antropofagia*. Essa nova fase de apropriação crítica de modelos culturais para a promoção da renovação estética brasileira, fortalece visão de mundo não eurocêntrica.

Em 1929, Mário e Oswald de Andrade romperam definitivamente, com ambos demarcando suas posturas e projetos de modernismo em caminhos diferentes, o que acabou por afetar o movimento paulista. Uma relação que se desgastava desde a publicação do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. Um dos episódios mais emblemáticos dessa ruptura entre os Andrades está estampado nas páginas da *Revista de Antropofagia*, que, ao final da primeira dentição, já começara a ter Mário de Andrade como alvo de seu radicalismo, acabando por colocar fim à “festa modernista”, que se arrastava desde 1922.⁴³

Não apenas Mário fora alvo de ridicularizações, mas, de modo geral, escritores mais alinhados a ele, como Antônio de Alcântara Machado, Paulo Prado e Carlos Drummond de Andrade foram objetos de ironia na revista. A segunda dentição da *Antropofagia* circulou como uma espécie de suplemento literário do *Diário de São Paulo* (SP, 1929-1979), empreendimento de Assis Chateaubriand, oposicionista e promotor da causa aliancista. Se na primeira fase da revista, Antônio de Alcântara Machado figurava como diretor da folha, na fase seguinte, Oswald de Andrade e Oswald Costa – diretores da publicação – o substituíram por Geraldo Ferraz, situação que desagradou Alcântara Machado.⁴⁴

A disputa travada entre os Andrades pela direção do movimento, resultou no rompimento entre os dois. Alvo de duras críticas e de jocosidade, Mário foi rebaixado pelo grupo de Oswald à mero colecionador de lendas amazônicas e alusões à sua sexualidade foram usadas de modo a desvalorizá-lo. Paulo Prado também não saiu ileso de críticas na *Antropofagia* e, assim como Mário, rompeu com Oswald. Essas desavenças e rupturas consolidam dois caminhos para o movimento: a linha antropofágica, liderada

⁴³ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

⁴⁴ Carta de Antônio de Alcântara Machado a Alceu Amoroso Lima. BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na Encruzilhada*. Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002, p. 83.

por Oswald, Tarsila do Amaral e Patrícia Galvão e a linha daqueles cujo epicentro era Mário de Andrade,⁴⁵ que reuniu em torno de si sólida rede de sociabilidade, que lhe garantiu lugar de destaque nos rumos do movimento.

No decênio de 1930, as publicações expressavam a diversidade de posições. Oswald e Patrícia Galvão fundaram o jornal *O Homem do Povo* (1931), de curtíssima duração, e alinharam-se ao Partido Comunista ainda no início da década. Já Mário, Antônio de Alcântara Machado e Paulo Prado fundaram a *Revista Nova*, de espírito amplo alinhada com as demandas do Partido Democrático, do Estado de São Paulo e comprometida com pesquisa sobre a cultura brasileira.

1.3. A formação de um novo grupo: dos democráticos à *Revista Nova*

A partir da articulação dos profissionais liberais da burguesia, setores médios urbanos e parte da classe operária, em 1926 foi fundado o Partido Democrático de São Paulo (PDSP), cuja principal disputa era travada com a oligarquia que dominava São Paulo e a política brasileira. O objetivo do partido era opor-se, nas urnas, ao Partido Republicano Paulista (PRP), à época principal partido do país e representante das famílias tradicionais. De início, o PD apoiou a Aliança Liberal e subscreveu a pauta da Revolução de 1930, visto que as propostas iam ao encontro de suas demandas – derrocada da oligarquia paulista pelo enfraquecimento do protagonismo do PRP. Valendo-se do *Diário Nacional* (SP, 1927-1932), veículo de imprensa do partido, denunciou sistematicamente as irregularidades do PRP e proclamou-se defensor da liberdade e da democracia.⁴⁶

Mário de Andrade, simpatizante da legenda, escreveu semanalmente, ao longo de cinco anos, nas páginas do jornal. No artigo de 1929, “Democráticos”, posicionou-se em relação à atitude política dos modernistas, observando o compromisso dos expoentes do movimento frente às atividades políticas e sociais da época. Considerou a fundação do PD resultado da ampliação do “movimento de renovação brasileira, aberto faz mais ou menos dez anos”. Na sua avaliação:

Ora, se não me engano foi Graça Aranha quem primeiro falou entre nós que esse movimento de renovação brasileira, aberto faz mais ou menos dez anos, tinha que abraçar todos os campos da atividade humana pra ser razoável e não

⁴⁵ Sobre a posição de Mário de Andrade como epicentro do movimento modernista ver: SILVA, Mauricio T. da. *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no grupo dos cinco*. São Paulo, Edições SESC, 2022.

⁴⁶ Sobre a história do Partido Democrático de São Paulo, ver: PRADO, Maria Lígia Coelho. *Democracia ilustrada: o partido democratico de São Paulo (1926-1934)*. São Paulo: Atica.

se restringir às roças da especulação estética. Isso é muito justo e implica verificar que entre nós era e é grande a incapacidade do artista em tomar atitude ante os fenômenos da vida pública, especialmente política.⁴⁷

Na avaliação de Mário, desde a proposição do movimento em 1922, os artistas filiados ao modernismo estiveram mais dedicados às “especulações estéticas” e às contendas em torno dos grupos, do que propriamente “servindo às ideias sociais, filosóficas, científicas, estéticas, econômicas, debatidas no tempo nosso”⁴⁸. Compreendendo as transformações que o modernismo passava naqueles anos, o movimento democrático mostrou-se como a oportunidade para um novo espaço de sociabilidade dos modernistas, alguns se associando aos quadros do partido.⁴⁹

Ainda que não esteja totalmente clara as relações do Partido Democrático com o movimento modernista, não se pode perder de vista que o *Diário Nacional* publicou diferentes escritores modernistas, que contribuíram com variados temas.⁵⁰ Carentes de publicação própria desde o fim de *Terra Roxa*, viram na folha do PD uma possibilidade de fazer chegar a uma parcela mais ampla da sociedade suas propostas estéticas e políticas. Foi nesse contexto que Paulo Prado, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado juntaram-se para lançar uma revista que trouxesse à baila, além dos interesses paulistas, o debate político aliado ao modernismo e à pesquisa sobre a cultura brasileira.

Em 1930, Paulo Prado já havia publicado suas duas obras *Paulística* (1925) e *Retrato do Brasil* (1928), ambas investigando as origens da nacionalidade, articulando a ideia de passado-futuro na história do Brasil. O empresário, que fazia às vezes de historiador diletante, ao retornar de sua longa estadia na Europa, abria a sua casa – e coleção de arte – para receber a intelectualidade. Sabe-se de seu papel na organização da semana como importante financiador. Em 1923, assumiu a direção da *Revista do Brasil*, onde permaneceu até o seu fechamento em 1925, em função da falência dos negócios de Monteiro Lobato, proprietário da publicação. Esteve entre os fundadores e financiadores de *Terra Roxa* e, quando esteve à frente da *Revista Nova*, já era considerado historiador, em consonância com os padrões então vigentes no campo. Em 1931, pleno governo provisório, foi nomeado pelos democráticos para assumir a presidência do Conselho

⁴⁷ ANDRADE, Mário. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005, p. 133.

⁴⁸ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 134.

⁴⁹ Nomes como Tácito de Almeida, Prudente de Moraes, neto, Paulo Prado, Antônio de Alcântara Machado e Mário de Andrade estavam associados diretamente ao Partido Democrático.

⁵⁰ Contribuíram para o *Diário Nacional*: Sérgio Milliet – gerente do jornal a partir de 1929 –; Mário de Andrade, semanalmente; Manuel Bandeira; Antonio de Alcântara Machado;

Nacional do Café – órgão importante para a manutenção dos interesses paulistas, sobretudo em função da crise de 1929 que se abateu sobre o setor.

Nos editoriais que escreveu na *Revista Nova* criticou a adesão paulista à causa revolucionária e o autoritarismo de Vargas, Paulo Prado demonstrava inconformismo com a situação vigente e, com 62 anos de idade, não lutou no movimento de 1932 ou tomou parte de qualquer articulação clandestina. Em testemunho, Prado se posiciona:

Sempre fui da extrema esquerda. Desde o *Retrato*. À vista, porém do fracasso da revolução – ou antes dos homens da revolução – parece-me que o país ainda não estava preparado para reformas radicais – para a tábua rasa sobre a qual pretendíamos levantar o novo edifício do Brasil revolucionário. Temos de fazer uma contramarcha, que nos livre da guerra civil inevitável, ou das competições de militarismo tipo sul-americano. É a luta pelo que se chama a constitucionalização do país, é a luta contra a anarquia. Dentro dela tudo é possível, a própria modificação radical das estruturas política e social da nação. Não impomos ideias, não preconizamos reformas. Queremos simplesmente pôr em ordem os nossos negócios, e dar ao Brasil uma trégua que permita aos nossos homens públicos administrar.”⁵¹

Cumprir destacar que, à despeito de sua posição social e histórico familiar, o primeiro envolvimento direto de Paulo Prado em questões de política partidária fora sua filiação ao PDSP junto a seu pai, então dirigente do partido. Sempre mantivera postura republicana, criticando o governo perrepista de Washington Luís, e, após a publicação de *Retrato*, autoproclamou-se de “extrema esquerda”. No entanto, Prado representa muito mais uma figura de mediação entre a elite econômica e os círculos intelectuais e artísticos, do que propriamente alguém dotado de posicionamentos encerrados. Nunca deixou de reforçar a sua imagem como capitalista, e tão logo definiu-se de “extrema-esquerda”, defendeu “uma contramarcha [à Revolução de 1930], com o objetivo de pôr os negócios em dia e administrar”.⁵²

No caso de Antônio de Alcântara Machado, o jovem modernista de 30 anos à época do lançamento da *Revista Nova*, não participou na Semana de 1922, mas manteve laços estreitos com os periódicos modernistas. Valia-se de assuntos cotidianos da cidade de São Paulo para construir sua obra, como se verifica em *Brás*, *Bixiga e Barra-Funda* (1928) e *Laranja da China* (1929). Ao lado de Paulo Prado e Antônio Carlos Couto de Barros, esteve à frente de *Terra Roxa*, bem como na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, junto a Oswald de Andrade.

⁵¹ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Org. Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 12.

⁵² WALDMAN, Thais Chang. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. (Dissertação de Mestrado) FFLCH-USP, São Paulo, 2010, pp. 46.

Foi certamente um dos principais articuladores da *Nova*, visível tanto pela sua correspondência, como na carta abaixo, enviada a Prudente de Moraes, neto, como no seu compromisso enquanto um escritor que leva a sério seu papel de agente da renovação literária.

S.O.S S.O.S. A *Revista Nova* está morrendo por falta de alimento sadio e abundante. Realmente estamos lutando com falta de originais. Já fiz vários apelos diretos. Peço a você que faça outros.⁵³

Se Mário de Andrade fora um dos principais articuladores de 1922, seu papel em 1930 já tinha posição dominante e de reconhecimento como um dos expoentes do movimento. Com a obra já desenvolvida desde meados da década de 1920, Mário tinha ao seu entorno uma rede de sociabilidade⁵⁴ muito profícua: a partir da Rua Lopes Chaves, manteve contato com escritores de norte a sul do país, e até a sua morte 1945 essa rede tornou-se cada vez mais complexa. Tal sociabilidade no entorno de Mário é fruto do seu trabalho e projeto pedagógico no modernismo, conquistando sua posição de centralidade, ao criar com seus interlocutores, “cumplicidade através da experiência compartilhada”,⁵⁵ observada em toda a sua obra epistolar. Ao definir a sua posição como central no movimento, suplanta-se a ideia de que atuara como “o líder autodenominado ou eleito”, mas:

[...] pensá-lo epicentral implica lidar com a gravitação de suas ações em um registro de significado que abrange, e a um só tempo suplanta, a ideia da liderança, justo ao realçar o protagonismo cultural e intelectual que construiu para si; mas, inclusive, ao criar dissensos também, ao romper e sedimentar inimizades.⁵⁶

Assim como Alcântara Machado, que manteve fortes relações com as revistas, Mário é considerado o mentor da maioria dos periódicos modernistas. De acordo com os dados no portal Revistas de Ideias e Cultura Brasil, contribuiu com 55 textos nas revistas, de *Klaxon* à *Revista de Antropofagia*.⁵⁷ À época do lançamento da *Revista Nova*, trabalhava muito: de acordo com Jason Tércio, em 1929 tinha seis livros

⁵³ MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pressão afetiva & aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932)*. Org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano Lemos: EDUC, 1997, pp. 144-146.

⁵⁴ Sobre o conceito de rede de sociabilidade, ver: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. [Org.] *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, pp. 231-269.

⁵⁵ MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de jamais aconselhar*. A epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007, p. 217.

⁵⁶ TRINDADE, Maurício. *Mário de Andrade: epicentro*, [...], pp. 25.

⁵⁷ *Klaxon* (23); *Estética* (6); *A Revista* (2); *Terra Roxa* (9); *Verde* (8); e *Revista de Antropofagia* (7). Fonte: Portal Revistas de Ideias e Cultura Brasil. Índices gerais. https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/index/aut_0000010668/author Acesso em: 20 abr. 2024.

esquemáticos,⁵⁸ continuava como professor no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e recebeu convite de Paulo Prado para integrar a direção de um periódico diferente dos anteriores, que “não pretendia ser uma panelinha paulistana-carioca, e sim ter abrangência nacional, com textos sobre história, folclore, arte sociologia.”⁵⁹

Mas, além da produção de suas próprias obras, Mário de Andrade ainda se caracterizava pela sua determinante atuação epistolar, dispendendo atenção aos jovens escritores que solicitavam a ele uma palavra de incentivo ou um conselho. Sua contribuição pode ser vista nas próprias correspondências endereçadas a diferentes contemporâneos, e ainda na década de 1920 já era devotado mestre, como mostra em carta de 1934 a José Osório de Oliveira:

Faz 15 anos que minhas cartas pros amigos respiram sempre esse ideal que estou mesmo realizando: ser útil, e eu posso orgulhosamente dizer que jamais saiu uma palavra pública de mim, meramente jogada pelo prazer inefável de pensar. Esse individualismo eu escorracei completamente de mim.⁶⁰

Ao tomar por base o percurso traçado por Sérgio Miceli, é possível perceber que os editores da *Revista Nova* têm origens distintas, o que também pode ser observado pela forma como articularam a produção do impresso. Paulo Prado, filho da velha oligarquia paulista, poderia representar a fatura mais conservadora do periódico, figura que aparece como interlocutor entre a geração de 1870 e a de 1920, mas que ao mesmo tempo vinculava-se desde 1922 ao modernismo. Antônio de Alcântara Machado, por seu turno, pertencia àquelas importantes famílias que se especializavam por gerações⁶¹: formou-se bacharel em direito, participou como assessor na Assembleia Nacional Constituinte (1933-4) e tivera nas relações políticas do pai, a gestão do capital social da família.⁶² Por fim, Mário de Andrade, caracterizado pelo autor como o “primo pobre”, contara com as relações familiares por parte de sua mãe, como a parcela de maior relação social que dispunha. Não cursara direito e nem vinha de berço tradicional; foi, no entanto, o mais polivalente dos escritores e intelectuais ao seu entorno, conquistando, à despeito de sua

⁵⁸ TÉRCIO, Jason. *Em busca da alma brasileira*. Biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019, pp. 306-307. Escrevia, de acordo com o autor, *Na Pancada do Ganzá, Café* (1955), *Dicionário Musical Brasileiro*, *Contos de Belazarte* (1934), *Gramatiquinha da fala brasileira*, *Modinhas imperiais* (1930).

⁵⁹ Idem., pp. 323.

⁶⁰ MORAES, Marcos A. de. Epistolografia e projeto nacionalista em Mário de Andrade. *Gragoatá*, Niterói, n. 15, 2. sem. 2003, pp. 56.

⁶¹ MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 104.

⁶² Idem, pp. 108-109.

origem, o lugar central do movimento, sendo reconhecido pelos seus atributos intelectuais.

A partir da caracterização dos editores, evidencia-se que a *Revista Nova* reuniu indivíduos de diferentes gerações e heranças familiares, mas unidos em torno de desafios compartilhados. Compreende-se que a revista se beneficiou dessa diversidade, que a projetava entre diferentes grupos.⁶³ De certa forma, o agrupamento de 1922 em torno de *Klaxon* repetia-se em *Nova*, ainda que os objetivos e o contexto histórico fossem diversos daquele imperante em 1922. Se havia remanescentes da primeira revista, a que surgiu nos anos 1930 podia contar com uma cena cultural muito mais diversificada e o periódico configurou-se, então, como o principal impresso a aglutinar modernistas no início da década. Entretanto, a revista não se constituía em mera continuidade, pelo contrário, de fato o impresso marcou o fim do ciclo de publicações iniciado na década anterior.

Em que pese o fato de o movimento em São Paulo se articular a partir da vanguarda, sobretudo de 1922, com a virada da década e a tensa conjuntura política, os modernistas paulistas traçam novos rumos e, com a mudança da hegemonia do poder, novos caminhos se abriram para a intelectualidade. Assim como a *Revista do Brasil* intencionava “suscitar uma tomada de consciência por parte de uma nova geração de intelectuais e políticos da oligarquia,”⁶⁴ o grupo em torno da *Revista Nova* também estava interessado em colocar em marcha outro itinerário para o movimento, mais consciente, construtivo e inclusivo.

No momento de fundação, os três modernistas eram simpatizantes do Partido Democrático. A revista situa-se no limite entre o primeiro ciclo de publicações vanguardistas, de 1922 até o refluxo 1929 com o fim de *Antropofagia*, cujo encerramento foi marcado pela introdução de um novo tempo de produções de revistas culturais e literárias.⁶⁵ Caracterizou-se por ser uma publicação que trouxe à tona o novo roteiro do modernismo,⁶⁶ que tinha no horizonte as grandes questões da realidade nacional – pauta

⁶³ Penso a forma dos grupos de acordo com Pasini: “[...] A noção de grupo, contudo, tem caráter dinâmico, pois o seu eixo é a relação entre um consenso quanto à finalidade (no caso do texto de Mário, a pesquisa estética sobre a realidade brasileira) e a diversidade de meios e caminhos pelos quais se busca atingir determinado fim. Um grupo, desse modo, constitui um conjunto de singularidades que funciona com originalidade e dinâmica própria” PASINI, Leandro. O prisma dos grupos: a difusão nacional do modernismo e a poesia de Augusto Meyer. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v.25, n.2, 2016, pp. 179.

⁶⁴ MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 90.

⁶⁵ LUCA, Tania Regina de. Um repertório do Brasil: tradição e inovação na *Revista Nova* (1931-1932). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13, jul.-dez. 2006, p. 107.

⁶⁶ LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

mais ou menos urgente desde o movimento de 1930. Tratava-se de periódico cultural, engajado na questão da compreensão da realidade nacional, temática que, se não era propriamente diversa daquela que mobilizava a vanguarda, seguia trajetória distinta.

Lançada em momento de transição e instabilidade política, a conjuntura que marcou a *Revista Nova* foi o movimento desencadeado em outubro de 1930, considerado como marco da mudança política na história da república brasileira.⁶⁷ O processo histórico da derrocada da oligarquia paulista marca o fim de um tempo, considerado como antigo e desgastado, em contraposição a uma “República Nova”, que se apresentava com rosto e propostas diferentes. Esse tempo da “República Velha”, apresentado pelos novos donos do poder como ultrapassado, arrastou-se, nessa leitura, desde 1889, com a Proclamação da República. Os ocupantes do Catete insistiam na ideia de revolução liderada por Getúlio Vargas, cujo grande feito seria o de desequilibrar o arranjo vigente no campo político, enfraquecendo as oligarquias latifundiárias, sobretudo a paulista, que havia sido um dos principais esteios do agora se conspirava ultrapassado.

De acordo com Lafetá, houve mudança de ênfase no programa estético dos anos 1920, privilegiando-se, na década seguinte, o projeto ideológico, ou seja, aquele que discute a função da literatura e as articulações entre política e arte,⁶⁸ justamente as características que particularizam a *Revista Nova*. Nessa perspectiva, as contendas enfrentadas no decênio de 1930 já não mais diziam respeito ao debate em torno das novas linguagens ou da experimentação estética, visto que a vanguarda de 1922 ampliou-se e, no decorrer ainda do referido decênio, dominou a cena cultural da época.

[...] O decênio de 1930 viu, com efeito, o alargamento das práticas literárias e artísticas, transformando aos poucos em padrão de uma época o que era considerado manifestação de pequenos grupos vanguardistas. [...] Era a revolução entrando na rotina.⁶⁹

A rotinização do movimento em 1930, da forma como aponta Antonio Candido,⁷⁰ ocorreu a partir da descentralização da vanguarda reunida em São Paulo, que se espalhou para diferentes regiões do país, com diversidade de proposituras e experiências. E, mesmo

⁶⁷ Ver: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1969; CAPELATO, Maria Helena R. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981; CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991; GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2002; LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶⁸ Idem, pp. 28-33.

⁶⁹ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Todavia, 2022. p. 10-11.

⁷⁰ CANDIDO, Antônio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973, p. 131.

que se possa observar esse movimento de mudança nas páginas da revista, que já propunha um programa diferente de suas antecessoras e teve uma tendência a ampliar e descentralizar a rede de colaboradores, não se pode atribuir a ela o ponto de inflexão do modernismo, visto que sua duração foi bastante breve e que se ancorou, pelo menos no que respeita à materialidade, em modelos consagrados por antecessoras, além do fato de ainda estar impregnada da retórica paulista.⁷¹

O título da revista, somado à identidade visual, pouco revelavam ao leitor acerca do teor da publicação. A *Revista Nova* trazia em seu título uma intenção não velada, se tratava de uma revista nova para um novo tempo e uma nova República, com estética pouco inovadora. No entanto, logo abaixo das letras vermelhas e em caixa alta, apareciam os nomes já conhecidos e ligados à vanguarda, de modo que o empreendimento podia ser interpretado como herdeiro de projetos vanguardistas. Cumpre refletir se, de fato, a *Revista Nova* configurava-se como novidade, seja pela materialidade, objetivos, temática, direção e quadro de colaboradores.

A esse respeito, Beatriz Sarlo abre a possibilidade de questionar o sentido sintático das revistas culturais como produtos marcados por sua conjuntura, mas não encerrados nela. Ao colocar a questão nesses termos, a autora põe em perspectiva a historicidade das revistas, que captam os movimentos de seu próprio tempo. Tendo em vista as congêneres latino-americanas – mas que se estende perfeitamente para o caso específico das revistas modernistas brasileiras – Sarlo atribui como característica essencial dos periódicos culturais a aspiração de serem uma presença imediata na atualidade, uma vez que interferem na esfera pública, atuando como um espaço de organização, de alinhamento e conflito.⁷² Uma vez deslocadas de sua temporalidade, as revistas:

(...) envejecen de un modo casi patético: lo que promovieron cuando formaban parte del presente ya há sido incorporado a la cultura común y esta allí, en los libros, en las instituciones o en las prácticas. Lo que no lograron imponer, se muestra con la triste evidencia de un fracasso que fue, en su momento, una apuesta perdida. (...) Son objetos que han perdido su aura, porque, en verdad, toda su autenticidad esta en um presente, en el que siguen incrustadas, pero que se há convertido en passado.⁷³

⁷¹ A questão da retórica paulista na *Revista Nova* é tema do capítulo 3. Para saber mais, ver: ANHEZINI, Karina. Entre o imperativo do arquivo e a retórica bandeirante: a constituição de um saber científico para a invenção do paulista. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 349–372, 2021.

⁷² SARLO, Beatriz. *Op. cit.* pp. 9-11.

⁷³ Idem, pp. 10.

Os acertos e os erros das revistas podem sempre ser visto pelas capas e sumários, de acordo com Sarlo, que se constituem em testemunhos de um momento determinado, a respeito do qual os historiadores devem tomar cuidado para evitar os anacronismos. Esse é um dos principais aspectos que denotam a herança recebida de suas congêneres: a apresentação dos sumários, que aparecem tomando quase toda a capa. Com o intuito de divulgar o conteúdo do número, apresenta-se, de forma sucinta, o nome do artigo e seu autor. O índice organiza-se em duas partes: primeiro, os artigos e ensaios publicados, logo abaixo seguem-se as seções, sem adiantar o seu conteúdo. Os sumários, quando analisados em conjunto, revelam uma revista sóbria, estruturada e com projeto editorial bem definido.

Poucos dias antes de seu lançamento, em 8 de março, a revista foi apresentada ao público por meio de nota no *Diário Nacional* que expôs os principais objetivos da nova publicação, que, além de constituir-se em uma revista de síntese do Brasil contemporâneo, nos moldes da *Revista do Brasil* e preencher o espaço deixado desde o fim de sua circulação em 1927, esperava “retomar e propagar as tradições dessas revistas [*Revista do Brasil* e *Revista Brasileira* (RJ, 1895-1899)] que se tornaram em suas épocas legítimos padrões da cultura brasileira”.⁷⁴ A nota ainda indicava que todas as correntes de pensamento, até mesmo as mais antagônicas, poderiam ser acolhidas pela revista, pois surgiria como um espaço de discussão de ideias.

Informações sobre a *Nova* foram estampadas no mesmo jornal dois dias antes de seu lançamento, em 13/03/1931, dessa vez revelando um pouco mais sobre o teor programático da revista e desassociando o impresso de manifestação reducionista do movimento:

O seu título de *Revista Nova*, não significa absolutamente que a revista venha jungida a qualquer tendência modernista extemporânea, pois é pensamento dos seus diretores fazer dela apenas uma expressão de cultura brasileira, propiciando um local de debate em que todas as orientações espirituais dos nossos tempos, e do Brasil em particular, possam se desenvolver com amplitude.⁷⁵

Ressalte-se a ideia do modernismo como uma “tendência extemporânea”, inapropriada para o novo tempo que se manifestava. Essa ideia não necessariamente dialoga com a percepção mais ampla do movimento no decênio de 1930, – que ainda se mantinham mais ou menos estáveis em relação aos progressos que conquistara na década

⁷⁴ *Diário Nacional*, 08 de mar. 1931.

⁷⁵ *Diário Nacional*, 13/03/1931.

anterior – era, sobretudo, o ponto de vista do *Diário Nacional* e do grupo formado em torno do partido, que já atribuía outro sentido ao modernismo. No entanto, tal posição ainda se caracteriza de modo inusitado, visto que escritores modernistas compunham o corpo de colaboradores do jornal. De modo que nos induz a pensar que a apresentação fora escrita por alguém que não seja necessariamente associado ao movimento.

Ponto assente, talvez o mais relevante para pensar o teor da *Revista Nova*, foi a sua deliberada tentativa de ocupar o espaço deixado pela *Revista do Brasil* na imprensa cultural paulista. De grande circulação e impacto, a revista idealizada por Júlio de Mesquita Filho em 1916, que permaneceu à sua frente até 1918, foi um dos periódicos culturais mais relevantes para a história da imprensa brasileira. A *Revista do Brasil* surgiu com o intuito de construir uma visão nacionalista de país, atenta ao importante debate da época, cuja intenção era “dar um sentido de conjunto ao país, incutir no seu povo a consciência do próprio valor.”⁷⁶

Além das semelhanças materiais e de estruturação do conteúdo, a *Revista do Brasil* e a *Revista Nova* foram publicadas em conjunturas marcadas por tensão. A primeira, lançada ao público em 1916 com o início da Primeira Guerra, foi uma publicação encabeçada pela elite intelectual que se via como condutoras de nova forma de pensar e escrever o Brasil. Em contexto também complexo, a *Revista Nova* surgiu a partir da crise política desencadeada pelo movimento de 1930, cujos intelectuais também se viam incumbidos de pensar um Brasil nacionalista. Em que pese o fato de que ambas as revistas sejam paulistas e pensadas por uma elite que se mantivera mais ou menos estáveis nestes quinze anos de diferença entre os lançamentos, nota-se que, ainda que mudassem pela conjuntura específica de cada uma, o debate dessas primeiras décadas do século XX, estava diretamente ligado às preocupações de ordem nacional. Sobretudo a forma como o Brasil se pensava a partir de São Paulo.

Essa visão de conjunto dos periódicos modernistas foi, até bem pouco tempo, pouco enfatizada pela historiografia do tema, que tendia atribuir a sucessão de títulos àqueles periódicos que se vinculavam ao movimento de 1922. Esforços de diferentes autores contribuíram para olhar de outra maneira para as disputas e aproximações estabelecidas entre os autores, que se começa a ampliar o rol de revistas associadas à

⁷⁶ LUCA, Tania R. *A Revista do Brasil (...)*, pp. 47

renovação e que não se limitam ao cânone constituído pelas seis consagradas.⁷⁷ Nesse sentido, pensar a *Revista do Brasil* como antecessora natural da *Revista Nova* não surpreende, pelo contrário, é outra nova possibilidade de articulação entre as revistas literárias e culturais.

1.4. A *Revista Nova* como objeto de pesquisa no projeto do IEB

Historicamente importante, o projeto sediado no IEB contribuiu com a sistematização das fontes periódicas para o estudo de movimentos literários.⁷⁸ Uma das revistas presentes no projeto foi a *Revista Nova* (SP, 1931-1932), estudada por Glória Aparecida Rodrigues Kreinz, em dissertação de mestrado, defendida em 1979 com o título “*Revista Nova: contribuição para o estudo do modernismo*”, orientada pelo Professor Aderaldo Castello. Diferente das congêneres modernistas, que foram mobilizadas em outras pesquisas acadêmicas, o trabalho de Kreinz com a *Revista Nova*, não foi publicado e tem sido pouco referenciado, visto que a revista não foi objeto de outra investigação sistemática que objetive avaliar o desdobramento do modernismo na virada da década de 1920 para 1930. Por constituir-se como o principal trabalho sobre a *Revista Nova* que se tem até hoje, cabe ressaltar a sua importância e as diferenças entre as investigações de Kreinz e a da presente pesquisa.

A pesquisa de Glória Kreinz respeitou os roteiros estabelecidos pelo projeto, que visou, de modo geral, reconhecer, a partir de cada periódico estudado, os ideais, projetos, valores estéticos que foram defendidos ou rechaçados em suas páginas. Além de analisar sistematicamente a *Revista Nova* e, investigar a conjuntura de seu lançamento, Kreinz chamou a atenção para as mudanças em curso no seio do modernismo brasileiro e estabeleceu continuidade entre *Nova* e as antecessoras.

Ressalte-se que, tanto no trabalho em torno de *Nova*, como de suas congêneres modernistas que integraram o projeto, os pesquisadores tratavam suas fontes sem estabelecer hierarquia entre os títulos. Os periódicos eram lidos, analisados e interpretados como peças de igual importância para o desenvolvimento do modernismo.

⁷⁷ Desses esforços, resalto três: o pioneiro trabalho de LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972. LUCA, Tania R. de. *Leituras, projetos e (re)vistas (...)*; e PASINI, Leandro. *Prismas modernistas (...)*.

⁷⁸ A publicação de “História da Imprensa no Brasil” (1967) de Nelson Werneck Sodré é considerada uma das primeiras pesquisas que apresenta um estudo geral das fontes periódicas do Brasil. Ao recuperar a trajetória da imprensa brasileira, o autor buscou compreender o quadro mais amplo das relações econômicas e capitalistas do país, não, necessariamente, tomando fontes específicas e as analisando de maneira sistemática, como faz o projeto de Castello.

Essa é uma postura a ser destacada, pois, no decorrer do tempo, a historiografia tendeu a classificar periódicos como mais ou menos importantes para o desdobramento do movimento. Esse cenário, se propiciou e levou à multiplicação de estudos sobre as revistas da década de 1920, dedicou menos atenção às congêneres que não se encaixavam na cronologia consagrada, como foi o caso da *Revista Nova*.

Em sintonia com o roteiro, a estrutura da dissertação de Kreinz seguiu a ordenação prevista no projeto, ou seja, precisou a gênese do periódico, programa, linha editorial e as características da produção literária publicada. Dividida em cinco capítulos, além de apêndice, como sugerido pelos roteiros, a dissertação apresenta o seguinte índice: 1. Apresentação da *Revista Nova*, que tem o intuito de descrever a materialidade da revista, seu projeto e a relação dos colaboradores; 2. Ideias e debates, visa apresentar as principais temáticas abordadas pelo periódico; 3. A orientação crítica, apresenta as relações da revista com temas voltados à arte, como cinema, teatro e artes plásticas; 4. A criação literária, que mapeia os textos de prosa e poesia publicados; 5. Considerações finais, a respeito da tradição dos periódicos modernistas e o lugar ocupado pela *Revista Nova*; e 6. Apêndice, com índices e documentos extras.

Ao descrever os aspectos gerais da revista, Kreinz apresenta a direção, periodicidade e o investimento inicial feito por Mário, Alcântara Machado e Paulo Prado. A autora trata de esclarecer que, à despeito das diferentes investidas que os editores realizaram, ao convocar a intelectualidade brasileira a contribuir financeiramente com o periódico, não passou incólume a dificuldades financeiras. A autora ainda se dedica a analisar como a revista, de fato, constituiu-se em espaço de circulação e produção de textos voltados ao conhecimento do país, com a publicação de estudos de cunho histórico, crítico, ensaístico, folclórico e etnográfico.

Os trabalhos vinculados ao projeto do IEB não previam a utilização de outras fontes documentais, mas Kreinz utilizou a correspondência entre de Mário de Andrade e Augusto Meyer, de modo a revelar o processo de produção da publicação, a exemplo da fonte de financiamento, das expectativas de Mário com novos temas a explorar e até mesmo detalhes da relação entre os três editores. Ao confrontar a *Revista Nova* com outras publicações, Kreinz apontou para a questão da preocupação estética como prioritária para as congêneres, em comparação com a falta de espaço dedicado ao tema em *Nova*. A orientação crítica, para a autora, estava relacionada aos textos que discutissem temas das artes de modo geral e que trouxessem à baila o próprio modernismo. De fato, essa não é a preocupação central, tanto que os editores deixam claro no editorial de abertura: “o

conto, o romance, a poesia e a crítica deles não ocuparão uma linha mais do que de direito lhes compete numa publicação cujo objetivo é ser uma espécie de repertório do Brasil.”⁷⁹ Em termos materiais, a autora não apresenta o projeto gráfico da revista, que se aproximava do modelo consagrado pela *Revista do Brasil* (SP, 1916-1925), que já havia sido adotado por *Estética*, mas se distanciava de *Klaxon* e de *Festa* (RJ, 1927-1935). O contexto histórico que marca a publicação de *Nova*, bem diverso do vigente na década que acabara de findar, também não foi um aspecto levado em consideração na pesquisa de Kreinz, que pouco atribuiu às mudanças políticas e sociais do início da década de 1930 a diferença do projeto de *Nova* para outras revistas modernistas.

O apêndice da pesquisa é composto pelo material proveniente da indexação da revista em si, índice remissivo dos colaboradores, o editorial de lançamento e as entrevistas com remanescentes do grupo. Mesmo que tenha ordenado a lista de colaboradores e tipificado as contribuições, o intuito do trabalho não foi a recolha sistemática de dados sobre a revista – mesmo porque essa não era a intenção do projeto temático. Em relação às entrevistas, elas foram realizadas em agosto de 1974 e contou com depoimentos de Prudente de Moraes, neto, Carlos Drummond de Andrade, – ambos colaboradores – o gerente Nelson Palma Travassos e o representante da revista no Rio de Janeiro, Plínio Doyle. Embora a autora alegue que as entrevistas tenham durado de três a quatro horas com cada depoente, na dissertação foram reproduzidos apenas pequenos fragmentos sobre o funcionamento da revista, o papel dos editores e a importância de sua circulação.

Aliando postura crítica e analítica, Glória Kreinz realizou leituras muito apuradas da *Revista Nova*, sem isolá-la do contexto cultural mais amplo. A ambição do periódico, a partir do trabalho de Kreinz, pode ser resumida ao desejo de tratar do Brasil a partir de São Paulo. Embora apresentando-se como repertório da cultura brasileira, *Nova* teria sido mais um periódico paulista a reiterar a visão de Brasil propagada por São Paulo, ancorada na “ideologia do paulistanismo”. Ao mesmo tempo que assume a visão paulista, *Nova* teria lutado pelo reconhecimento de elementos da cultura popular, integrantes de um nacionalismo crítico, defendido pela publicação.

⁷⁹ *Revista Nova*, n. 1, 15 mar. 1931, pp. 3-4.

CAPÍTULO 2

“Nada é mais velho do que uma revista velha”: a *Revista Nova* em perspectiva

Uma vez constituída a consagração das revistas na história literária e traçada a trajetória de formação dos grupos, cabe apresentar a *Revista Nova*. No que se refere especificamente à publicação, o desafio foi o de a descrever materialmente, identificar a distribuição do conteúdo publicado, como se apresentava ao público, quais seus objetivos e sua dinâmica interna. Com o intuito de precisar a rede de colaboradores da revista, os indícios deixados pela epistolografia de seus editores, Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio Alcântara Machado foram de acentuada importância, uma vez que por meio das correspondências trocadas, pôde-se acompanhar, a circulação de opiniões sobre a revista e dos próprios colaboradores, o que auxiliou no mapeamento dos textos veiculados.

“El tejido discursivo de las revistas puede ser visto como un laboratorio donde se experimentan propuestas estéticas y posiciones ideológicas. Instrumentes de la batalla cultural, las revistas se definen también por el haz de problemas que eligieron colocar en su centra”

Beatriz Sarlo

2.1. Caracterização material da *Revista Nova*

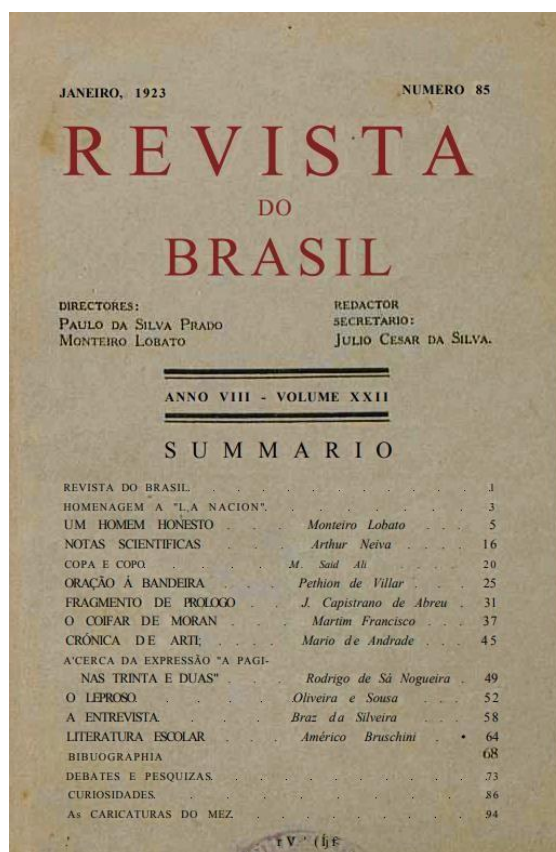
A *Revista Nova* foi um projeto delineado por Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado, entre os anos de 1931 e 1932. Lançada em 15 de março de 1931, com periodicidade trimestral em seu primeiro ano, tornou-se bimensal em 1932, tendo publicado a edição derradeira com seis meses de atraso, em 15 de dezembro do mesmo ano, composta pela junção de três números, o oito, o nove e o dez. A demora na publicação, como revela a correspondência de Mário de Andrade, deveu-se à deflagração do Movimento Constitucionalista em São Paulo, responsável por comprometer as comunicações no Estado. Seu título, conciso e tipograficamente discreto, posicionava a revista no novo tempo político que emergiu com a virada da década de 1920: uma *Revista Nova* para um República Nova, de saída criticada pelo próprio periódico.

A revista possuía dimensão padrão, de 22,5 cm x 15, 5 cm, com paginação contínua e não sofreu alterações, assim como a capa, quase toda tomada pelo sumário e que não se distinguiu pela presença de elementos visuais e recursos tipográficos, o que a distanciava de algumas das antecessoras, que se valeram de elementos gráficos mais chamativos. Seu projeto assemelhou-se muito mais ao da *Revista do Brasil* e da *A Revista*, antecessoras que também optaram por padrão estético mais discreto. Nela estampavam-se informações concernentes à direção e à gerência, a cargo de Nelson Palma Travassos, endereço da redação e o rol de autores e textos, o que já revelava o teor da publicação (ver Figuras 3 a 5). Tais dados reapareciam na contracapa, acrescidos da periodicidade e dos custos do número avulso, assinatura e distribuição apareceram sempre na contracapa (ver figura 6).

Cabe esclarecer o gerente, Nelson Palma Travassos (1903-1984), foi jornalista, editor, membro da Academia Paulista de Letras, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Exerceu o cargo de diretor da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, responsável pela impressão de *Nova*, e cuja propriedade era de Noé de

Azevedo.⁸⁰ Entre os anos 1930 e 1940 a Empresa Gráfica tornou-se a principal impressora de livros do país, responsável por 60% da produção brasileira de livros,⁸¹ o que indica a preocupação dos diretores em contar com nome experiente na administração do impresso.

Figura 3 – Capa da *Revista do Brasil*



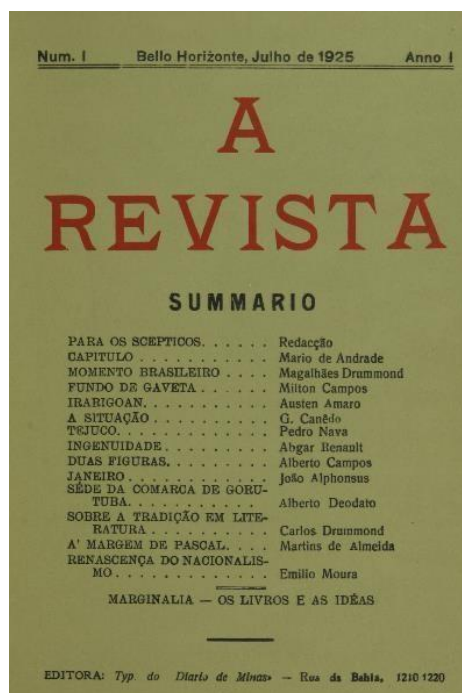
Fonte: *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 85, jan. 1923. Disponível em:

<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/180e83f2-584f-4e2f-a50a-c5c3ddce5b56/content>

⁸⁰ “(...) Quando da falência dos negócios gráficos e editoriais de Monteiro Lobato (1925), Azevedo adquiriu boa parte do equipamento de impressão que o escritor havia importado (...)” LUCA, T. R. “Um repertório do Brasil (...)”. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 97-107, jul.-dez. 2006.

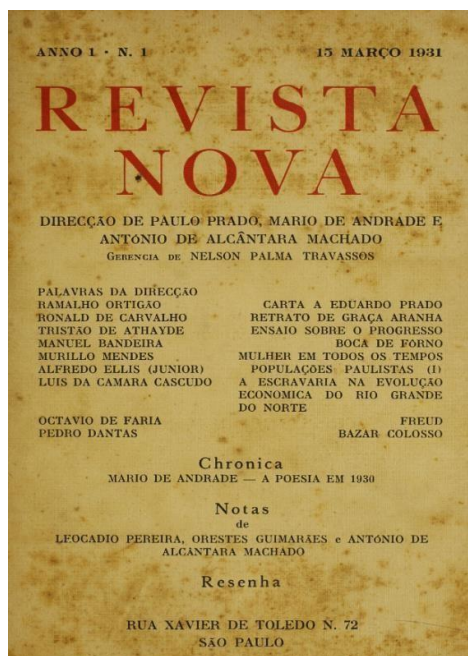
⁸¹ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2005, p. 388-391.

Figura 4 – Capa *A Revista*

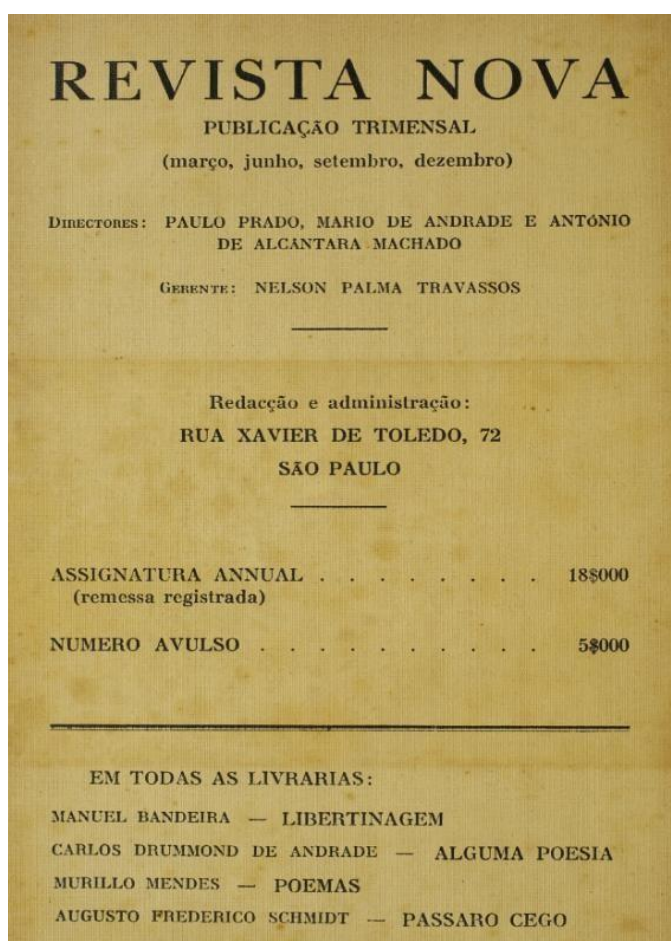


Fonte: *A Revista*, Belo Horizonte, n. 1, ano 1, jul. 1925. Disponível em:
https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/a-revista/in-issue/iss_0000003278#

Figura 5 – Capa da *Revista Nova*



Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, vol. 1, v. 1, mar. 1931. Disponível em:
<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000046788&bbm/8065#page/11/mode/1up>

Figura 6 – Contracapa da *Revista Nova*

Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, vol. 1, v. 1, mar. 1931. Disponível em:

<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000046788&bbm/8065#page/11/mode/1up>

As capas reproduzidas indicam que *Nova* estava mais ligada à tradição de revistas que prezavam estética mais limpa, tanto que apenas o título apresentava-se em vermelho. No interior, não havia estampas separando as seções, tampouco se publicavam imagens, como caricaturas, gravuras ou fotografias, além de não haver propagandas em suas páginas.

Para que o empreendimento saísse do papel, os três editores e sócios investiram a mesma quantia, 1:500\$000. A fonte de financiamento, assunto dos mais delicados para as revistas culturais do período, especialmente as de vanguarda, em geral derivava das assinaturas angariadas, das poucas propagandas ou de contribuições dos próprios fundadores, como foi o caso de *Klaxon*. Note-se a diferença em relação à já citada *Revista do Brasil*, que surgiu em 1916 como sociedade anônima, capitaneada por Júlio Mesquita, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, e que de 1918 em diante, passou às mãos de Monteiro Lobato, que fez dela ponta de lança de seus negócios editoriais. Sinal dos limites

financeiros da *Revista Nova* encontra-se no fato de não haver pagamento para os colaboradores, que recebiam em troca assinatura anual do periódico, conforme Mário explicou a Câmara Cascudo:

(...) você diz que vai mandar assinar a Revista, o que é besteira. Está claro: nós não pagamos artigos porque isso é mesmo de todo impossível, mas ao menos somos suficientemente... distintos para presentear nossos colaboradores com a anuidade da revista.⁸²

Outro dado importante, relativo às condições financeiras após a publicação do número inaugural, foi mencionado por Alcântara em correspondência com Mário de Andrade:

Temos em caixa, ainda de recebimentos do n.1, quinhentos e poucos mil réis. Não é mau. Esperemos que o n. 2 renda alguma coisa. [...] Sucesso tem causado. A questão é esse sucesso geralmente se manifesta por palmadinha congratulatórias nas costas dos diretores, o que é pouco.⁸³

Ainda na mesma carta, Alcântara Machado apresentou à Mário uma proposta comercial que recebeu da Companhia Editora Nacional, sob os cuidados de Octalles Marcondes Ferreira, em imprimir a *Nova*, com mudança de periodicidade – esta seria ampliada, – qualidade superior de impressão e custo reduzido.

O Octalles está disposto a tomar conta da parte comercial da Revista a partir de 1932. Publicação mensal, 100 páginas, 3000 exemplares, 3\$000 casa. Com a isenção de direitos alfandegários que tem por lei, a Revista importará o papel para o seu consumo. Papel duas vezes superior ao atualmente usado pela metade do preço. Que é que você acha? O Paulo é de opinião que se deve fazer tudo isso, mas com o Travassos mesmo. Não tem muita confiança na Editora Nacional.⁸⁴

Não existe nenhuma informação na *Nova* de que tenha sido impressa pela Editora Nacional no ano de 1932. A julgar pela mudança da periodicidade, de trimestral para bimestral, os editores possivelmente encontraram solução interna, com o próprio Travassos e a Editora Revista dos Tribunais, com o intuito de garantir maior circulação. Já em 1932 é possível observar que a revista contou com dois anúncios discretos da editora Spinola e Fusco,⁸⁵ nos números 6 e 7 (Figuras 7 e 8), acerca de obras lançadas e

⁸² MORAES, Marcos A. (Org). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Cartas, 1924-1944. São Paulo: Global, 2010, p. 199, carta datada de 27 abr. 1931.

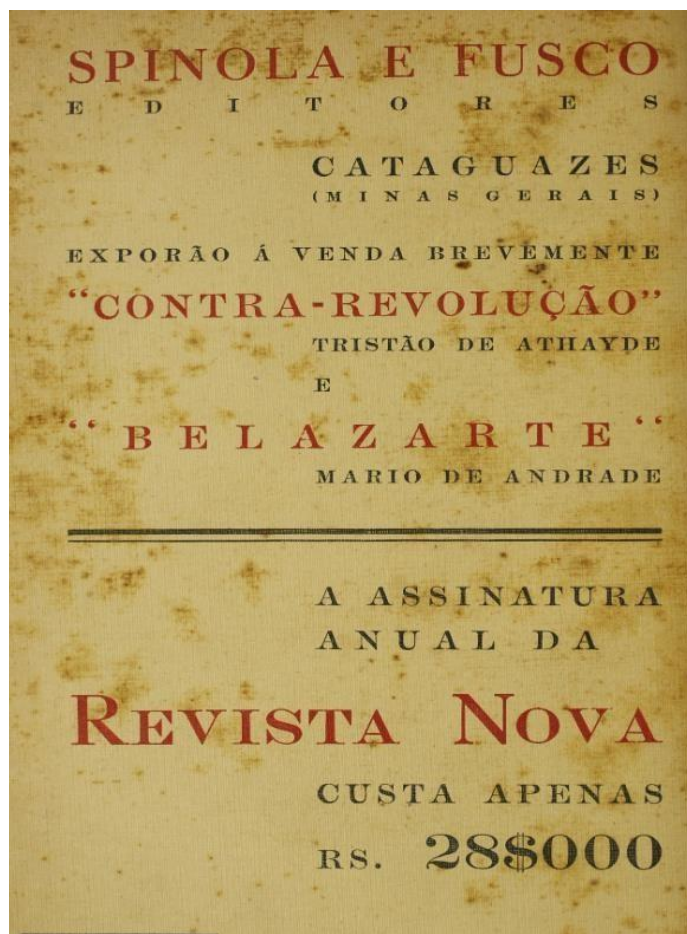
⁸³ Carta de A.A.M a Mário de Andrade. São Paulo, 02 jul. 1931. Instituto de Estudos Brasileiros. Arquivo Mário de Andrade. Referência: MA-C-CPL4379.

⁸⁴ Carta de A.A.M a Mário de Andrade. São Paulo, 02 jul. 1931. Instituto de Estudos Brasileiros. Arquivo Mário de Andrade. Referência: MA-C-CPL4379.

⁸⁵ A editora cataguasense Spínola e Fusco, foi um empreendimento liderado por Rosário Fusco, expoente do modernismo mineiro, e José Spínola Santos, publicou três títulos: “Revolução contra a imprensa”, de Dionísio Silveira; “Pela reforma social” e “Contra-revolução espiritual” de Tristão de Ataíde. O quarto título seria “Belzarte”, de Mário de Andrade, que só não foi publicado pois Mário desistiu, tendo em vista

no prelo, indício de que talvez o “pequeno déficit” referido por Mário estivesse se avolumando.

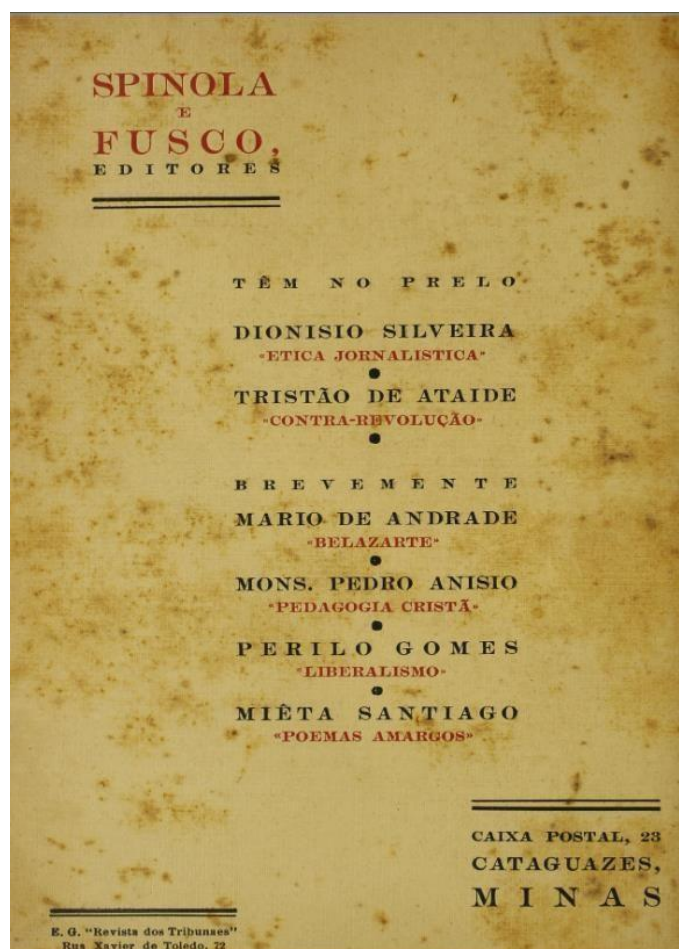
Figura 7 – Anúncio da editora Spínola e Fusco



Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, n. 6, abr. 1932. Disponível em:

<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8068>

a deflagração do movimento de 1932. Sobre o assunto, ver: RUFFATO, Luiz. *A revista Verde, de Cataguases*. Contribuição à história do modernismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 133-136.

Figura 8 – Anúncio da editora Spinola e Fusco

Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, n. 7, fev. 1932. Disponível em:

<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8066>

À despeito da posição social privilegiada de Paulo Prado, o acordo segundo o qual os editores contribuiriam com a mesma quantia foi justificado por Mário, que expôs a situação financeira da revista em carta a Augusto Meyer. Vê-se que Mário confiava que o arranjo seria capaz de assegurar o sustento do empreendimento, pois o primeiro ano de circulação da revista estava, de antemão, garantido, enquanto as assinaturas angariadas deveriam ser suficientes para a continuidade da publicação.

Quanto à situação da revista, é esta: não podemos pagar colaboradores. O fato de Paulo Prado, um ricoço, estar entre os diretores da revista nada tem que ver com a riqueza dele. Entramos cada um dos três com 1:500\$000, e, graças a deus, pelo sucesso de venda parece que não teremos déficit ou este será pequeníssimo. Você compreende como era importante a igualdade de condições nos diretores pra que um não prevalecesse sobre os outros. Inda faz pouco vetamos um artigo mineiro proposto pelo Paulo Prado, e ele se sujeitou. Se tivesse botado mais dinheiro na revista, importaria a coisa que era de amigo dele. Enfim, meu caro, a verdade é que direção de revista traz atrapalhões enormes. Tanto que agora constituímos, como em certas revistas europeias, uma comissão secreta de leitura, pros artigos e estudos não solicitados pela

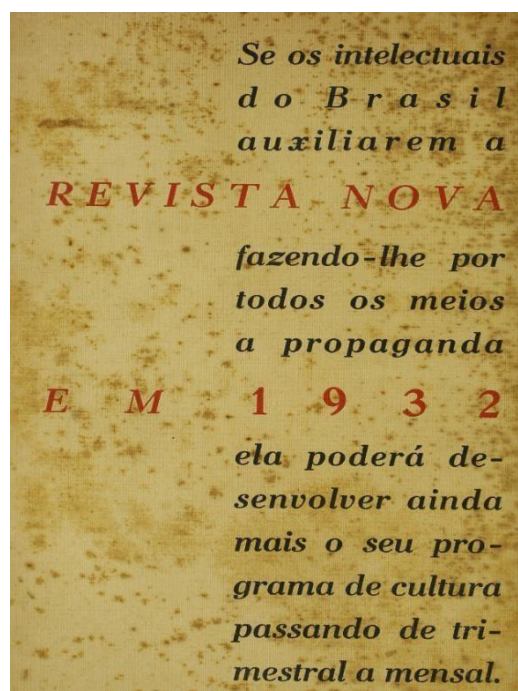
direção. E dessa comissão nenhum de nós faz parte, que é pra nos livrar de excessivas inimizades por aí.⁸⁶

A carta de Mário ainda revela detalhe importante do funcionamento da revista, pois deixa claro que havia artigos encomendados, aprovados de antemão pelos diretores, e outros que chegavam espontaneamente, para os quais se adotou o critério de revisão externa, prática que, até onde se sabe, não era comum nesse gênero de publicação. E o argumento também é interessante, pois se tratava de evitar dissabores terceirizando a avaliação de modo a evitar que os diretores se indispussem, o que aponta para o fato de se tratar de texto proveniente de autores que tinham proximidade com os que respondiam pela revista.

Ainda no que se refere à saúde financeira, no terceiro número, datado de 15/09/1931, a *Revista Nova* dirigiu-se à intelectualidade brasileira solicitando a divulgação da revista, tendo em vista a intenção de, no ano seguinte, ampliar o programa cultural e a periodicidade para mensal (Figura 9). A proposta não foi implementada, pois na edição seguinte (n. 4, de 15/12/1931) o leitor foi informado que a publicação sairia a cada dois meses, com majoração da assinatura anual para 28\$000, aumento de 10\$000 em relação ao primeiro ano (Figura 10). A insistência em solicitar o apoio dos leitores prosseguiu (Figura 11), sempre com o argumento de que se tratava de “cumprir o seu programa de cultura. ”

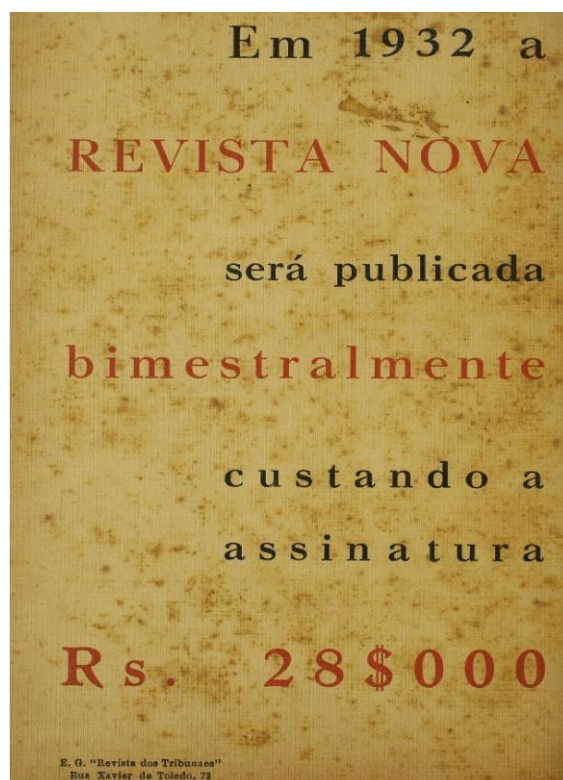
⁸⁶ FERNANDES, Lygia (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 86-87 (carta de 18 jul. 1931).

Figura 9 – Nota sobre ampliação do programa da *Revista Nova*



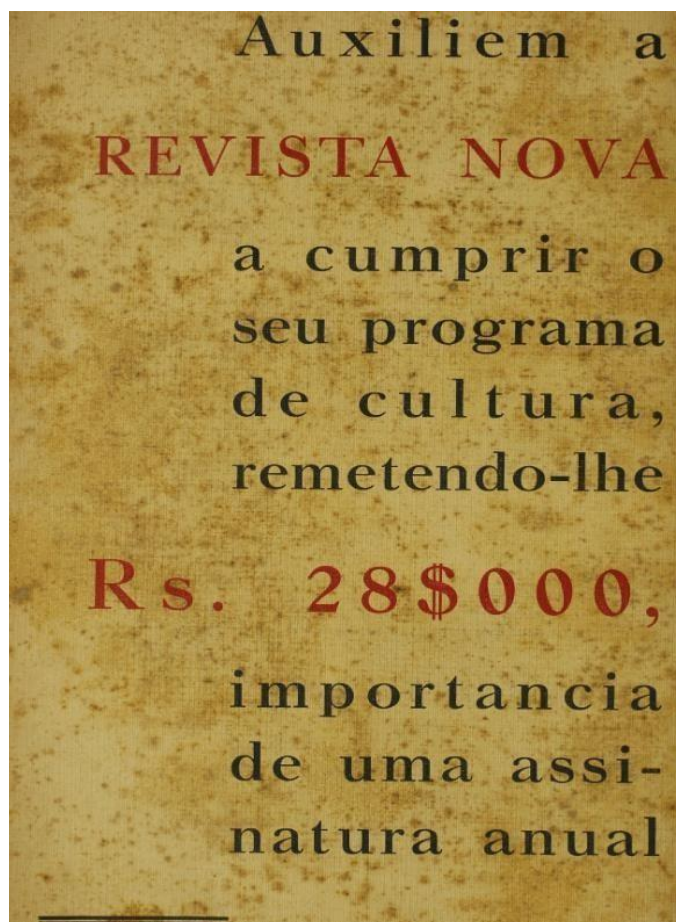
Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, n. 3, set. 1931. Disponível em:
<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8064>

Figura 10 – Anúncio de alteração da periodicidade



Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, n.4, dez. 1931. Disponível em:
<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8061>

Figura 11 – Anúncio da anuidade da Revista Nova



Fonte: *Revista Nova*, São Paulo, n. 5, fev. 1932. Disponível em:
<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8063>

Ainda que os custos do empreendimento fossem divididos igualmente entre os três diretores, Mário queixou-se sobre as prevalências em questões internas da revista. Em carta à Drummond – que enviara uma poesia para publicação na primeira edição da revista, mas que só foi estampada no quarto volume – Mário comentou que a *Nova* já se tornara motivo de política e manutenção de interesses:

[...] No primeiro não saiu porque não tendo vindo a [poesia] do Schmidt, os quatro criticados [no artigo “A Poesia em 1930”] não seriam contemplados, e quando a de você chegou, o número estava organizado já. Ficava pro segundo com a do Schmidt. Mas eis que surgem... motivos políticos um bocado difíceis de eu explicar pra você porque eu não tenho nada com eles, não são meus. Mas é que alguém, você imaginará logo quem, tem todo o interesse em agradar a Academia Brasileira no momento e também a Guilherme de Almeida [...].⁸⁷

⁸⁷ ANDRADE, Mário. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 245. Carta de 18 mar. 1931.

De acordo com Mário, o atraso na publicação do poema de Drummond relacionava-se à questões internas da revista. Embora ele próprio confesse ao amigo que ainda não lera a poesia, revelou que Antônio Alcântara Machado, ao ler o “Poema Patético”, ficou entusiasmado. A colaboração de Drummond, que deveria ter saído logo no número de abertura, sofreu três atrasos. De fato, a proposta inicial era fazer um número dedicado à poesia modernista, com textos de Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt,⁸⁸ Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. Na segunda edição, o representante da poesia foi Guilherme de Almeida, com a publicação de “O canto dos brinquedos”, enquanto o terceiro volume foi totalmente dedicado ao poeta romântico Álvares de Azevedo, e, portanto, não houve espaço para os contemporâneos. De modo que, os poemas de Drummond, Bandeira e um conto de Murilo Mendes foram todos publicados, em sequência, no número quatro.

Esse teor político destacado por Mário talvez diga respeito à própria característica da publicação, que não descuidava da esfera da política, como aconteceu na segunda edição, em que textos de Astrojildo Pereira, José da Silva Gordo⁸⁹ e José Bonifácio, estamparam as páginas da revista.

Mário, em 1932, ao escrever a Augusto Meyer, ainda se mostra insatisfeito com a ideia de Paulo Prado como o “mecenas” da *Nova*:

[...] se a gente pedisse, tenho certeza que Paulo Prado sustentaria a revista com o dinheiro dele, mas isso não nos conviria, você compreende, porque nos deixava, ao Alcântara e a mim, numa situação indiscutível de subalternidade que não seria envergonhante eu sei, mas era sempre desagradável, quanto à orientação da revista.⁹⁰

Mesmo que os custos fossem partilhados, tal circunstância não foi suficiente para que houvesse igualdade na administração. Além disso, o sistema criado com o investimento inicial dos custos parece não ter dado de todo certo, uma vez que pedidos para os leitores assinarem a folha foram recorrentes. E, se a proposta do periódico era passar de periodicidade trimensal para mensal, conseguiu, apenas, circular bimensalmente – com um importante hiato entre os meses de julho e dezembro de 1932.

O fim da *Revista Nova* não comunicado pelos editores, tampouco anunciado nas páginas do periódico. O hiato que ocorreu entre os meses de julho a dezembro de 1932

⁸⁸ Mário referiu o atraso de Schmidt no envio de seu poema, no entanto, cumpre destacar que a *Revista Nova*, em nenhuma das oito edições, publicou qualquer texto de autoria do modernista.

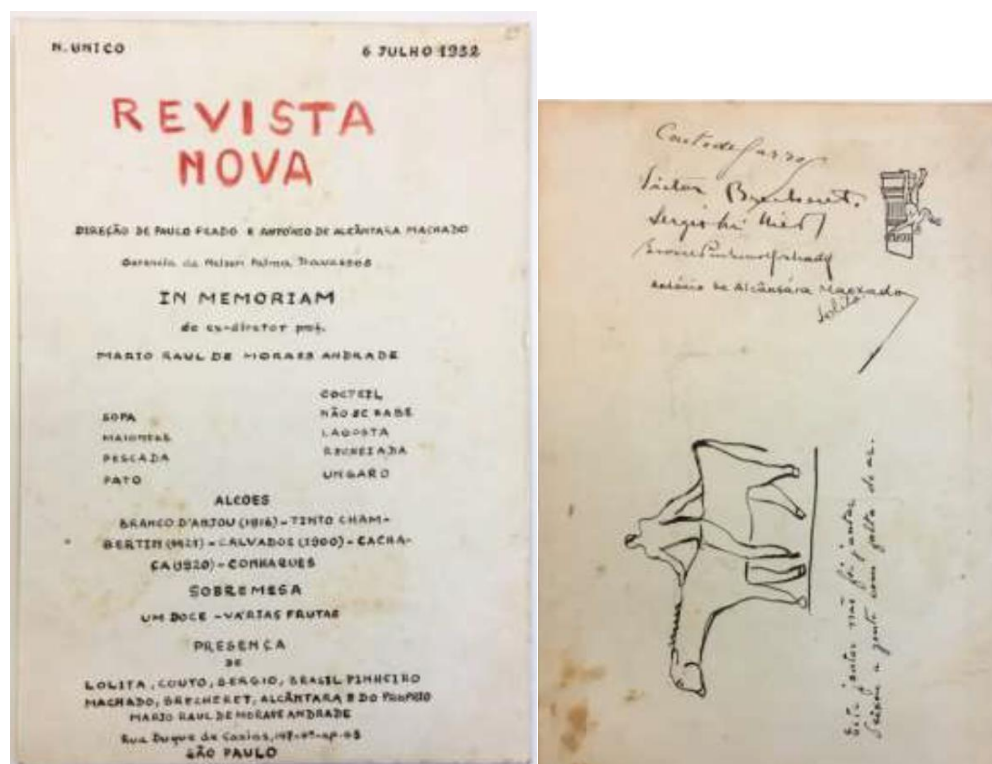
⁸⁹ Ex-presidente do Banco do Brasil no governo de Washington Luís, assinou o texto “A questão econômico-financeira e a revolução.” *Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 167-192.

⁹⁰ FERNANDES, Lygia (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 96 (carta de 28 fev. 1932).

subordinou-se à deflagração do movimento de 9 de julho, mas também pode estar relacionado à precoce saída de Mário de Andrade da direção. Embora anunciado apenas no último volume, em uma nota no fim da edição, a decisão já fora tomada em julho, tanto que, poucos dias antes da revolta paulista ter início, Alcântara Machado organizou um jantar de despedida na casa de Olivia Guedes Penteado.

Abaixo vê-se reprodução do menu, datado de 6 de julho, desenhado por Alcântara e que imitava a capa da revista e apresentando o cardápio ofertados, seguido da lista de convidados: Lolita (Dolores Bicudo), Antônio Carlos Couto de Barros, Victor Brecheret, Sérgio Milliet e Brasil Pinheiro Machado, com a notória ausência de Paulo Prado – aspecto que deve ser levado em consideração, visto que Mário já havia reclamado, mais de uma vez, das dificuldades financeiras da folha, mas se recusava a pedir que Prado a custeasse.

Figura 12 – Menu do jantar *in memoriam* de Mário de Andrade na *Revista Nova*.



Fonte: Feliciano, 2019, p. 138. O documento consta no Fundo Antônio de Alcântara Machado, no IEB/USP. AAM 1057.

Ainda que o jantar tenha ocorrido em julho, vinte dias depois, em 26 de julho, Mário revelou a Alceu Amoroso Lima, seu afastamento da revista. Uma das causas do desgaste de Mário deveu-se ao atrito estampado nas páginas da revista (n. 7, 15/06/1932)

com Carlos Magalhães de Azeredo, membro da ABL. Magalhães enviara uma carta a Vicente de Paulo Vicente de Azevedo – que contribuiu com um estudo sobre Álvares de Azevedo – onde expressou sua discordância com o artigo “Amor e Medo”, de autoria de Mário, publicado no número especial dedicado ao poeta romântico. Segundo informa Francisco Barbosa, o acadêmico:

Opunha-se sobretudo à interpretação das relações afetivas entre o poeta e a mãe, onde detectou influência das doutrinas de Freud, por ele condenadas. Vicente de Azevedo pediu a publicação da carta. Mário concordou, no primeiro instante. Depois decidiu afastar-se da direção.”⁹¹

Após a publicação dessa correspondência, na seção “Notas”, a revista entrou em hiato, e na edição seguinte, a última, Mário já não figurava mais como responsável pela direção. Na correspondência a Alceu Amoroso Lima, Mário foi bem claro e enfático sobre os problemas que o incomodavam na revista:

[...] Agora, por que tudo isso? Tudo isso provém apenas duma coisa, de mim, do meu jeito incorrigivelmente *frondeur*, do meu espírito voluptuosamente aventureiro. Pouco apto pois para viver com ar numa revista de caráter conciliatório, como é a nossa. E devia, tinha que ser assim. Como colaborador, que me discutam no próprio lugar em que colaboro, não tem nada de mais. [...] Outra coisa que me dá fortes e contínuas contrariedades, são os que solicitam de mim a honra de colaborar na *RN*. As mais das vezes manda seus primores, e estes são tão mesquinhos, que até vergonha de mostrar eu tenho, não mostro, rasgo, finjo não receber.”⁹²

Mário ainda colaborou na edição 8-10, de dezembro de 1932, com o texto “Romanceiro de Lampião”. A revista ainda sobreviveu uma edição dirigida apenas por Prado e Machado, mas é provável que o impacto da saída de Mário não tenha sido pequeno e que possa ter pesado na decisão de encerrar a circulação do periódico.

2.2 Seções e conteúdo programático

Tal como a capa, a organização interna do material seguiu estruturação bem definida em todos os números, iniciando-se com o sumário da edição, seguido por editoriais. Esses textos normalmente expressam a opinião do grupo responsável pelo periódico, o que explica a prática de nem sempre virem assinados. Em geral, tratam dos desafios enfrentados, tanto que abordam assuntos relacionados à conjuntura,

⁹¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada: Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002, p. 43.

⁹² BARBOSA, *Op. cit.* p. 43-45.

configurando-se em oportunidades para identificar os valores e ideais defendidos por seus responsáveis.⁹³

Os editoriais da *Revista Nova* eram denominados “Momento” assim como na *Revista do Brasil*, quando Paulo Prado esteve à frente do periódico (1923-1925), fase em que os editoriais se intitulavam “O Momento”. Na *Nova*, esses textos, ausentes apenas nos números seis e oito, referiam-se a temas candentes, sobretudo aqueles que impactavam culturalmente o Brasil.

Somente a apresentação foi assinada pelos três editores, enquanto dois editoriais, estampados nos números cinco e sete, respectivamente de 15 de fevereiro e de 15 junho de 1932, foram atribuídos a Paulo Prado,⁹⁴ não sendo possível estabelecer a autoria dos demais, que não trouxeram assinatura. Em relação às temáticas tratadas, sobressaíram questões relacionadas à política (três oportunidades), à questão da língua nacional e literatura (duas vezes), enquanto o texto de abertura, diz respeito às razões que motivaram o lançamento do impresso.

Diferente das revistas modernistas da década de 1920, cujas apresentações, em sua maioria, eram feitas por meio de manifestos, o texto de abertura da *Nova* assemelhava-se, de maneira surpreendente, ao editorial da terceira fase da *Revista Brasileira*, com José Verissimo à frente, que se propunha a tratar de assuntos do Brasil e das coisas brasileiras, para se constituir em “uma tribuna onde todos que tenham alguma coisa que dizer e saibam dizê-la, possam livremente manifestar-se.”⁹⁵ De modo semelhante, no editorial de apresentação, assinado por Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado, lê-se:

O conto, o romance e a crítica deles não ocuparão uma linha mais do que de direito lhes compete numa publicação cujo objetivo é ser uma espécie de repertório do Brasil. Assim, o interessado encontrará aqui tudo quanto se refere a um conhecimento ainda que sumário desta terra. [...] Ficando bem entendido entretanto que a revista só fornecerá o espaço para a polemica. Esta correrá livremente por conta e risco dos colaboradores.⁹⁶

O primeiro editorial de uma revista deve apresentar um impacto para a comunidade leitora, pois é quando se manifesta pela primeira vez propostas e visões sobre

⁹³ VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Jornalismo e Linha Editorial*. Construção das Notícias na Imprensa Partidária e Comercial. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

⁹⁴ WALDMAN, Thais Chang. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo, 2010.

⁹⁵ *Revista Brasileira*, 1895, nº 01, pp. 3-4.

⁹⁶ Editorial “Palavras da direção”, Paulo Prado, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado. *Revista Nova*, ano 1, n.1. 15/03/1931, p. 3 - 4.

o que pretende discutir. Portanto, possui uma função orientadora, evidenciando novas resoluções sobre como pensavam e articulavam os interesses da publicação, no caso, a *Revista Nova*. Essa orientação foi apontada por Câmara Cascudo em carta à Mário de Andrade, comentando o programa diretivo da revista, logo após a publicação da primeira edição:

O espírito da revista é que me parece suscetível de mudança. Creio que melhor seria reunir elementos dispares, mesmo coordenados pela redação, e levá-los para diante. Revista com doutrina própria não vive. Dá impressão de “órgão” de qualquer coisa. Mas eu nada tenho com isto. O principal é aplaudi-la e desejar-lhe os anos fartos de alguns centenários.⁹⁷

A visão de Cascudo sobre a doutrina própria da revista foi contestada por Mário, que o respondeu:

Você não sei onde, descobriu no artigo de boca, que a revista tem doutrina própria. Não tem não senhor. Aceita todas as doutrinas, todas as controvérsias, contanto que tenham algum interesse mais ou menos imediato pra cultura e conhecimento do Brasil.⁹⁸

Manuel Bandeira, por sua vez, também remeteu à Mário sua percepção sobre a revista, bem diferente da opinião de Cascudo:

[...] desde logo posso dizer que estou de pleno acordo com o programa representativo da revista. Entre nós, salvo para um caso como *Klaxon* não há possibilidade para revistas de grupos. O que é preciso é uma revista que seja uma espécie de arquivo da nossa cultura geral. A vantagem de ser feita por gente de vanguarda é incluir também a vanguarda e vanguarda bem escolhida.⁹⁹

O primeiro número da revista ainda suscitou uma terceira opinião Ascenso Ferreira, que declarou a Mário: “O que não gostei foi do formato. Pesadão. Balofó, catalogal. Não tem um calunga, nem um colorido. Tipograficamente está muito longe do que seria para desejar em se tratando de uma revista moderna.”¹⁰⁰ Os dois principais aspectos de uma revista foram ressaltados na multiplicidade de visões suscitadas pela primeira edição de *Nova*: sua materialidade e programa.

Interessante observar como a *Revista Nova* suscitou duas visões completamente diferentes, de escritores tão próximos à revista: um periódico de doutrina própria e uma revista que não representa nenhum grupo específico. Esses dois pontos de vista são

⁹⁷ MORAES, Marcos A. de. [Org.] *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010, p. 197.

⁹⁸ *Op. Cit.*, p. 199.

⁹⁹ MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

¹⁰⁰ Carta de Ascenso Ferreira a Mário de Andrade. Recife, jan. 1931. Instituto de Estudos Brasileiros. Arquivo Mário de Andrade. Referência: MA-C-CPL 2944.

pertinentes se consideramos a *Nova* como um periódico de transição entre o modernismo de vanguarda, predominante ao longo de toda a década de 1920, quando praticamente todas as revistas compartilhavam essa característica; e o momento de ruptura com essa forma de apreensão do movimento, que caminhava em outro sentido, dadas as circunstâncias políticas e culturais que vigoravam já no início da nova década, ao que se deve somar a dinâmica dos grupos, cujas dissidências já estavam bem balizadas.

Desde seu lançamento, não existiu consenso sobre o lugar ocupado pela *Revista Nova* na história do modernismo – traço que pode também ser observado na própria revista de vida breve, como era hábito: um programa que, apesar de delineado, teve arranjos e soluções frágeis – seja em termos materiais e de estruturação para o seu funcionamento; seja em relação à dificuldade em estabelecer conexão com o público e, sobretudo, com a rede de sociabilidade de seus diretores.

A faceta doutrinária da revista, apontada por Cascudo, poderia ser referida à maneira como a revista colocou em prática as ideias contidas no editorial de apresentação: “A *Revista Nova* portanto se destina a uma minoria. Fazendo tudo quanto lhe for possível para engrossá-la. Nos dois sentidos.”¹⁰¹ De fato o primeiro número da revista foi significativamente conservador – uma espécie de terreno comum para se estabelecer relações. De alguma forma, todos foram contemplados: carta de Ramalho Ortigão a Eduardo Prado; homenagem de Ronald de Carvalho à Graça Aranha; produção literária de Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Prudente de Moraes, neto; ensaio de Alceu Amoroso Lima e Câmara Cascudo; enfim uma verdadeira junção de trajetórias díspares numa folha que se propunha a reunir todos esses elementos em um grande arranjo em prol da compreensão do país.

No entanto, é ainda nessa mesma perspectiva que Bandeira aponta a *Revista Nova* com característica pouco representativa de um único grupo – uma vez que dialoga com e para diferentes arregimentações. Nesse sentido, a ideia de grupos, pensada a partir da *Revista Nova*, apresenta-se na forma de “dar caráter coletivo a uma obra individual”,¹⁰² de modo que renunciava, como Lafetá interpretou a partir de Antonio Candido, expressar uma nova etapa do roteiro modernista. Vanguarda em diluição, literatura engajada e fase construtiva do modernismo são partes da tônica que forjou a *Revista Nova*, num novo tempo que se iniciava na história dos impressos modernistas.

¹⁰¹ *Revista Nova*, n. 1, 15/03/1931, pp. 1.

¹⁰² PASINI, *Op. cit.*, pp. 111.

Todas as vezes que documentos históricos foram publicados, apresentavam-se após os editoriais. Os documentos possuíam natureza diversa como cartas, excertos de diários, material manuscrito inédito ou proveniente de arquivo, e, quando lidos em conjunto, apresentam as ambíguas relações entre passado e presente, tradição e modernidade, questões que estavam imbricadas na proposta da revista. O conteúdo caracterizava-se em material de extrema importância para o propósito da revista, que empreendia uma leitura

sobre a história do Brasil, além de revelarem a atuação de um de seus editores: Paulo Prado, possivelmente o responsável pela escolha destes documentos.¹⁰³ Os documentos não configuram em novidade para publicações deste teor, uma vez que revistas antecessoras publicaram matérias semelhantes. Em *Terra Roxa*, por exemplo, Paulo Prado esteve à frente da aquisição da “Carta de Anchieta”, documento que foi adquirido pelo Museu Paulista, então dirigido por Afonso Taunay, e repercutido na imprensa paulista.¹⁰⁴

Nova contou com um bom número de artigos, ensaios, que ocupavam cerca de dois terços de cada número, e produção literária (prosa e poesia), sempre alocadas após os editoriais ou documentos históricos. Não havia, entretanto, divisão rígida entre esses dois conteúdos, de modo que a leitura de um ensaio denso era, por vezes, seguida de uma poesia. Um segundo eixo ou bloco era formado pelas seções, que não sofreram alterações em termos da ordem na qual figuravam, ainda que nem sempre todas estiveram presentes em todos os números: “Crônica”, “Etnografia”, “Notas”, “Brasileira” e “Resenha”. colabora para elucidar o programa do periódico, que firmara o compromisso de debater e se posicionar frente à situação política e social do país, aspectos que também se ancoravam na experiência da *Revista do Brasil*.

“Crônicas”,¹⁰⁵ por sua vez, só não foi publicada no último número e abarcava assuntos que iam de ensaios de crítica literária a reflexões sobre a situação política do

¹⁰³ Na relação dos documentos históricos, quatro deles são provenientes do acervo de Eduardo Prado, tio de Paulo Prado. Presume-se que, pela função historiadora que exercia, Paulo Prado encabeçou o projeto de publicação dos documentos, muitos tratando de temas presentes em sua obra.

¹⁰⁴ Ana Luiza Martins, que escreveu a apresentação de *Terra Roxa* para o portal RIC, aponta que um dos elementos centrais da revista é o tema da paulistanidade, concretizado na aquisição do documento. “O assunto de maior destaque foi a compra da carta autografada do Padre Anchieta ao Museu Paulista, adquirida através de uma subscrição que equivalia a 30 sacas de café, solicitação que abre o periódico e perdura até o número 5, quando se anuncia a aquisição e a doação ao referido Museu. [...] [aspecto que] Materializa a busca das origens paulistas, por iniciativa de Paulo Prado, que propõe a aquisição de uma carta do jesuíta José de Anchieta, em leilão na Sotheby's da Inglaterra, propósito concretizado e documentado pelo jornal. MARTINS, Ana Luiza. Balizando o Modernismo. Apresentação de *Terra Roxa... e outras terras*. In: Portal Revistas de Ideias e Cultura. Disponível em: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/terra-roxa-e-outras-terras/foreword/presentation>.

¹⁰⁵ A primeira vez que a seção aparece, no n. 1, é grafada como “Crônica”; a partir do n. 2 a grafia muda para “Crônicas”, mantendo-se assim até o final.

momento e foi inaugurada com o famoso texto de Mário de Andrade, “A poesia em 1930”, em que o autor realizou balanço dos avanços e mudanças da produção poética. A seção esteve presente até o número sete (15/06/1932) e contou com contribuições de Octavio de Faria sobre cinema no número dois (15/06/1931), do crítico francês Pierre Guéguen, que analisou a produção de Lasar Segall na edição seis (15/04/1932) e crítica teatral de Alcântara Machado, no número derradeiro (15/12/1932). Ainda no interior dessa seção, havia espaço denominado “Perspectivas”, assinado por Pedro Dantas, pseudônimo de Prudente de Moraes, neto. Em entrevista concedida à Glória Rodrigues Kreinz, ele contou que recebeu convite de Antônio de Alcântara Machado, de quem era amigo próximo, para contribuir com a publicação, que prontamente aceitou. Ofereceu o conto então inédito, “Bazar Colosso”, publicado no primeiro número. Afirmou ainda:

[...] E nessa mesma oportunidade propus a ele manter na *Revista* uma seção de comentários livres sobre temas variados, que me fossem ocorrendo no momento. E, para o qual propus o nome “Perspectivas”, que foi adotado.¹⁰⁶

Etnografia, segunda seção da revista, iniciou-se segundo número e foi publicada em todas as edições, e assim justificada em “Notas”, no número inaugural:

A *Revista Nova*, que pleiteia um conhecimento mais largo do Brasil, abre por isso suas páginas a qualquer colaboração de ordem etnográfica e considerará bem-vindos todos quantos nos auxiliarem nesse propósito. Apenas pede que, para a devida seriedade científica que tal trabalho exige, as colaborações venham dotadas de toda a pormenorização possível, devidamente assinadas e com designação de endereço.¹⁰⁷

Na estreia contou com duas contribuições de Rodrigues de Carvalho sobre a língua nacional – tema que tomou quatro edições – e um artigo de Pedro Dantas (Prudente de Moraes, neto) sobre a cuíca. Publicou longas pesquisas sobre os assuntos mais variados: língua, território, medicina popular, cultura material, enfim, uma miríade de estudos com vistas à apresentação de um Brasil folclórico e sertanejo. A seção abrigava conteúdos de autores do nordeste, como fica evidente pela epistolografia de Mário com Cascudo e Ascenso Ferreira. A seção foi encerrada com o ensaio de Leocádio Pereira, pseudônimo de Mário de Andrade, “Romanceiro de Lampeão”, posteriormente coligido na obra *O Baile das Quatro Artes* (1972).

¹⁰⁶ Entrevista de Prudente de Moraes, neto, em agosto de 1974. KREINZ, Glória Aparecida Rodrigues. *Revista Nova: contribuição para o estudo do modernismo*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), 1979, p. 178-179.

¹⁰⁷ *Revista Nova*, ano 1, n. 1, mar. p. 130, 1931.

A seção “Notas”, presente em todos os números, veiculava sobretudo resenhas de obras recém-lançadas, especialmente escritas para a revista. Além disso, divulgava informes sobre a revista, como a lista dos colaboradores da edição; rol de livros e periódicos recebidos e cartas de leitores. As cartas são particularmente interessantes, pois questionavam informações e interpretações dos articulistas, cumprindo com o ideal de ser espaço de trocas de ideias e debates.¹⁰⁸ Os textos eram produzidos pela própria redação, tendo-se destacado, em termos de recorrência, os escritores Orestes Guimarães e Leocádio Pereira.

“Brasília”, penúltima seção da revista, foi publicada a partir do número quatro, até a última edição. Nela encontravam-se excertos reproduzidos de outros jornais da época, que revelavam, de acordo com Kreinz, “flagrantes da vida política e nacional”.¹⁰⁹ Tais textos denunciavam a instabilidade política da conjuntura, e eram escolhidos pelos editores, portanto, de algum modo, revelavam suas posições. Os excertos foram numerados em sequência, e ao longo da publicação somaram vinte, todos captando questões muito díspares das que normalmente se observava ao longo do periódico. De modo semelhante, na *Revista de Antropofagia*, com seção de mesmo nome, o intuito foi também o de montar, a partir de excertos de textos “ready-made”¹¹⁰, sua combatividade em tom mais jocoso. Como herança dos antropófagos,¹¹¹ em *Nova* o intuito de “Brasília” foi expor determinados valores da época, questionando-os fora de seus contextos originais de publicação.

A revista encerrava-se com “Resenha”, que só não foi publicada na edição 8-10, consistia na transcrição de textos veiculados por outros órgãos da imprensa. Se assemelhava tanto à *Terra Roxa* quanto à *Revista do Brasil*, que também incluíam excertos em seções semelhantes. Embora carregue o nome de resenha, não era propriamente um espaço destinado aos resumos de obras, configurava-se, na verdade, como um panorama cultural, escolhido pelos editores do periódico. O conteúdo destes registros concerne, na maioria dos casos, à cultura brasileira e a questão da brasilidade. A seção incorporou trechos sobre o folclore na Amazônia, extraído do *Diário de São*

¹⁰⁸ LUCA, Tania Regina de. *Um repertório... Op. Cit.*, p. 104.

¹⁰⁹ KREINZ, *Op. cit.* pp. 43.

¹¹⁰ CAMPOS, Augusto de. *Revistas re-vistas: os antropófagos. Revista de antropofagia*. Edição fac-similar. São Paulo: Abril Cultural/Metal Leve, 1975.

¹¹¹ De acordo com Cláudia Doce, há indícios de que Antônio de Alcântara Machado era o responsável pela seção na Revista de Antropofagia. Presume-se que em Nova, ele também esteve à frente da seção homônima. RIO DOCE, Cláudia. Experimentação antropofágica em “Brasília”. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, [S. l.], v. 38, p. 69–77, 2020. DOI: 10.5433/1678-2054.2020v38p69. pp. 75.

Paulo,¹¹² e, em registro bem diverso, cartas no acervo do ex-presidente Prudente de Moraes, originalmente publicado no *O Estado de S. Paulo*.¹¹³ Caracteriza-se como uma seção que imprime o ato editorial dos redatores, que davam evidência a temas que consideravam importantes para os leitores da revista.

2.3. A rede de colaboradores

O quadro de colaboradores da *Nova*, embora variado e flutuante, teve certa coesão em termos de projetos, uma vez que todos, independente de que grupo pertencessem, estavam alinhados com a percepção de Mário, Alcântara e Prado em relação à necessidade de conhecimento da realidade e cultura brasileira. No editorial de apresentação, a revista se assumiu como um veículo aberto à circulação de diferentes posições, sem, contudo, se associar a elas. E, de fato, é isso que se pode perceber ao levantar os nomes que participaram da publicação.

De diferentes lugares, grupos e interesses coligiram-se em torno da revista intelectuais e escritores que se identificaram com o programa “sem doutrina”, proposto pelos editores. Mais preocupados em reunir um arquivo da cultura brasileira, com pesquisas etnográficas, sociológicas e históricas, Mário, Alcântara e Paulo Prado colocaram a serviço da publicação a influência e prestígio que já acumulavam e realmente construíram um periódico cultural diferente dos antecessores. Embora seja difícil mapear ao certo quem obteve as colaborações, a marca dos três editores está impressa no rol de articulistas que participaram do periódico.

No entanto, cabe a ressalva de que, mesmo com a proposta de ampliação da rede de colaboradores, ainda é expressiva e muito superior a participação dos velhos conhecidos da vanguarda, que não necessariamente estavam organizados em um mesmo grupo coeso. Por exemplo, se antes os modernistas cariocas contavam com suas próprias publicações, agora tinham, também, a possibilidade de contribuírem com uma revista paulista, que de fato rompeu com o revanchismo do movimento, presente ainda na *Revista de Antropofagia*.

Quadro 3 – Número de contribuições por colaborador

Nº de contribuições	Autores	Porcentagem
26	Orestes Guimarães (N/C)	14,44%

¹¹² *Revista Nova*, ano 1, n.1, mar. p. 131-147, 1931.

¹¹³ *Revista Nova*, ano 2, n.7, jun. p. 377-381, 1932.

18	Mário de Andrade (SP)	10%
17	Antônio de Alcântara Machado (SP)	9,44%
15	Leocádio Pereira (SP)*	8,33%
10	Pedro Dantas (RJ)**	5,56%
6	Alfredo Ellis Júnior (SP)	3,33%
5	Augusto Meyer (RS)	2,78%
4	José Rodrigues de Carvalho (PB), Amadeu Amaral Junior (SP) e Sérgio Milliet (SP)	2,22%
3	Luís da Câmara Cascudo (RN), Alberto do Rego Rangel (PE), Manuel Bandeira (RJ), Murilo Mendes (MG), Paulo da Silva Prado (SP)	1,67%
2	Vicente de Paulo Vicente de Azevedo (SP), Tácito de Almeida (SP), Ermelino A. de Leão (N/C), Octávio de Faria (RJ)	1,11%
Autores com apenas um artigo assinado	47	26,67%

*Pseudônimo de Mário de Andrade.

** Pseudônimo de Prudente de Moraes, neto.

Fonte: Portal Revistas de Ideias e Cultura. Elaboração própria.

Dos 67 colaboradores cadastrados no portal RIC, 47 deles publicaram uma única e somam 71,64% das colaborações. Dos 19 nomes com contribuições superiores a duas, nove são paulistas, três cariocas, três de diferentes estados do nordeste, um gaúcho e um mineiro. A novidade é a recorrência dos autores nordestinos – José Rodrigues de Carvalho,¹¹⁴ paraibano e que publicava pela primeira vez em revista liderada por modernistas;¹¹⁵ Luis da Câmara Cascudo,¹¹⁶ que já havia contribuído com *Terra Roxa e*

¹¹⁴ José Rodrigues de Carvalho (1867-1935), folclorista, autor de “Cancioneiro do Norte” (1903).

¹¹⁵ Todas as análises presentes neste trabalho, foram coligidas a partir dos dados indexados no Portal Revistas de Ideias e Cultura < <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt>>, entre junho e setembro de 2024. O portal, em constante atualização, pode receber novos dados que difiram do que foi exposto aqui. De acordo com o Portal Revistas de Ideias e Cultura, a primeira entrada do autor, no rol de revistas modernistas já coligidas pelo portal, aparece vinculado à *Revista Nova*.

¹¹⁶ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) historiador, folclorista e escritor.

*outras terras*¹¹⁷ e com a *Revista de Antropofagia*,¹¹⁸ mas que figurou mais na *Nova*; e Alberto Rangel,¹¹⁹ que contribuía pela primeira vez neste tipo de publicação.

Um destaque importante para a *Nova* ficou a cargo da série de estudos publicados por Alfredo Éllis Jr., sobre as populações paulistas. O tema teve início no número de abertura e se estendeu por outras cinco partes, discutindo a ideia de raça e identidade na formação da população paulista, em diálogo com as práticas eugenistas debatidas na época. O estudo tornou-se o livro *Populações paulistas* (1934), publicado após a sua participação como combatente no movimento de 9 de julho.

Embora com apenas 10 publicações, a representação de autores do nordeste já é um indicativo da mudança do cenário de nacionalização do movimento modernista, que começou a ocorrer a partir de meados da década de 1920. A iniciativa de pensar as origens dos colaboradores, surge da necessidade de ainda observar o modernismo paulista, sobretudo o núcleo mais tradicional, com a mesma predominância de lugares em destaque na sua produção.

O quadro de colaboradores mais recorrentes da revista apresenta uma particularidade interessante, uma vez que, um completo desconhecido na literatura sobre o tema, Orestes Guimarães, ter assinado o maior número de textos no periódico – sobretudo em uma seção que era encabeçada pela direção. A respeito da identidade de Orestes Guimarães, as informações são inexistentes, tanto na revista, que sequer o arrola como colaborador no índice ao final de cada volume, como em demais documentos de imprensa ou epistolares. No entanto, Carlos Drummond de Andrade, em testemunho dado à Glória Rodrigues Kreinz no projeto do IEB, sugere a hipótese de que Orestes Guimarães poderia ser – e ele não se surpreenderia com isso – a rubrica dos três editores da revista.

Entrevistador: O Sr. poderia dizer quem era Orestes Guimarães?

Carlos Drummond de Andrade: Ignoro sua identidade. Observo, entretanto, que o nome Orestes Guimarães só aparece no sumário da revista. Nas notas bibliográficas, a assinatura é O. G., discretamente. Não será um dos três diretores, ou dois deles, ou todos os três? Mera hipótese, a sugerir pesquisa de temas e de estilo. Às vezes, tem-se a impressão que O. G. era Antônio de Alcântara Machado. Outras, Paulo Prado. Até mesmo Mário de Andrade pode

¹¹⁷ Com o poema dedicado à Manuel Bandeira, “Não gosto de sertão verde” (*Terra Roxa e Outras Terras*, N.º 6, 6 de Julho de 1926, p. 4); e

¹¹⁸ Em duas ocasiões, uma carta de apresentação “Cidade do Natal do Rio Grande” (*Revista de Antropofagia*, 1.ª denteição, N.º 4, Agosto - 1928, p. 3) e o poema “Banzo” (*Revista de Antropofagia*, 1.ª denteição, N.º 10, Fevereiro - 1929, p. 1)

¹¹⁹ Alberto do Rego Rangel (1871-1945) escritor e autor de “Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas” (1908).

ter sido, em algumas resenhas mais vivas. Mas, como disse, é puro palpite meu.¹²⁰

Orestes Guimarães assinou 26 textos¹²¹ e atuou exclusivamente na seção “Notas”, resenhando obras. Essa seção possui a característica de estar sob os cuidados da direção, que assinaram a maioria dos textos que a compõem. Ao observar as resenhas escritas, nota-se que Guimarães não tem definido um tema que trata com maior regularidade – suas resenhas passam por obras de Alceu Amoroso Lima, Arthur Motta, Afrânio Peixoto e Paulo Duarte às obras mais teóricas de Artur Ramos, Arthur Bittencourt e à uma tradução de conferência de Stalin na União Soviética.

A hipótese levantada por Drummond não deve de todo ser descartada, visto que, além de termos de estilo, os próprios temas tratados por Orestes Guimarães, imprimem, de fato, uma marca de Mário, Alcântara e Prado. E, se o diagnóstico estiver correto, os diretores da *Revista Nova* tornam-se os colaboradores mais recorrentes da folha, assinando 30% de todas as publicações. O fato de os três editores serem os maiores colaboradores não é algo propriamente novo para este tipo de publicação. Suas congêneres também tinham os diretores com a maior fatura de assinaturas nos periódicos, e isso evidencia que a revista não era propriamente *nova*, dado que se avolumam suas semelhanças às publicações que a antecederam.

No entanto, ainda que Orestes Guimarães figure como o colaborador mais recorrente da revista, cumpre destacar que a maior fatura de contribuições na *Nova* ficou a cargo de Mário de Andrade que, somado ao seu pseudônimo Leocádio Pereira, totalizam 33 artigos, correspondendo a 18,33% de todas as publicações na revista, ou seja, torna-se o colaborador mais expressivo. A maior fatura dessas contribuições esteve também na seção Notas, na qual o autor realizava, ao mesmo tempo como Mário e Leocádio, resenhas sobre obras em lançamento. Diferente de Alcântara e Prado, Mário contribuiu em três das cinco seções da revista, as únicas que não receberam textos seus foram Brasileira e Resenha, até mesmo pelo formato delas, – que estampavam recortes da imprensa –, o que não significa que Mário não tenha opinado na seleção delas.

¹²⁰ KREINZ, *Op. cit.*, pp. 177-185. A contribuição de Drummond foi feita através de entrevista por carta, em 3 de agosto de 1974.

¹²¹ Sobre a contribuição do autor, ver Anexo 1.

Leocádio Pereira é um pseudônimo que figura apenas na *Revista Nova*¹²² e pode-se supor duas justificativas para a adoção deste tipo de assinatura: a primeira é que, por meio de um nome inventado, um autor conhecido poderia tecer críticas à vontade, imiscuindo-se de responsabilidade; e a outra, mais plausível para *Nova*, é a de que publicar sob um pseudônimo omite a dificuldade de angariar colaborações necessárias para o fechamento de uma edição. Na tentativa de mostrarem aos leitores que a revista recebia colaborações diversificadas, e não dependia somente dos editores, recorrer ao uso de pseudônimos podia ser uma estratégia plausível. É claro que esta não é uma estratégia original de *Nova* – suas congêneres estão repletas de casos assim, como a *Revista de Antropofagia*, que, por meio de pseudônimos inventados, Oswald de Andrade tecia uma série de críticas aos colegas modernistas. No caso da *Revista de Antropofagia*, os pseudônimos estão ligados a textos humorísticos e sarcásticos, situação que não ocorreu na *Revista Nova*.

Embora tenha assinado dezessete textos na revista, Alcântara se empenhou nas tarefas de editor e propagandista de *Nova*. A breve correspondência acessível de Alcântara Machado revela suas tentativas para conseguir novos colaboradores, sugerindo uma série de nomes a Prudente de Moraes, neto, para que entrasse em contato e atraísse novas publicações, além também de incentivar novos temas em possíveis contribuições. Pela correspondência de Alcântara com Prudente e Bandeira, é possível perceber a vontade de ampliar o rol de colaboradores de *Nova* para novos escritores do Rio de Janeiro.

Durante a circulação da revista, avolumou-se a correspondência de Antônio de Alcântara Machado com Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Ainda que tenha contribuído pouco com a publicação, Bandeira foi um importante vínculo e divulgador de *Nova* no Rio de Janeiro, em diferentes grupos que se estabeleciam na capital, e que a partir de sua propaganda, acabaram por contribuir com a revista ou mesmo assiná-la.¹²³ Embora a correspondência dos dois tenha iniciado em 1926, com o surgimento de *Terra Roxa*, Augusto Massi afirma que em 1930 os escritores

¹²² Uma hipótese que se pode ficar em aberto é a de que, assim como Orestes Guimarães, Leocádio Pereira também poderia ser um pseudônimo coletivo, dos três editores de *Nova*. O texto “Romanceiro de Lampeão” (n. 8-10, 15/12/1932) foi assinado por Leocádio, mas sabe-se que o texto é de autoria de Mário de Andrade, pois foi coligido em “O baile das quatro artes” (1938). Leocádio ainda assinou uma nota sobre “O quinze” (1931), de Rachel de Queirós, na primeira edição; e no ano seguinte foi Mário quem assinou a resenha sobre “João Miguel” (1931), segundo romance da autora. No Anexo 2 pode-se encontrar um quadro das contribuições de Mário e Leocádio, que possibilita observar semelhanças temáticas das assinaturas.

¹²³ É o caso, por exemplo, de Marques Rebelo, pseudônimo de Edi Dias da Cruz, que publicou o conto “Circo de coelhos” no n. 7, 15/06/1932, pp. 343-350.

consolidaram um grupo mais ou menos coeso, em que Alcântara Machado teria sido elemento fundamental, ligando diferentes gerações e fortalecendo os vínculos entre paulistas e cariocas:

Na virada da década de 1920 para 30, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, neto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, desejavam ampliar o debate e ampliar os horizontes de pesquisa.¹²⁴

A partir da observação de Augusto Massi, pode-se notar que o grupo em torno da *Revista Nova* já tinha composição diferente da observada no período anterior: embora a configuração entre Mário, Alcântara, Bandeira, Sérgio Buarque, Prudente, Rodrigo M. F. de Andrade e Drummond pareça coerente, ela revela aspectos sobre como o modernismo se arregimentava de modo mais difuso, diluído em diferentes tradições, propostas e atitudes. É um pouco do caminho que tomava o movimento na virada dos anos 1920 para 1930, como provocou Oswald de Andrade em artigo na *Revista de Antropofagia*: “Literatura será questão de amizade?”.¹²⁵

Ainda no quadro 3, relativa aos colaboradores da *Revista Nova*, observa-se que, separadas as contribuições dos editores da revista – incluído pseudônimos – e a de Prudente de Moraes, neto, considerado um escritor da casa, resta um grupo bem importante, que ganhava maior visibilidade no ciclo das publicações modernistas.¹²⁶ O quadro abaixo demonstra a presença desses nomes em outras revistas, que aparecem com importância e tamanho bem diferentes do que em *Nova*.¹²⁷

Quadro 4 – Comparação de Autores singulares nas revistas modernistas

Autores	<i>Klaxon</i>	<i>Estética</i>	<i>A Revista</i>	<i>Terra Roxa</i>	<i>Verde</i>	<i>Revista de Antropofagia</i>	<i>Revista Nova</i>
Augusto Meyer						6	5

¹²⁴ MASSI, Augusto. A vida literária passada em revista: três cartas de Manuel Bandeira a Antônio de Alcântara Machado. *Teresa* vol 8, n. 9. São Paulo, 2008, p. 69.

¹²⁵ ANDRADE, Oswald. Os três sargentos. *Revista de Antropofagia*, 14 jun. 1929.

¹²⁶ A respeito de Alfredo Ellis Júnior, com seis contribuições, o tema será abordado no capítulo 3, com vistas a desvendar as temáticas mais recorrentes na revista, como o bandeirismo, espaço onde sua colaboração se encaixa.

¹²⁷ Todos os dados da tabela foram extraídos na consulta da base de dados do RIC. <<https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/indexes/single-authors/a>> Acesso em: 20 ago. 2024.

José Rodrigues de Carvalho							4
Amadeu Amaral Junior							2
Sérgio Milliet	7	2		10	3		4
Luís da Câmara Cascudo				1		2	3
Alberto do Rêgo Rangel							3
Manuel Bandeira	2	2	1	1		2	3
Murilo Mendes					1	2	3
Vicente de Paulo							2
Tácito de Almeida	1						2
Ermelino A. de Leão							2
Octávio de Faria							2

Fonte: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/indexes/single-authors/a> Acesso em: 20 ago. 2024.

Elaboração própria.

Metade dos autores mais recorrentes na *Revista Nova* estreavam em revistas modernistas. Com exceção de Sérgio Milliet, que contribuiu bem mais em *Terra Roxa*, todos os outros que já publicaram em diferentes revistas, como Meyer, Bandeira e Cascudo, aumentaram ou mantiveram o número de contribuições na revista de 1931. É fato que nos anos 1930 as amizades e agrupamentos tomavam uma nova dinâmica, dado

que as arregimentações vistas na década anterior se diluíram em movimentos distintos. Assinalo para movimento, pois, ao que parece, o modernismo paulista, com raízes em 1922, procurava, no contexto de crise, fazer a sua própria cronologia.¹²⁸

À despeito das tentativas de Alcântara e Mário de conseguirem colaboradores do Rio de Janeiro por intermédio de Prudente e Bandeira, obtiveram pouco êxito. Os dois cariocas figuram enquanto colaboradores recorrentes na publicação, Bandeira com poemas e Prudente na seção “Crônica”. Se com os cariocas as investidas não tiveram sucesso, a situação ficou estagnada com os mineiros, que contribuíram muito menos. Apenas Drummond e Murilo Mendes aparecem como representantes da fatura mineira, surpreendente, dado que Mário mantinha ainda relações estreitas com os dissidentes de *Verde*.

Ainda que o intuito de *Nova* não tenha sido constituir-se em uma revista literária – mas sim de cultura – os mineiros de *Verde* mostraram-se entusiasmados com a publicação, que certamente foi enviado a eles por Mário de Andrade. Desde 1931 Mário iniciara tratativas com Rosário Fusco para publicar “Os contos de Belazarte” pela editora cataguasense Spínola e Fusco. Em outubro de 1931 Rosário Fusco, ao mencionar sobre o livro, demonstrou interesse em contribuir para a *Nova*, dizendo que em breve a assinaria.¹²⁹ No mês seguinte foi Murilo Mendes quem remeteu a Mário de Andrade:

Mário de Andrade,
O Paulo Prado me falou que você está sem matéria para o número de dezembro.
Fiquei besta. *Pensei que você tivesse matéria até demais*.
Aí vão [ilegível], não sei se chegarão a tempo, ou se servem. Se não servirem,
peço que devolva eles, que darei [ilegível].¹³⁰

O conto enviado, “A cartomante”, acabou publicado no n. 4 (15/12/1931), mas Mário sublinhou a ideia de que a revista “tivesse matéria até demais”, uma imagem que provavelmente era passada pela leitura das edições, pois, internamente, este sempre foi o maior problema do projeto. Outro mineiro de *Verde*, que também enviou colaboração.

¹²⁸ A este respeito, tratarei com maior ênfase no capítulo 3, ao abordar a homenagem feita no centenário de Álvares de Azevedo no n. 3 (15 set. 1931). Assim como ocorreu em *Festa* uma tentativa de estabelecer a cronologia do modernismo carioca, ao abordar temas estritamente paulistas, como a homenagem a Álvares de Azevedo, a *Revista Nova* fez uma investida em precisar o momento mais originário da história da literatura modernista de São Paulo, com raízes – ainda que distantes – no poeta paulista mais subversivo do Romantismo.

¹²⁹ Correspondência de Rosário Fusco a M.A. 16 out. 1931. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Acervo Mário de Andrade. MA-C-CPL3291.

¹³⁰ Correspondência de Murilo Mendes a M.A. 11 nov. 1931. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Acervo Mário de Andrade. MA-C-CPL 4659. Grifo meu.

Francisco Inácio Peixoto, em maio de 1932,¹³¹ no entanto seu poema não foi publicado. Cumpre destacar que os mineiros de *Verde* estavam mais alinhados ao grupo de Mário, desde a *Revista de Antropofagia*. De acordo com Luiz Ruffato, Oswald teria assediado os cataguasenses em busca de apoio contra Mário e Alcântara,¹³² comenta Guilhermino César a Francisco Inácio Peixoto:

[...] Depois é besteira do Oswald e Bopp estarem com essas rivalidadezinhas. Oswald já estava ficando esquecido, precisava fazer barulho e focalizar o seu nome, vai arranja essa besteirada contra Mário e Alcântara, os quais a gente pode não seguir cegamente mas é obrigado a aplaudir. Dois homens que trabalham como sabem trabalhar e estão mesmo modificando a atmosfera da nossa gente de letras.¹³³

Se os mineiros apareceram em poucos números, o nordeste, por outro lado, esteve representado na publicação sobretudo por José Rodrigues de Carvalho,¹³⁴ que publicou uma série de textos sobre língua e folclore e estreava em publicações modernistas; Luís da Câmara Cascudo¹³⁵, que contribuiu em três ocasiões e temáticas diferentes, e Alberto do Rêgo Rangel¹³⁶, também estreante, assinou uma série de crônicas chamada “Cruêra”, que tinha o intuito de traçar um panorama do momento histórico brasileiro a partir de uma espécie de diário de viagem. Os doze textos remetidos por colaboradores do nordeste representam cerca de 9% do total de textos na revista, figurando como o quarto maior grupo.

Quadro 5 – Colaboradores com apenas uma assinatura

Situação	Autor	Qtde.
Nada consta (sem dados biográficos)	João Pacheco (SP), José Carvalho de Brito, Aurélio Gomes de Oliveira, Carlos Pinto Alves	4
Colaborador passivo	José Maria de Eça de Queirós, Alfredo d’Escragnolle Taunay, Henri Ferrand, Álvares de	9

¹³¹ Correspondência de Francisco Inácio Peixoto a M.A. 18 mai. 1932. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). MA-C-CPL5666.

¹³² RUFFATO, Luiz. *A revista Verde, de Cataguases*. Contribuição à história do modernismo. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2022, pp. 118.

¹³³ GOMES, Paulo Emílio Sales. Para um estudo sobre os “Azes de Cataguases”. *Língua e Literatura*, São Paulo: FFLCH/USP, n. 4, p. 470, 1975.

¹³⁴ Publicou na *Revista Nova* a série de estudos “Língua Nacional”, com vocabulário de expressões e palavras tipicamente sertanejas e folclóricas brasileiras.

¹³⁵ Publicou na *Revista Nova* os textos “A escravidão na evolução econômica do Rio Grande do Norte” (n. 1, 15 mar. 1931), “Alvares de Azevedo e os charutos” (n. 3, 15 set. 1931) e o “O corpo do Imperador” (n. 8-10, 15 dez. 1932).

¹³⁶ Na *Revista Nova* assinou a série de três textos intitulada “Cruêra” (n. 4, 15 dez. 1931; n. 5, 15 fev. 1932; n. 8-10, 15 dez. 1932).

	Azevedo, José Bonifácio, Eduardo Prado, Ramalho Ortigão, José de Alcântara Machado de Oliveira, Francisco Isoldi	
“Modernista”	Prudente de Moraes, neto (RJ), Rodrigo Melo Franco de Andrade (RJ), Rui Ribeiro Couto (SP), Marques Rebelo (RJ), Cândido Motta Filho (SP), Guilherme de Almeida (SP), Sérgio Buarque de Holanda (RJ), Carlos Drummond de Andrade (MG), Ronald de Carvalho (RJ), Couto de Barros (SP), Francisco Martins de Almeida (RJ), Luiz Aranha (SP)	12
Político/Militar	José da Silva Gordo (RJ), Inácio José Verissimo (RJ), José de Almeida Camargo (SP), Abrãao Ribeiro (SP)	4
Médico	Miguel Osório de Almeida (RJ), Afrânio Peixoto (RJ), Leonídio Ribeiro (SP), Osório Thaumaturgo Cesar (PB), Roquette-Pinto (RJ), Murillo de Souza Campos (RJ)	6
Outros (Escritores, historiadores, folcloristas, críticos)	Tristão de Ataíde (RJ), Carlos Magalhães de Azeredo (RJ), Henrique Jorge Hurley (RN), Azevedo Amaral (RJ), Homero Pires (BA), Arthur Motta (SP), Joaquim Ribeiro (RJ), Afonso Taunay (RJ), Escragnolle Dória (RJ), Astrojildo Pereira (RJ), José Barnabé de Mesquita (MT), Pierre Gueguen (FRA)	12

Fonte: Elaboração própria.

O quadro acima complementa o anterior na medida em que lista os autores que assinaram apenas um texto, distinguindo diferentes tipos de colaboradores: aqueles para os quais ainda não foi possível encontrar dados biográficos;¹³⁷ os passivos – que aparecem

¹³⁷ Ainda que não tenham dados biográficos acessíveis, os nomes são cadastrados na base de dados do portal RIC.

por meio do ato editorial¹³⁸; os modernistas, que estão de alguma forma ligados aos editores ou ao movimento, de modo mais geral; políticos e médicos – posições que tem uma certa incidência na revista; e outros que dialogam com uma variedade de temas. Além disso, precisar o lugar de produção dos articulistas é um modo de mapear a rede de colaboradores, bem como estabelecer possíveis ligações entre os grupos que se formavam no início dos anos 1930.

Dentro do grupo mais numeroso, mas que menos publicou, – os colaboradores com apenas uma assinatura – nomes conhecidos como Guilherme de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda, Ronald de Carvalho, Antônio Carlos Couto de Barros, Alceu Amoroso Lima, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Cândido Motta Filho, etc., aparecem entre os nomes desconhecidos da “vanguarda”, Astrojildo Pereira,¹³⁹ Osório Thaumaturgo Cesar,¹⁴⁰ José Barnabé de Mesquita,¹⁴¹ Henrique Jorge Hurley¹⁴² e Murillo de Souza Campos,¹⁴³ etc.

Embora esses articulistas somem 26,67% do total de textos estampados na revista, configuram certa expressividade para delinear o projeto editorial, uma vez que a importância dessas colaborações está no fato de expressarem a ampliação e descentralização (grupo que vai além dos modernistas) para espaços e temas pouco vistos nesses periódicos. Além de demonstrarem o esforço por parte dos editores de cumprir com o projeto da revista, apostando em escritores e assuntos que começavam a ganhar mais interesse. Assim, pode-se observar que a fatura mais importante de publicações na

¹³⁸ V. LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração* (1884-1892): Circulação de Textos e Imagens entre Paris, Lisboa e Rio De Janeiro. São Paulo: Editora Unesp, Fapesp: 2018, p. 135-137.

¹³⁹ Astrojildo Pereira (1890-1965) escritor, jornalista e crítico literário, contribuiu com o artigo “Manifesto da contra-revolução” (*Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 213-236), em que o autor comenta e critica os principais pontos do “Manifesto” da Legião Revolucionária, escrito por Plínio Salgado, e lançado em março do mesmo ano. Além de criticar, visa dar um parecer sobre possíveis soluções para os problemas sociais que são apresentados nas propostas de Salgado.

¹⁴⁰ Osório Thaumaturgo Cesar (1895-1979) psiquiatra brasileiro contribuiu com o artigo “Contribuição para o estudo do espiritismo” (*Revista Nova*, n. 4, 15/12/1931, pp. 563-581), cuja proposta era mapear a origem do espiritismo, analisando a prática ao redor do mundo e ao longo do tempo, desde a escritura do Velho Testamento até os anos mais recentes.

¹⁴¹ José Barnabé de Mesquita (1892-1961), poeta e ensaísta, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso, contribuiu com o conto “Corá” (*Revista Nova*, n. 5, 15/02/1932, pp. 78-94), dedicado à Paulo Prado.

¹⁴² Henrique Jorge Hurley (1882-1956), potiguara, historiador e militar, contribuiu com o texto “Yaribes da Amazonia” (*Revista Nova*, n. 1, 15/03/1931, pp. 131-143), originalmente publicado no jornal *O Paiz* (RJ, 1884-1930) em 03 de outubro de 1930, que discute a linguagem popular na poesia do norte e nordeste do Brasil, fazendo uso de diversos exemplos de canções e poemas que se apropriam da linguagem indígena, a partir da obra do poeta cearense José de Carvalho.

¹⁴³ Murillo de Souza Campos (1887-1968), médico brasileiro, contribuiu com o ensaio “Espiritismo e higiene mental” (*Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 193-205), extraído de um capítulo do livro “O espiritismo no Brasil”, que define e diferencia o que é espiritismo, histeria e hipnotismo.

Revista Nova esteve destinada à própria rede de sociabilidade dos diretores em 1930, que conservavam os mesmos interesses.

Na seção “Notas” a revista estampava uma pequena biografia dos autores, em “Colaboradores deste número”, e os próprios editores não foram capazes de apresentarem informações mais precisas sobre esses autores, de modo que ainda não foi possível encontrar qualquer outra informação sobre suas atuações. Em relação a Aurélio Gomes de Oliveira, que escreveu um pequeno ensaio sobre Álvares de Azevedo, Mário desconfia que seja um pseudônimo de Prudente de Moraes, neto, que tentou gracejá-lo na publicação.

Aliás saiu um artigo dum tal Aurélio Gomes de Oliveira, incrível, que me deixou bastante amolado. Palavra que me deixa ridículo esse artigo e esse admirador. Da admiração nem o Aurelio (se é que existe...) tem a culpa, mas nada me impede de sofrer que Pru tenha mandado esses elogios pra mim, e o Alcântara os tenha deixado sair.¹⁴⁴

Já os colaboradores passivos são todos os autores dos documentos históricos publicados. Como não há uma separação especial na indexação dos analíticos do RIC, eles são cadastrados como autores singulares de artigos – mesmo que não tenham, de fato, colaborado ativamente no periódico.

Mesmo com contribuições fragmentárias/individuais, o tema da psicanálise e do espiritismo estiveram presentes na revista, escritos por colaboradores médicos. Foram publicados quatro textos sobre o assunto e duas resenhas na seção Notas.¹⁴⁵ O tema, que começava a ganhar espaço no debate da época, aparece na *Revista Nova* como uma forma diferente de apreensão da sociedade brasileira do período, o que mostra a abertura da revista para interpretações de naturezas diversas.

Ainda que a *Revista Nova* abrisse espaços para novos temas, a presença de produção literária apareceu com certa relevância. Todas as edições veicularam prosa ou poesia, somando vinte no total – 9 contos e 11 poemas. Tanto Mário de Andrade quanto Alcântara Machado publicaram contos na revista. Na edição especial dedicada a Álvares de Azevedo, os editores publicaram um excerto original e inédito do autor, “O Livro de Fra Gondicário”, que de acordo com nota prévia “Devemos a gentileza de Homero Pires

¹⁴⁴ MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000, pp. 529.

¹⁴⁵ *Revista Nova*, n. 2, 15 jun. 1931. A primeira resenha é “Henrique Geenen – Palestras Philologicas [sic] (1ª série, Irmãos Ferraz, São Paulo, 1931)”, escrita por Orestes Guimarães. A segunda resenha: *Revista Nova*, n. 5, 15 fev. 1932, p. 104-106. A resenha é “Arthur Ramos: Estudos de psicanálise (Livraria Científica, Bahia, 1931)”, escrita por José de Almeida Camargo (1903-1937) médico de formação e político brasileiro, lutou na Revolução Constitucionalista, no Batalhão 14 de Julho.

esta publicação de quatro dos onze capítulos que compõem a parte III do romance inédito de Álvares de Azevedo.”¹⁴⁶

Em carta a Cascudo, Mário confidenciou a dificuldade em seguir rigidamente o programa da revista e conceder o menor espaço possível à matéria literária. Ao explicar o atraso na publicação de estudo do autor sobre poesia popular – que nunca foi publicado, mas o intuito era compor eixo temático de número sobre a poesia do nordeste, junto ao texto de Antônio Bento, sobre Lampião – no entanto, às vésperas do fechamento da edição “Antônio Bento roeu a corda à última hora.”¹⁴⁷ E justamente para fechar a edição, publicou-se a tradução de Fausto, de Goethe, feita por Roquette-Pinto,¹⁴⁸ que como Mário atribuiu, foi veiculada de modo a “encher o vazio com coisas das que estavam aqui como sobras.”¹⁴⁹

Em carta de tom mais aborrecido, Mário de Andrade expôs sua opinião e criticou Augusto Meyer que, embora tenha recebido vários pedidos para obter ou mesmo contribuir com ensaios e artigos, *Revista Nova* não parava de receber textos literários.

Agora raciocinemos. Levei um ano pedindo artigos, estudos seus ou de alguma batuta daí para *Revista Nova* e nada. Pedi verso, veio logo. Gordo, grosso e *bien portant*. Esse é o nosso desespero na *Revista Nova*. Ainda o último número [6] foi asperamente criticado na zona, porque tinha “muita literatura”. Opinião do Paulo Prado e *tutti quanti*. É incontestável. Mas você não imagina a dificuldade de arranjar neste país quem escreva sobre os assuntos do momento, quem faça ensaios sobre assuntos brasileiros, é um martírio o nosso. E os que fazem ou carece pagar ou são inaceitáveis. Um Roquette Pinto, amigo nosso, manda traduções do Fausto!, diretor do Museu Nacional, antropologista, sujeito mesmo de valor. E é nisso que vivemos numa luta danada. Perdoe o excesso de literatura que havia no último número da *Revista Nova*. Dois contos! e leve isso na conta da inenarrável preguiça e também incultura deste povo angélico. [...] E que as aperturas da *Revista Nova* sugiram a você alguém por aí que no mande ensaios, sociologia, república nova, etnografia, história, amor.¹⁵⁰

A edição n. 6, (15/04/1932) teve apenas 115 páginas e contou com a maior porcentagem de textos literários, dois contos, um poema e a tradução de Goethe. A edição ainda contou com fragmentos dos diários de Alfredo Taunay, a continuação de três publicações em andamento: “Populações Paulistas (IV)”, de Alfredo Ellis Jr., “Cruêra”, de Alberto Rangel; e “Língua Nacional (III)” de Rodrigues de Carvalho. Nota-se que a

¹⁴⁶ *Revista Nova*, n. 3, 15 set. 1931. p. 315.

¹⁴⁷ MORAES, Marcos A. (Org). Câmara Cascudo e Mário de Andrade. *Cartas, 1924-1944*. Op. Cit. p. 226-227.

¹⁴⁸ Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) antropólogo, professor e médico legista.

¹⁴⁹ MORAES, Marcos A. (Org). Câmara Cascudo e Mário de Andrade. *Cartas, 1924-1944*. Op. Cit. p. 226.

¹⁵⁰ FERNANDES, *Op. cit.*, Carta de 16 de maio de 1932, 1968, p. 103.

edição não avançou em termos de debate, como vinha propondo no ano anterior, e que o incômodo de Mário se justificava.

A dificuldade da *Revista Nova* em obter ensaios e artigos etnográficos, históricos e sociológicos sempre foi uma questão apontada por Mário e Alcântara com seus interlocutores. As cartas indicam que os missivistas enxergavam *Nova* com a percepção de que se compunha em publicação nos moldes das antecessoras, cujo programa voltava-se mais às publicações literárias.

Quadro 6 – Contribuições literárias na *Revista Nova*

Edição/nº textos	Título	Autor	Natureza
01 (15 mar. 1931) / 3	Boca de forno (p. 46-47)	Manuel Bandeira	Poema
	Mulher em todos os tempos (p.48-49)	Murilo Mendes	Poema
	Bazar Colosso (pp. 80-101)	Pedro Dantas	Conto
02 (15 jun. 1931) / 2	O canto dos brinquedos (p.156-166)	Guilherme de Almeida	Poema
	As cinco panelas de ouro (p. 237-266)	Antonio de Alcântara Machado	Conto
03 Edição especial (15 set. 1931) / 1	O Livro de Fra-Gondicario (p.315-337)	Alvares de Azevedo	Original
04 (15 dez. 1931) / 4	Poema patético (p. 525)	Carlos Drummond de Andrade	Poema
	A cartomante (p. 526-527)	Murilo Mendes	Conto
	Sachka e o poeta (p. 528)	Manuel Bandeira	Poema
	A viagem a Napoles (p. 595-615)	Sérgio Buarque de Holanda	Conto
05 (15 fev. 1932) / 2	Poemas (p. 24-26)	Sergio Milliet	Poema
	Corá (p.78-94)	José de Mesquita	Conto
06 (15 abr. 1932) / 6	Poemas (p. 156-158)	Augusto Meyer	Poema

	Fragmento de Fausto (p. 159-164)	Goethe	
	O enterro de seu Ernesto (p. 165-175)	Rodrigo M. F. de Andrade	Conto
	Menina de olho no fundo (p. 190-206)	Mário de Andrade	Conto
07 (15 jun. 1932) / 2	Poema giratório (p. 253-268)	Luiz Aranha	Poema
	Circo de coelhinhos (p. 343-350)	Marques Rebelo	Conto
08-10 (15 dez. 1932) / 2	Bumba meu poeta (p. 8-22)	Murilo Mendes	Poema
	Variações em surdina (p. 77-86)	João Pacheco	Conto

Fonte: Elaboração própria.

O quadro acima permite observar que todas as edições contaram com pelo menos um texto literário, mas sobretudo, quem esteve responsável por assiná-los. Por meio da correspondência de Mário e Alcântara pode-se notar que vários escritores enviavam colaborações literárias para a *Revista Nova* – matéria que chegava em maior quantidade do que os esperados estudos sociais. As contribuições literárias, com exceção de João Pacheco e José de Mesquita, foram publicações de escritores mais próximos à redação. Cumpre destacar que todos os poemas enviados por Manuel Bandeira foram publicados, o mesmo ocorreu com o conto de Prudente, Sérgio e Drummond, todos muito próximos a Mário e Alcântara, e que compartilhavam os mesmos interesses.

Algumas contribuições merecem atenção especial, visto que explicitam os meandros do funcionamento da revista, como é o caso da colaboração de Guilherme de Almeida, “O canto dos brinquedos”. Como indicou Mário em carta à Drummond, foi uma publicação mais protocolar, visto que, alguém da direção – do qual Mário não identifica – cedia lugar ao catedrático, pois queria agradar a Academia Brasileira de Letras (ABL) – assunto do qual Mário não se interessou em discutir ou tomar parte.¹⁵¹ Vinculado aos modernistas desde *Klaxon*, da qual criou a icônica capa, Guilherme de Almeida publicou em todas as revistas modernistas dos anos 1920, e à época de *Nova*, já era integrante da

¹⁵¹ “[...] Mas é que alguém, você imaginará logo quem, tem todo o interesse em agradar a Academia Brasileira no momento e também Guilherme de Almeida. Pelo que pedimos a este que fosse o exclusivo representante da poesia no segundo número, e ele aliás gentilíssimo nos cedeu um poema importante [...]” ANDRADE, Mário. *A lição do amigo (...)*, p. 245.

ABL, assumindo a cadeira de Amadeu Amaral em 1930 – é considerado, por muitos, o primeiro modernista a ingressar na instituição. No entanto, Guilherme de Almeida afastou-se da ala dos Andrades no modernismo ainda em meados década de 1920, visto que estava mais alinhado aos verde-amarelos.¹⁵²

Em 1926 Sérgio Buarque de Holanda já havia sintetizado as disputas do campo literário sobre o movimento, no texto “O lado oposto e os outros lados”.¹⁵³ Existia, portanto, desde o início de *Novíssima*, uma diferença de propósitos entre escritores que impossibilitava a generalização do movimento em um único grupo coeso. Sérgio Buarque tão logo reconheceu tamanha incompatibilidade:

[...] mesmo o academismo de Guilherme de Almeida já não é mais um inimigo, porque ele se agita num vazio e vive à custa de heranças. As figuras mais representativas desse espírito acadêmico e mesmo as melhores que (como é o caso das que citei [Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Renato Almeida]) falam uma linguagem que geração dos que vivem esqueceu há muito tempo. [...] São autores que se acham situados positivamente do lado oposto e que fazem todo o possível para sentirem um pouco a inquietação da geração vanguardista.¹⁵⁴

Em relação à publicação de Guilherme de Almeida, a *Revista Nova*, corroborou com o ideal em firmar-se como uma arena de disputas polêmicas. Ainda que Mário não estivesse inteiramente de acordo com esse texto, não poderia barrar tal contribuição, uma vez que o periódico era uma sociedade igualitária entre três homens que não mantinham relações restritas ao seu núcleo. Evidencia, portanto, o “caráter conciliatório”, que revelou Mário. Não era, portanto, revista “igrejinha”, de grupo fechado – ao reunir intelectuais em torno de questões maiores, obrigava-se que as diferenças ficassem de lado, pois o que estava em jogo era a nação, não mais o modernismo.

Já as contribuições de Bandeira, Drummond, Prudente e Sérgio Milliet não fugiam muito à regra das congêneres modernistas, dado que mantinham relações próximas ao núcleo da revista. Para Marcos Antônio de Moraes, os textos apareciam como uma forma de amenizar o conteúdo mais duro da revista, como as publicações em torno dos temas

¹⁵² No artigo “Moquem”, da *Revista de Antropofagia*, Oswald Costa, sob o pseudônimo de Tamandaré, critica Mário de Andrade por manter relações com escritores considerados medíocres: “Me diga o sr. Mário de Andrade que assunto do Brasil resolveram os modernos. Pois não continuamos a confundir tudo, num comadrismo [sic] indecente, valorizando mediocridades [...]. Que espírito novo trouxeram à nossa poesia, por exemplo, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, que o sr. Mário de Andrade não se cansa de enaltecer [...]” *Revista de Antropofagia*, 2.^a denteção, n. 6, 24 abr. 1929, p. 10.

¹⁵³ *Revista do Brasil*, 15 out. 1926, pp. 9-10.

¹⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. O lado oposto e os outros lados. In: *O espírito e a letra*. Estudos de crítica literária (Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 255. Grifo do autor.

da etnografia.¹⁵⁵ Augusto Meyer e Rodrigo Melo Franco de Andrade não eram nomes propriamente desconhecidos do círculo modernista de São Paulo, mas é fato que aparecem na *Revista Nova* a partir de contato estabelecido com Mário e Alcântara. À época de Nova, Rodrigo M. F. de Andrade tornara-se amigo de Alcântara Machado, que o introduziu na publicação.¹⁵⁶

No caso de Murilo Mendes, foi introduzido na revista por meio de Mário de Andrade, que pela correspondência, demonstrou interesse desde o início da circulação. Sua primeira publicação foi o poema “Mulher em todos os tempos”, no primeiro volume. O texto dividiu opiniões entre os diretores, como comenta Mário em carta a Bandeira: “Por exemplo o caso do poema de Murilo Mendes. Me escreveu ontem o Guillén, dizendo que achara bom (ele fala “ótimo”) o poema do Murilo. Eu acho excelente. O Alcântara acha regular. O Paulo acha ruim. Muitos acharam detestável.”¹⁵⁷ Do qual Bandeira respondeu: “Não achei bom o poema do Murilo: achei ótimo, como lhe disse o Guillén.”¹⁵⁸ Em novembro de 1931 enviou o conto “A cartomante” à revista, publicado na edição de dezembro do mesmo ano; em janeiro de 1932 enviou o poema “Jandira”, que não foi publicado, e novamente em março enviou o conto “Bumba meu poeta”, estampado na última edição.

Os comentários trocados entre Mário e Bandeira a respeito da contribuição de Murilo Mendes evidenciam que, ainda que nem todos se mostrassem exatamente satisfeitos com a publicação dos textos, não podiam descartar a colaboração, caso semelhante ao ocorrido com a contribuição de Guilherme de Almeida. Além disso, mostram como os textos circulavam entre os assinantes da revista, alguns até mesmo comentando com os editores sua própria visão sobre o que fora publicado.

Marques Rebelo, assim como Murilo Mendes, não era um desconhecido do grupo paulista. Pseudônimo de Edi Dias da Cruz, o carioca publicou na *Nova* por intermédio de Manuel Bandeira, que o indicara à Alcântara Machado, que procurava por novos

¹⁵⁵ MORAES, *Op. cit.*, 2000, pp. 485.

¹⁵⁶ As correspondências entre Antônio de Alcântara Machado e Rodrigo Melo Franco de Andrade começam em 1928, em decorrência da *Revista de Antropofagia*, e continuam até o ano de 1933. São 23 cartas trocadas entre os anos de 1931-1932 e 8 em que conversam sobre a *Revista Nova*. Neste período, é possível observar que Rodrigo M. F. de Andrade desentendeu-se com Alceu Amoroso Lima, após uma crítica elaborada à sua “Preparação à sociologia” (1931), e Alcântara, também próximo à Alceu, atuou de modo a contemporizar ambos os lados. As cartas entre Rodrigo M. F. de Andrade e Antônio de Alcântara Machado estão disponíveis no arquivo IEB/USP.

¹⁵⁷ Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 28 de março de 1931. MORAES, *Op. cit.*, 2000, pp. 495.

¹⁵⁸ Carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1931. MORAES, *Op. cit.*, 2000, pp. 499.

escritores para contribuir com a ainda embrionária *Revista Nova*: “[...] há um rapaz, Marques Rebelo, que você talvez conheça, de quem se poderá obter um romance [...]”,¹⁵⁹ indicou Bandeira à Alcântara.

No fundo de correspondências de Mário e de Antônio de Alcântara Machado, disponível no IEB, não foi possível encontrar nenhuma missiva trocada com Rebelo, no entanto, Alcântara Machado, em carta enviada a Mário, comenta os elogios feitos pelo carioca a respeito de seu conto, publicado no n. 2: “[...] Curioso que o já citado Rebello (que por sinal se chama Edi Cruz) torcendo-se todo e me desejando preliminarmente saúde disse a mesma coisa: final “genial”, excesso de graça.”¹⁶⁰ Na mesma carta, Alcântara compartilha com Mário um evento do qual participou, junto a Rebelo, na Associação Portuguesa de Esportes, e o define como “[...] tipo de sujeito que diante de um incêndio toca violino.” A passagem indica que Rebelo começava a se relacionar com os editores de *Nova* – provavelmente influenciado por Bandeira¹⁶¹. Sua contribuição na revista “Círculo de coelhinhos” só fora estampada na penúltima edição, de 15 jun. 1932.

Os dois escritores que fogem à regra são José de Mesquita e João Pacheco, estreantes nas revistas já indexadas no portal RIC-Brasil. José de Mesquita era um escritor e jurista mato-grossense, que esteve ligado à fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e da Academia Mato-grossense de Letras (1921). Publicou na *Nova* o conto existencialista “Corá”, dedicado à Paulo Prado. Em carta a Prudente de Moraes, neto, Alcântara Machado justificou a contribuição como: “um conto de publicação dispensável, mas por vários motivos complicados, obrigatória de um desembargador de Cuiabá.”¹⁶² A dedicatória e a crítica de Alcântara levam a crer que a colaboração de José de Mesquita fora imposta por Paulo Prado, que poderia manter-se no cargo diretivo da revista também pela influência que ela teria à época. Situação semelhante ocorreu com o texto de Guilherme de Almeida, publicação também obrigatória, como Mário revelou a Drummond.

¹⁵⁹ Carta de Manuel Bandeira a Antônio de Alcântara Machado, Rio de Janeiro, 17 jan. 1931. In: MASSI, Augusto. A vida literária passada em revista: três cartas de Manuel Bandeira a Antônio de Alcântara Machado. *Teresa*, revista de Literatura Brasileira, São Paulo, nº 8/9, 2008, pp. 73.

¹⁶⁰ Carta de Antônio de Alcântara Machado a Mário de Andrade, 23 jun. 1931. MA-C-CPL 4379.

¹⁶¹ Manuel Bandeira publicou na *Revista Nova* uma opinião, na seção Notas, a respeito o romance “Oscarina” (1931), de Marques Rebelo: estreia literária do autor, do qual Bandeira diz ser tão bom quanto as novelas cariocas de Machado de Assis e Lima Barreto. *Revista Nova*, n. 3, 15 set. 1931, p. 497-498.

¹⁶² Carta de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto, 18 jan. 1932. In: MACHADO, Antônio de Alcântara. Pressão afetiva e aquecimento intelectual: Cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto. São Paulo: Giordano; Lemos; EDUC, 1997, p. 126.

Já em relação à contribuição de João Pacheco, o conto “Variações em surdina” era sua estreia literária. Não foi possível recuperar o caminho percorrido por Pacheco até a sua publicação na *Nova*, tampouco dados biográficos para mapear as possíveis relações que teria estabelecido para obter espaço na publicação. Fato é que seu conto foi publicado na derradeira edição, da qual Mário de Andrade não mais participava. Pode-se presumir que seu texto fora enviado antes do hiato que sofreu a *Revista Nova*, entre os meses de julho a dezembro, e por caracterizar-se como uma edição pouco representativa da folha, seu escrito foi publicado. De acordo com a própria descrição da revista, sobre os colaboradores do número, João Pacheco era um “jovem prosador paulista, residente em Santos, ainda sem obra publicada.”¹⁶³

O quadro de colaboradores ativos da *Revista Nova*, como observado, foi bastante dinâmico e flexível, caracterizando-se como uma espécie de caleidoscópio, com complexa composição de escritores. A descrição dos meandros da rede de sociabilidade no entorno da revista demonstra dois pontos que tenho defendido ao longo deste trabalho: o novo arranjo das forças modernistas na virada do decênio de 1920 para a década 1930, fortemente marcado pelo contexto político-social e pela cisão entre Mário e Oswald; e o programa diretivo do periódico, que, mesmo com as dificuldades postas, foi fiel à sua idealização, de constituir-se numa arena de disputas e polêmicas – ainda que estas não apareçam tão explicitamente.

Ambas as visões de Cascudo e Bandeira, a respeito da característica de *Nova* – se representante ou não de um grupo específico – apareceu nos conflitos internos da folha, que em nenhum momento posicionou-se como defensora de qualquer vertente. A *Revista Nova* foi considerada como uma continuidade de *Klaxon*, *Terra Roxa* e a primeira detenção da *Revista de Antropofagia*.¹⁶⁴ Mas podia ser exclusivista e dialogar com apenas um grupo, uma vez que a revista tentava marcar sua própria posição: *Nova* pretendia intervir na construção das interpretações sobre o Brasil, pois caracterizou-se por ser um espaço de arregimentação de forças para se pensar o país.

¹⁶³ *Revista Nova*, n. 8-10, 15 dez. 1932, pp. 108.

¹⁶⁴ KREINZ, Glória A. *Op. cit.* pp. 16-22.

CAPÍTULO 3

Entre o nacionalismo e a paulistanidade: o desafio da *Revista Nova* em repertoriar o Brasil

Este capítulo se dedica a explorar a complexa relação da *Revista Nova* com a ideia de Brasil, analisando como a publicação buscou construir um repertório nacional ao mesmo tempo em que demonstrava uma forte ligação com a identidade paulistana. A partir da análise de conjuntos textuais, evidencia-se a tensão entre a identidade regional e a busca por uma representação do nacional, ancorada em temas como a paulistanidade, a literatura e sua crítica e a Etnografia, um importante destaque da publicação. Buscou-se apresentar como os colaboradores da revista abordaram os temas nacionais, quais elementos da cultura brasileira foram destacados e como se relacionavam com as tendências modernistas da época. O objetivo foi investigar a maneira como a *Revista Nova* se posicionou em relação à construção de uma identidade nacional, analisando a possível tensão ou conciliação entre o contexto paulistano do início do decênio de 1930 e o seu projeto de "repertoriar o Brasil".

“Canoa pode afundar para sempre, mas os pensamentos críticos, por mais tontos que sejam, são que nem as jangadas: viram, reviram de lado, mas infundáveis. Alguém um dia os há de retomar.”
(Mário de Andrade)

3.1 O desafio de repertoriar o Brasil

Em se tratando de uma publicação de cunho cultural, o grupo em torno da *Revista Nova* preocupava-se em ampliar o sentido e a noção de cultura brasileira, ao mesmo tempo se aproximando e se dissociando da esfera modernista. As propostas anunciadas pela revista quando de seu lançamento manifestam a urgência de se pensar cultural e intelectualmente o Brasil, que colocava sobre outros termos a condição da nacionalidade. A *Revista Nova*, por seu turno, também deve ser considerada fruto indissociável dessa nova etapa de reformulação da vida brasileira, pois, como produto cultural, foi definida pelo mundo e processos históricos que a produziram. Nesse sentido, a literatura e a etnografia figuram como temas que aproximam a revista da tradição dos impressos culturais, sobretudo aqueles vinculados ao ciclo modernista da década de 1920. A crise econômica de 1929 e o influxo da Revolução de 1930 implicou uma nova ordenação no mundo político, que esteve expresso no periódico.

Com a iniciativa de repertoriar o Brasil, o intuito da *Revista Nova* era mitigar o “atraso intelectual”, contribuindo com o debate acerca de temas então considerados incontornáveis para reposicionar o país diante de um novo tempo histórico, o da República Nova, segundo os novos ocupantes do poder. Nesse rol, os responsáveis pela publicação incluíam a literatura, que embora tratada como matéria secundária foi presença expressiva, alinhada às demandas modernistas; a cultura popular, discussão que se tornava tema recorrente na agenda do modernismo; o nacionalismo, pauta urgente no contexto de crise política; e a paulistanidade, tema caro aos editores, que tentavam reafirmar a importância política e cultural de São Paulo, uma vez que já havia sinais de perda de protagonismo do estado. Assim, debruçar-se sobre o país, como propôs a revista, tornou-se uma compulsão – um dever intelectual, prontamente atendido por seus idealizadores.

O projeto de construir um periódico como a *Revista Nova* surgiu a partir de convite de Prado à Mário e Alcântara, com o intuito de organizar uma publicação marcadamente paulista e cultural. A proposta dos editores com a *Revista Nova* foi pautada em exemplos

que tiveram grande êxito na seara de publicações culturais: *Revista Brasileira*, *Revista do Brasil* e *Revista Lusitana*, todas com propostas de discutir nacionalismo e cultura, em lugares e temporalidades distintas. No entanto, a curta circulação da *Nova*, ainda que contando com projeto estruturado, chama atenção pela fragilidade dos seus propósitos, que, embora se distanciassem do modernismo da década anterior, não poderia deixar de expressar as cisões e rupturas que o movimento já conheceria.

Em de 1930, Mário de Andrade, então em férias na fazenda do tio Pio em Araraquara, revelou à Bandeira seu entusiasmo ao tomar conhecimento dos dezoito volumes da *Revista Lusitana* (Porto, 1887-1943), e informou que já teria tomado trezentas notas sobre o periódico.¹⁶⁵ O subtítulo da revista esclarece sua linha editorial: “Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal”, que no editorial de apresentação defendeu uma renovação intelectual, sob o pretexto de “[...] continuar tenazmente a propagação de bons métodos da Filologia e da Etnologia no nosso país, por outro lado fazer progredir essas ciências [...]”.¹⁶⁶ O periódico teve vida longa, circulou por mais de cinquenta anos e fazia parte de projeto idealizado por Leite Vasconcelos que visava divulgar as tradições e origens da língua portuguesa. A revista tinha configuração parecida com a adotada pela *Revista Nova*, sobretudo nos temas relativos à etnografia, vocabulário e cultura popular. A *Revista Lusitana* foi nitidamente uma inspiração para a *Nova*, que surgiu com o objetivo de repertoriar o Brasil histórica e etnograficamente.

As interlocuções entre o passado paulista e o nacionalismo constituiu-se no conjunto que melhor descreveu o projeto editorial da *Revista Nova*; tendo em vista que seus editores pareciam estar mais preocupados com as questões do seu tempo. Esses dois temas, que apareceram quase sempre relacionados, expressam a paulistanidade defendida pela revista, que não se esquivou ao debate político e estampou, com grande destaque, as questões mais sensíveis da pauta republicana. A revista conseguiu reunir uma série de elementos que evidenciam a convicção de seus idealizadores a respeito de processos políticos, históricos e sociológicos, por meio de textos que legitimam a posição de *Nova* como uma revista mais interessada no seu tempo do que com as contendas modernistas.

Nesse sentido, trata-se aqui de eleger três conjuntos documentais que elucidam a linha editorial adotada pela revista, pois revelam posicionamentos, realçam atitudes e repertoriam o Brasil em momento de crise acentuada. A escolha dos textos e temas que

¹⁶⁵ MORAES, Marcos A. (Org.) *Correspondência de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000. Carta de MA a MB, 15 jul. 1930, pp. 452-454.

¹⁶⁶ *Revista Lusitana*, vol. 1, 1887, p. 1-2.

sobressaem na publicação refletem todo o contexto político e social a que *Nova* esteve sujeita. O primeiro conjunto documental a ser destacado refere-se a um conjunto de textos que se destacam pela crítica à conjuntura política, desde a crise financeira de 1929 até os antecedentes do levante paulista em 1932. Em seguida, analisa-se uma série de artigos e ensaios que evidenciam como a historiografia paulista da primeira metade do século XX empreendia releituras do passado paulista, tentando encontrar pontes para o futuro. Por fim, o conjunto de documentos históricos, que pode ser considerado praticamente uma seção fixa na revista, oriundos ou não de acervos, evidencia, tanto uma atitude historiadora ao escolher determinadas fontes documentais, quanto tem o poder de jogar luz ao contexto político do presente ao apresentar a história encerrada no passado, tencionando o presente.

Não raro, os conjuntos documentais se imbricam e convergem para o mesmo posicionamento, mas a opção por destacá-los separadamente não é mero formalismo ou rigor metodológico, antes, é uma possibilidade para analisar a construção discursiva e as inclinações ideológicas que, se não deveriam de todo ser atribuídas como posicionamentos pessoais dos editores, deixavam antever opiniões caras a eles por se destacarem em primeiro plano na *Revista Nova*. Portanto, ainda que separados categoricamente, os textos elegidos para análise, a partir da perspectiva deste trabalho, são os que melhor definem o projeto da revista: um periódico cultural que nasce político por excelência e que, dentro da arregimentação modernista da época, se sobressai por não se posicionar indiferentemente à sua conjuntura.

3.1.1 O nacionalismo

Em *Nova*, os textos que debatem explicitamente o nacionalismo são fruto de inquietações do momento, elaborados no calor da hora, e não raro, carregam um forte tom de confronto. Desde os primeiros anos da Era Vargas, como se sabe, a ideia de unidade e a construção de nação apresentaram-se como uma preocupação latente, e a necessidade de debater a identidade nacional, um tema sempre recolocado em pauta, ganhou novos sentidos. A cultura nos anos 1930 tornou-se elemento essencial no debate político, tendo em vista construir uma certa visão de Brasil, articulada a interesses de formação de um espírito patriótico, estritamente nacionalizante. Embora seja um conjunto pequeno, de apenas três textos, eles dão conta de realizar os primeiros balanços acerca dos impactos

da Revolução de 1930 e de como começava a se organizar uma certa cultura política. Embora não tenham tido tal pretensão, evidenciam, de antemão, alguns aspectos que seriam retomados na articulação do movimento de 1932. De tal sorte, esse ciclo de textos teve a capacidade de coligar diferentes atores dos processos políticos em andamento e criar uma visão de conjunto, qual seja: o movimento de 1930 foi precoce e fraco quanto aos seus ideais, por isso sua legitimidade era tão questionada – primeiro pela oligarquia paulista, depois pelos próprios “Democráticos”.

Quadro 7 – O debate nacionalista na *Revista Nova*

Edição	Título	Autor	Resumo
N. 1, pp. 143-147	Fetichismo das formas de governo	Miguel Osório de Almeida	Balanço sobre a cultura política que tem se sobressaído desde a formação da República brasileira e como a Revolução de 1930 operou no sentido de dar unidade nacional ao país. Notas: O texto foi originalmente publicado no "Diário de São Paulo", 19 de novembro de 1930.
N. 2, pp. 167-192	A questão econômico-financeira e a revolução	José da Silva Gordo	1A crise, suas causas e efeitos; 2. O crédito; 3. O comboio; 4. O sistema fiscal; 5. As tarifas - Importação e exportação; 6. Política econômica - A compra do café; 7. O equilíbrio orçamentário; 8. Concluindo
n. 2, pp. 213-236	Manifesto da contra revolução	Astrojildo Pereira	I - Brasilidade integral; II - A realidade brasileira; III - Solução brasileira para os problemas brasileiros; IV - O Estado e as classes sociais; V - Legiões fascistas;

Fonte: Elaboração própria.

O texto que inaugura o debate é “Fetichismo e as formas de governo”, escrito por Miguel Osório de Almeida, estampado na seção “Resenha” e retirado do *Diário de S. Paulo* (SP, 1884-2001), publicado originalmente em novembro de 1930. No texto, o cientista atribui à conjuntura como um “momento de maioria política”, e insiste na preservação do passado para que não se repitam os mesmos erros no presente, que surgia com o espírito da vitória, mas que dependia da capacidade de organização social e política

para que prosperasse como um novo tempo exitoso. Essa preocupação também foi compartilhada por Prado que, várias vezes, utilizou-se de paralelos do passado para apontar continuidades no presente. Nesse sentido, o “fetichismo” apontado no título diz respeito a forma como os brasileiros encaravam os processos de mudança política, em que questionamentos sobre o novo dogma eram impensáveis, inconcebíveis.

Cada brasileiro encara, em geral, a questão da forma de governo como uma espécie de superstição, de verdadeiro fetichismo. Partidário de uma dada ordem, de uma determinada organização, ele se julga na obrigação de não admitir discussões acerca do seu dogma.¹⁶⁷

O texto, ainda que envolto em crítica, faz referência ao movimento de 1930 como tendo prestado grande serviço ao Brasil, por afirmar que se tratou de movimento ativo pela unidade nacional, que surgiu com tamanha força e comprometimento para dar coesão a um país que tinha dificuldades para enxergar suas diversas singularidades como partes de um sistema orgânico. Cabia, no entanto, aos líderes do movimento e seus apoiadores, concretizar os ideais que os fizeram vitoriosos, “Tratar-se-ia agora de concordar racionalmente sobre o modo de coordenação dos esforços individuais e coletivos na administração e direção da coisa pública”.¹⁶⁸

O que interessa de fato sobre este texto é justamente a sua publicação na revista, que diz tanto mais sobre como seus editores posicionavam-se, quanto à própria mensagem que comunicavam a respeito dos compromissos da Revolução. Cumpre destacar que a seção na qual foi publicado era de responsabilidade da própria redação, ou seja, todos os textos eram deliberadamente escolhidos e expressam, sub-repticiamente, os ideais comungados pelos editores e o projeto cultural e político de *Nova*. Nesse sentido, cabe avaliar o impacto que este texto teve para os editores que o escolheram – e neste caso, pode-se encontrar reverberações entre o texto de Almeida e a postura de Paulo Prado, que em outras ocasiões, na própria revista, já expôs posicionamentos semelhantes em relação ao ideário revolucionário de 1930.

O segundo texto foi publicado em lugar de destaque na segunda edição da revista e trata de um tema pertinente para a época: “A questão econômico-financeira e a revolução”, escrito por José da Silva Gordo, banqueiro e secretário da Fazenda de São Paulo, foi diretor do Banco do Estado de São Paulo e presidiu interinamente o Banco do Brasil em 1929. O autor revela, ao final do artigo, que foi convidado por Paulo Prado para

¹⁶⁷ ALMEIDA, Miguel Osório de. Fetichismo das formas de governo. *Revista Nova*, n. 1, 15/03/1931, pp.145.

¹⁶⁸ Idem, p. 146.

contribuir na *Revista Nova*, “onde o debate é franco e construtiva a sua finalidade. É, pois, o que vimos de fazer, no uso de um direito e no cumprimento de um dever.”¹⁶⁹ O texto dividido em oito tópicos, tem um caráter mais técnico ao apresentar as fragilidades econômicas da República, e como representante dos interesses paulistas, José Gordo não deixou de tecer críticas à condução da crise econômica que assolava o setor cafeeiro desde 1929.

Em síntese, para o autor, os revolucionários de 1930 foram vitoriosos pois tinham como principal preocupação solucionar o grande problema econômico do país. Ao colocar em perspectiva a crise financeira que abalou o mundo, Gordo atribui parte das consequências de tamanho abalo financeiro nas políticas “ultra protecionistas” que diversas nações adotavam à época. No entanto, os efeitos sentidos no Brasil foram agravados pela crise interna que ocorreu em setembro de 1929, com o setor cafeeiro pressionando o Governo Federal a reduzir a taxa de juros e conceder novos financiamentos aos agricultores, na tentativa de frear o déficit monetário.¹⁷⁰ Tal medida foi negada por Washington Luís que estava preocupado em manter o plano de estabilidade cambial. Para Gordo, à época presidente do Banco do Estado de São Paulo:

Foi um erro de visão lamentável que, abalando profundamente a nossa estrutura econômica, produziu efeitos contrários aos esperados.

E qual a arma empregada para perpetrá-lo? A do crédito, reusado, em momento dado, pelo Banco do Brasil ao Banco do Estado de São Paulo que tinha a se cargo o financiamento, o suporte da coluna mestra da nossa exportação.¹⁷¹

O autor atribui ainda à revolução como a única alternativa para a resolução do problema financeiro que acometia o país desde setembro de 1929, uma vez que o Governo Federal, representado aqui na figura do perrepista Washington Luís, foi incapaz de estancar o colapso do crédito, de modo que o país se tornou um

[...] terreno propício para tais fermentações políticas que degeneraram em revolução vitoriosa, não porque os revolucionários de 1930 fossem mais adestrados que os de 1924, nem maiores fossem os vícios do regime republicano no último quadriênio, mas porque impotentes para atenuar os efeitos da crise, os responsáveis de então deixaram que se intensificasse aquele problema e o mal-estar dele decorrente.¹⁷²

¹⁶⁹ GORDO, José da Silva. “A questão econômico-financeira e a revolução”. In: *Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 191.

¹⁷⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 274.

¹⁷¹ Idem, pp. 170.

¹⁷² Idem, pp. 171.

Em que pese o fato de que Paulo Prado convidou Gordo para a publicação, suas ideias reverberam, em grande medida, o próprio posicionamento de um dos principais idealizadores de *Nova*. Esse é mais um indício de que Prado esteve à frente da escolha dos principais textos de cunho político estampados na publicação, o que o coloca em posição de destaque como o possível editor chefe da revista, uma vez que deliberava quanto a publicação dos textos aqui considerados mais representativos da *Nova*.

Na mesma edição em que Gordo contribuiu, um outro artigo de Astrojildo Pereira também teve significativo destaque. O “Manifesto da contrarrevolução” aparece como uma resposta ao manifesto lançado pela Legião Revolucionária de São Paulo (LRSP), redigido por Plínio Salgado. Sob a batuta do nacionalismo, a organização era o embrião do que viria a ser a Ação Integralista Brasileira (AIB), ou seja, uma organização político-militar doutrinária cujo objetivo era apoiar Vargas, liderado pelo tenentista Miguel Costa, que, junto a Luís Carlos Prestes, dá nome à Coluna Miguel-Costa Prestes. A legião nacionalista apoiava, claro, a sucessão de Vargas como chefe de Estado e foi um dos sustentáculos da manutenção do poder de Vargas em São Paulo, uma vez que aderiu à indicação de João Alberto Lins de Barros à interventoria do Estado de São Paulo. Essa indicação, como se sabe, é um dos principais elementos para o desencadear da ruptura entre os democráticos com a Aliança Liberal e o arranjo de uma outra arregimentação, contrária a LRSP e a Aliança, a FUP – articulação entre os setores agrários do PRP, que se viram aliados do governo revolucionário, e os democráticos do PD, que, uma vez cedendo apoio à revolução, julgavam-se merecedores do comando do Estado. Essa articulação entre PRP e PD dão as bases para a revolta paulista.

O manifesto da LRSP trouxe uma série de elementos para orientar os rumos da revolução, enfatizando a unidade nacional, a justiça social e a independência econômica. Defendia um governo central forte, a proteção dos recursos nacionais e a rejeição de modelos políticos e econômicos estrangeiros. O documento também enfatizava a importância da identidade nacional, dos valores morais e da necessidade de uma abordagem exclusivamente brasileira para resolver os problemas do país. Chama por uma civilização de sentido geográfico, valorizando o homem como a força suprema, mentalidade e espírito, independente de uma mecanização humilhante a serviço de um capitalismo opressor. Todas essas orientações são criticadas no texto de Astrojildo Pereira, à época expulso do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e atuando quase exclusivamente como um intelectual da cultura. No artigo, dividido em cinco partes, Astrojildo consegue

identificar as raízes do movimento integralista, que surgiria organizado no ano seguinte, e é aberto com a seguinte visão do autor:

O “Manifesto da Legião Revolucionária de S. Paulo, que pretende haver traçado “uma diretriz definida e clara, em face dos problemas fundamentais” do país, constitui, na realidade, por sua expressão e seu conteúdo, um documento que se pode considerar característico da ideologia confusa, contraditória e delirante de certa camada de intelectuais e pequenos burgueses. Seus autores ou signatários estão convencidos de que lhes cabe a gloriosa predestinação de regenerar e salvar o Brasil.¹⁷³

O artigo contribui para o debate acerca das disputas de diferentes grupos organizados politicamente quanto à acepção da nacionalidade e democracia, ainda que com vieses por vezes conflitantes e dissonantes. Além disso, a contribuição de Astrojildo Pereira para a *Revista Nova* também repercute posicionamentos que seus editores manifestavam. Mário de Andrade neste contexto esteve consideravelmente tocado com os desdobramentos do movimento de 1930, e sua posição aguçava-se conforme os ânimos políticos se preparavam para o conflito que seria desencadeado em São Paulo. De modo semelhante, e exposto em diferentes ocasiões na revista, Paulo Prado também compartilhava de preocupações com os possíveis desdobramentos das crises políticas e econômicas que se somavam à época – tanto que traz à baila essa complexa dinâmica ao abrir a revista para o debate público. A *Nova*, forjada por uma sociabilidade intelectual de raízes paulistas, pauta o debate político de sua época de modo que nenhuma outra revista modernista havia feito na década passada, uma vez que ilumina a inserção de Mário, Prado e Alcântara na vida política prática.¹⁷⁴

A *Revista Nova* aderiu à agenda do movimento pela constitucionalização do país, adotando a narrativa do separatismo. Embora seja difícil encontrar no periódico posições unilaterais quanto às opiniões de seus editores, toda a construção discursiva e escolhas temáticas aludem ao engrandecimento da paulistanidade, à busca histórica por maior autonomia e poder de autogestão que as camadas políticas e intelectuais almejavam até então para a metrópole – e que foi o maior prospecto da insurreição de 1932.

A bandeira pela luta da constitucionalização do país, liderada por São Paulo, fez surgir uma união aparentemente improvável que se efetivaria como importante pilar para o movimento que se desencadearia ainda no ano de 1932: a aliança entre PD e PRP formalizada em fevereiro na Frente Única Paulista (FUP), pela eleição de uma constituinte e pela autonomia política-administrativa do estado. Em ocasião do

¹⁷³ PEREIRA, Astrojildo. “Manifesto da contra-revolução”. In: *Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 213.

¹⁷⁴ BERRIEL, Op. Cit. pp. 87.

aniversário da cidade de São Paulo, aconteceu no dia 24 de janeiro o primeiro comício da FUP na Praça do Patriarca, no Centro, do qual Mário, ainda que doente, misturou-se à massa que acompanhava a multidão. No dia 28 de fevereiro escreveu no *Diário Nacional* a seguinte percepção que teve do comício:

Livre de todas as inutilidades que se aparasitam sobre o corpo cotidiano da vida civil, aquela multidão ia para um comício. Ia pedir a volta ao regime constitucional, ia pedir vida civil. Desiludida pela fina flor do heroísmo brasileiro que lhe prometera mundos e fundos e apenas lhe dava o exemplo mais rumoroso de incapacidade, aquela multidão ia gritar pela volta ao regime constitucional.¹⁷⁵

Na *Revista Nova*, a edição de 15 de fevereiro de 1932, quando o PD já estava arregimentado junto ao PRP, foi aberta com o editorial de Paulo Prado já com a tônica da constitucionalização do país, defendendo a liderança de São Paulo nesse movimento de retomada das formas legais:

Quatro séculos passados, comemorando ou apenas relembrando sob o regime inconstitucional a fundação da célula primitiva do Brasil, é de sentir a ironia cruel do contraste. Em 1532, o primeiro ato da Metrópole, iniciado o povoamento, foi colocar “tudo em boa obra de justiça” na terra conquistada. Em 1932, vindo confessadamente desde mais de um ano para restabelecer o regime legal que dizia violado, o governo conserva suspensas as garantias constitucionais.¹⁷⁶

Paulo Prado, por ter São Paulo como seu principal tema de pesquisa e por se amparar num discurso de racialidade do paulista, tinha desde antes do movimento um posicionamento favorável ao separatismo. Diferente de Mário e Alcântara, por exemplo, que aderiram à narrativa, mas mantiveram-se neutros no começo da crise política. Os três, de modo geral, compartilharam um certo desencanto com o afã em torno da elaboração de nova Constituição, pois anteviam que a revolta pelas armas tenderia a fracassar, pois a insurreição, no limite, significava a consolidação da Revolução de 1930.

Ao acompanhar a atuação de Mário na imprensa da época, percebe-se de imediato que o levante paulista era um não assunto para o autor, revelado pelo próprio em correspondência a Drummond, quando o conflito armado já havia cessado.¹⁷⁷ Sua cautela em posicionar-se publicamente quanto à revolta de São Paulo tinha uma razão nobre,

¹⁷⁵ ANDRADE, Mário. “Ritmo de marcha.” *Diário Nacional*, 28 fev. 1932. In: ANDRADE, Mário. *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000, pp. 402.

¹⁷⁶ PRADO, Paulo. “Momento”. *Revista Nova*, n. 5, 15 fev. 1932, pp. 3-4.

¹⁷⁷ “[...] Tanto assim que a única coisa publicada com meu nome durante a revolução foi um “Folclore da Constituição”, juntando coisa que... os outros é que faziam ou falavam. Pois eu vendia, a São Paulo a parte objetiva, a parte prática de mim.” Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 6 nov. 1932. In: ANDRADE, Mário. *A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade* anotadas pelo destinatário. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 262.

afinal, Mário sempre esteve à frente da proteção do sentido da nacionalidade brasileira, e não dava margem para posicionamentos separatistas. O cenário muda quando a compulsão por independência é clamada pela cidade que move a sua vida, por todos os amigos que admira, por seu irmão Carlos, que se apresenta como combatente no conflito. Em meados do ano de 1932, quando São Paulo preparava-se de fato para uma possível guerra, Mário começou a titubear quanto o seu papel neste que considerava “um crime hediondo”. Em longa carta a Drummond, Mário expõe com muita sensibilidade e honestidade o conflito interno que vivia enquanto a revolta se formava nos primeiros dias de julho de 1932. Se por um lado Mário devia tudo à São Paulo e amava profundamente a cidade e as pessoas que a constituíam, por outro, era chocante acompanhar o povo brasileiro rebelar-se contra si mesmo. Um dos pontos mais importantes da carta é quando Mário reconhece seu patriotismo paulista, sua intenção, ainda que momentânea, da separação de São Paulo do Brasil:

No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil, não meço consequências, não tenho doutrinas, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue. E a nossa unanimidade está por completo ausente do Brasil. E a História, o passado, o presente, ajuda bem essa desilusão e esse esclarecimento da unanimidade. [...] Dá uma satisfação, dá uma separação tamanha na gente se sentir paulista, não, você não pode imaginar, é um egoísmo fulgurante.¹⁷⁸

Compartilhando de opinião semelhante, Antônio de Alcântara Machado também, durante todo o movimento, se viu desencantado com a bandeira da constituição, como se fosse um apanágio para as classes médias e burguesas. Ainda assim, ambos participaram do movimento, Mário atuando em diferentes funções na Liga de Defesa Paulista (LDP), organização que tinha o objetivo de prezar pela autonomia de São Paulo, e Alcântara como superintendente da Rádio Sociedade Record, também atuante da causa paulista. O que se projetou para a insurreição armada de 1932, que durou pouco mais de três meses, era uma vitória moral paulistana – brado que ecoou como nunca. Essa vitória significaria o “fim do caos e o instaurador da nova ordem. Nesse momento [1932] se realizaria a “verdadeira Revolução””.¹⁷⁹ O que ficou do levante, na percepção de Mário foi um “período de desamor ao brasileiro”¹⁸⁰ e uma polarização marcada pelos invasores e os invadidos, no caso, São Paulo.

¹⁷⁸ Idem, pp. 264.

¹⁷⁹ CAPELATO, Op. cit. pp. 83.

¹⁸⁰ Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo, 12 fev. 1933.

A revista, ainda que não tenha se filiado diretamente ao programa do PD ou se posicionado favorável à revolta armada, se amparou em diversas ocasiões no discurso adotada pelo partido, que se aliou aos tenentistas quando da articulação da Aliança Liberal em 1929 e depois se organizou internamente com o PRP. Todo o processo histórico, que começa com a quebra da bolsa, passa pela deposição de Washington Luís, as rusgas com o governo central, até os preâmbulos da organização da revolta paulista em 1932, aparecem na *Revista Nova* com tamanho protagonismo que a pauta cultural ou artística é esquecida em segundo plano – ainda que tenha sido essa a expectativa de muitos dos leitores: um periódico modernista, que se limitava ao debate artístico/estético da sua sociabilidade, sem maiores pretensões.

3.1.2 A paulistanidade

Na década de 1920, a busca pela identidade nacional já havia sido esteticamente formulada pelos modernistas, entretanto, os processos de identificação nacional transformavam-se rapidamente e na década de 1930 se colocou em outros termos em função da conjuntura política e as disputas em torno da nacionalidade foi ampliada – a questão nacional foi recolocada a partir de nova perspectiva. A nova década surge como um momento de redescoberta – ou descoberta – de outras formas de se pensar o Brasil enquanto nação plenamente formada, uma vez que a modernização da sociedade suscitou a busca por elementos que unificassem o país. Nesse sentido, as tensões que circundam o tema da identidade nacional tornaram-se pauta corrente nos meios intelectuais e não poderia estar ausente da *Revista Nova*.

Na historiografia, o decênio de 1930 é marcado por interpretações do Brasil, manifestas nas obras de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior.¹⁸¹ No que respeita especificamente a São Paulo, desde o início da República houve a elaboração de corrente historiográfica que saudava as bandeiras, tomadas como uma atividade paulista, como o exemplo a ser seguido pela nação. Essa corrente, já consolidada em meados da década de 1920, ganha novos sentidos com o levante paulista de 1932, sob a égide dos ideais da “paulistanidade”, colocados em questão a partir da deposição de Washington Luís, a perda de espaço da elite paulista até a derrota do

¹⁸¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936; FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Schmidt, 1933. PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

movimento civil paulista. A conjuntura aberta implicará em reordenação das forças políticas, que se prepararam para retomar nas eleições de 1938 que, como se sabe, não aconteceu. O Departamento de Cultura e a Universidade de São Paulo integram esse esforço.

A retórica do bandeirante como símbolo da grandiosidade e da importância de São Paulo foi sendo construída a partir da instauração da república, momento em que foram recuperados ou produzidos relatos, documentos históricos, material pictórico, literário que desse sustentação à leitura que fazia de São Paulo modelo para o país. Atrelado a isso, as primeiras décadas do século XX, compreendem o período em que a recuperação da memória destes bandeirantes esteve atrelada à uma ideia de que eram os baluartes da integração e expansão do território nacional, momento que se cunha o termo “bandeirante”. Essa corrente historiográfica foi marcada por orientar um revisionismo em relação ao que, de fato, ocorreu na experiência bandeirante dos séculos XVII e XVIII, de modo a atender as demandas e os interesses políticos do presente, cujo intuito era “reforçar a predestinação de São Paulo em dar novamente a orientação dos caminhos da Nação.”¹⁸²

O conjunto de instituições paulistas como o Museu Paulista, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) foram os principais responsáveis por atuar na preservação, interpretação e divulgação de documentos históricos que visassem a contribuir para o “surto de estudos sobre o passado paulista.”¹⁸³ Desde a sua fundação, o intuito claro do IHGSP era reescrever a história do Brasil, em contraposição às posturas adotadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 1838. O historiador Antonio Celso Ferreira realizou uma radiografia¹⁸⁴ de como a elite ilustrada do IHGSP se empenhou em edificar a retórica do estado como o condutor da nação, como consta no próprio brasão do município de São Paulo, “Non ducor, duco”, “Não sou conduzido, conduzo”.¹⁸⁵

¹⁸² SEABRA COELHO, George Leonardo. Literatura, história e revisionismo: os “Novos bandeirantes” e as disputadas políticas na década de 1930. In: MARTONI, Alex [Org.] *Dilemas contemporâneos: tecnologias, negacionismos, memória*. Paraná: Atena Editora, 2023, pp. 59. DOI: 10.22533/at.ed.6062321085.

¹⁸³ ANHEZINI, Karina. Entre o imperativo do arquivo e a retórica bandeirante. *Op. cit.* pp. 351.

¹⁸⁴ FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp. 2001, pp. 93-172.

¹⁸⁵ O brasão da cidade de São Paulo foi idealizado por Guilherme de Almeida e José Wasth Rodrigues em 1917. <https://capital.sp.gov.br/w/noticia/brasao-da-cidade-completa-100-anos> Acesso em: 10 fev. 2025.

Na historiografia paulista da década de 1920, marcada pela construção de uma imagem positiva do passado paulista, escritos pioneiros sobre o bandeirantismo, como os de Pedro Taques de Almeida Pais Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, – os primeiros paulistas que trabalharam na preservação da memória dos bandeirantes¹⁸⁶ – foi retomado em publicações de historiadores como Alfredo Éllis Junior, com *O Bandeirismo e o recuo do meridiano* (1924) e *Raça de Gigantes* (1926); Afonso Taunay com a pesquisa *História Geral das Bandeiras Paulistas* (1924-1950), em onze volumes; e José de Alcântara Machado com *Vida e Morte do Bandeirante* (1926). Essa segunda corrente historiográfica buscava, portanto, retomar o espírito dos valores e virtudes destes “filhos da terra”, e se empenharam “com afincos em desvendar a *verdade histórica*.”¹⁸⁷

O contexto de produção desta historiografia foi substancialmente marcado por dois fatores: a força do Partido Republicano Paulista (PRP), dominante politicamente; o ápice da produção cafeeira, indicando a centralidade econômica de São Paulo. Desse modo, a figura do bandeirante teria surgido como um elemento que pudesse catalisar todos os habitantes do Estado, independentemente de sua origem, pois simbolizavam a integração nacional.

Esta interpretação se baseia na noção de que o símbolo se caracterizaria por desempenhar funções eminentemente reforçadoras da solidariedade interna de um grupo ou de uma coletividade, perpetuando valores encarados como fundamentais para a manutenção da sociedade e de sua civilização. A definição da imagem do bandeirante pelos historiadores do início do século XX, num momento em que milhares de imigrantes com seus descendentes vinham se incorporar à sociedade paulista, teria sido um modo de intensificar os laços entre duas metades da mesma.¹⁸⁸

À despeito da utilização do bandeirante como uma figura capaz de reforçar a coesão dos diferentes grupos sociais, a república paulista de letras se viu desafiada com a integração destes novos componentes sociais e suas “inevitáveis demandas de poder e identidade.”¹⁸⁹ Assim, a historiografia produzida no início do século XX reforça a posição elitista, distinguindo os “paulistas de 400 anos” dos imigrantes “alienígenas”. Ainda que a retomada destes bandeirantes fosse feita em prol da unificação de uma “comunidade

¹⁸⁶ Sobre o tema, Kátia Abud realizou uma pesquisa pioneira para reconstituir o percurso histórico da figura do bandeirante como símbolo paulista. Ver: ABUD, Kátia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista, o bandeirante*. Cuiabá, EdUFMT, 2019.

¹⁸⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 13, p. 78–87, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i13p78-87. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25601>. pp. 82. Grifo da autora.

¹⁸⁸ QUEIROZ, *Op. Cit.* pp. 83.

¹⁸⁹ FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica* (1870-1940). São Paulo, Unesp, 2001, pp. 268.

imaginada”, apenas o círculo de uma minoria letrada estava interessada na história da região foi de fato tocada pela simbologia do bandeirante como um elemento nacional. Isso porque o símbolo demarca o contorno de grupos, coletividades e comunidades específicas.¹⁹⁰ Este cenário só mudaria com o levante de 1932, que, além de marcar uma segunda fase dessa produção historiográfica, acirrou essa discussão e trouxe à baila o “espírito bandeirante” para convocar a população a participar do movimento, momento de maior adesão paulista à simbologia.

Em se tratando de uma revolta essencialmente regional, a retórica utilizada pelo movimento lançou mão do uso simbólico das bandeiras paulistas, articulando os mais variados instrumentos para conseguir a adesão mais ampla possível.¹⁹¹ Este foi o primeiro momento, desde o surto de estudos sobre o passado paulista, que a ideia do espírito bandeirante enquanto característica comum a todos os paulistas saiu do âmbito restrito da camada intelectual e teve maior adesão da sociedade. Foi a partir do movimento de 1932 que o símbolo do bandeirante figurou “como um sinal distintivo de todo aquele que trabalha pela grandeza do estado de São Paulo.”¹⁹²

A *Revista Nova* fez coro a essa tradição historiográfica, que exaltava o passado paulista como um modelo glorioso para a nação. Antonio de Alcântara Machado e Paulo Prado, das famosas famílias “quatrocentonas”, não poderiam, claro, posicionar-se de forma diversa. Já Mário, embora de família não aristocrática menos tradicional, teve sua trajetória e produção intelectual muito ligada à São Paulo – e, sob um contexto tão inflamado como nos anos de 1931 e 1932, sua postura tornara-se mais enérgica. Na revista, a identidade paulista apareceu em diferentes contextos: a partir de visão racial, lida como superior por certos intelectuais contemporâneos; por meio da exaltação da história de São Paulo, remontando ao contexto bandeirante; e por meio da luta por protagonismo político e econômico, marcados pela organização da Frente Única Paulista (FUP) – arregimentação política entre PRP e PDSP. Essa presença da paulistanidade, lastreada pelo campo da representatividade sociopolítica, está no centro das tensões no debate sobre o nacionalismo.

A manutenção do espírito da paulistanidade é o ponto central de toda a revista, uma vez que, em praticamente todas as edições, a ideia de passado paulista foi referida, sempre na busca de conectá-lo ao presente. O quadro abaixo ilustrar o conjunto de ensaios

¹⁹⁰ QUEIROZ, *Op. cit.* pp. 86.

¹⁹¹ QUEIROZ, *Op. cit.* pp. 85.

¹⁹² Idem, pp. 85.

veiculados na revista que retomam o passado paulista, Estes textos, aliás como todos os demais, eram avaliados pelos editores de *Nova* e pela comissão de avaliação que foi criada no seio da revista, com o objetivo de julgar a pertinência ou não das colaborações. Esses ensaios são pontes para explorar o passado paulista e construir uma retórica que servisse de exemplo para abarcar a nacionalidade, corroborando para fortalecer posicionamentos que a revista defendia.

Quadro 8 – Passado paulista na *Revista Nova*

Edição	Título	Autor	Descrição
N. 1, pp. 50-61; Nº 2, pp. 228-236; Nº 4, pp. 582-594; Nº 5, pp.65-77; Nº 6, pp. 176-189; Nº 7, pp. 330-342. (6 textos)	Populações Paulistas	Alfredo Ellis Jr.	1 - Assimilação; 2 - Raça e nacionalidade; 4 - Formação americana; 5 - Composição das populações paulistas; 6 - Processo da assimilação entre nós; 7 - O Negro; 8 - O italiano; 9 - O Espanhol; 10 - O Português. O artigo visa refletir sobre o significado bio-social de nacionalidade, apontando diversos exemplos da construção da ideia de raça e identidade. Tem o intuito de caracterizar a formação da população paulista e ressaltar como a miscigenação incide nas características genóticas e fenóticas de uma sociedade.
n. 4 pp. 529-544	O Patriarca	Paulo Prado	Texto sobre as primeiras cidades fundadas em São Paulo e como se deu a miscigenação dos povos.
n. 5 pp. 49-59	O Vilarejo de Piratinin	Ermelino A. de Leão	Como o Estado de São Paulo começou a se desenvolver ainda em meados do século XVI, as primeiras

			obras públicas, comércios, fronteiras e o seu próprio nome.
n. 5 pp. 60-64	Café, café e mais café	Francisco Martins de Almeida	Traça um panorama da dependência da economia brasileira na produção do café , sua crítica surge a partir da crise cafeeira no Brasil com a queda da bolsa em 1929.
n. 8-10 pp. 44-76	A Luta dos Pires e Camargos	Ermelino A. de Leão	I - Vista retrospectiva; II - Os crimes de Alberto Pires; III - O ambiente histórico; IV - A provisão do Conde de Atouguia; V - O epílogo. Ensaio sobre o famoso caso da guerra entre Pires e Camargos, ocorrida no século XVI em São Paulo, ocasionada por interesses diversos de ambas as famílias. Dos "Episódios do Passado Paulista".

Fonte: Elaboração própria.

De saída, é possível observar que existe uma cronologia nos textos, dando sentido à ideia de que a revista pretendia comunicar uma visão particular da história paulista-nacional, em sintonia com a historiografia paulista da época. A série “Populações paulistas”, de Alfredo Éllis Júnior, que dá início à série de publicações sobre paulistanidade, situa o debate contemporâneo ancorado em pressupostos eugenistas, prática científica em voga à época. Publicada em seis edições, expressou o pensamento da elite intelectual paulista acerca da ideia racial e de superioridade de São Paulo frente à “raça inferior” do brasileiro geral. O estudo, reunido em livro apenas em 1934, foi publicado em partes na *Revista Nova* depois do apoio de Antonio de Alcântara Machado para que Éllis Junior retomasse a pesquisa que já fazia para o *Correio Paulistano* (SP,

1854-1930/1934-1963),¹⁹³ mas que foi interrompido devido ao fechamento do jornal em decorrência do movimento de 1930. A publicação desse estudo em *Nova* sinaliza a força com que, a partir de 1930, o surto de estudos sobre o passado paulista também além de se ancorar em orientação eugênica, também começava a explorar a imprensa como um meio mais ágil para propagandear as ideias.

A grande proposta de estudo, foi dar força à discussão sobre racialidade no Brasil, com forte tom eugenista, com o objetivo de posicionar os paulistas como um “tipo racial” capaz de constituir uma raça superior para o país. Nesse sentido, Ellis Júnior continua a fazer coro à “emergência da invenção de uma narrativa da identidade paulista”, dado que o livro é fruto de um momento histórico no qual São Paulo está ofuscado no cenário nacional. O argumento que pauta o estudo é o de que a superioridade dos paulistas está ligada a dois fatores predominantes: a assimilação dos imigrantes europeus à população local, o que considera um bom exemplo de miscigenação; e o passado das bandeiras paulistas, como os tipos a serem alcançados.

O mesmo "berço esplendido" que produziu o bandeirismo ou a formação da lavoura de café é o que impera. Eis a mesma mesologia geográfica, com a mesma climatologia, o mesmo solo, a mesma configuração etc. a servir de ambiente externo para a nossa gente. Seja esta qual for, ela terá de ser sempre superior; ela terá sempre que produzir fenômenos humanos-sociais ofuscantes.¹⁹⁴

O texto de Ellis Júnior lança mão, a todo momento, de uma narrativa o mais científica possível, com diversos dados do Recenseamento Federal de 1920, que inclui índices de natalidade, fecundidade, mortalidade, casamentos etc., entre paulistas e não paulistas, negros, indígenas e imigrantes, dados que são facilmente manipuláveis e manipulados, uma fórmula científica que faz parte da promoção da eugenia para além do continente europeu.

Ainda que as ideias propostas pelo historiador Ellis Júnior sejam radicais, fazem parte de um movimento no qual se buscava retomar ao passado de São Paulo para vislumbrar um futuro grandioso. A tentativa de reconquistar o poder central para São Paulo passou, em grande medida, por trabalhos que defendiam pautas eugênicas e sobretudo ao passado que transforma o bandeirante numa espécie de herói nacional, convergindo assim, para o que o historiador Antonio Celso caracteriza como a “epopéia bandeirante”, retórica utilizada pela intelectualidade paulistana, conduzida pelo IHGSP –

¹⁹³ ÉLLIS JÚNIOR, Alfredo. *Populações paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1934,

¹⁹⁴ Idem, pp. 10.

do qual Éllis Júnior era sócio – de modo a construir um campo discursivo que apresenta a historicidade de São Paulo e dos paulistas como identidade comum a todos os brasileiros.

As reflexões acerca do passado paulista são iniciadas com “O Patriarca”, de Paulo Prado,¹⁹⁵ que também era um pesquisador da história paulista. Ao retomar documentos dos viajantes Tomé de Souza e Martim Afonso – o primeiro donatário da capitania, o “Patriarca” a que se refere o título – para reconstruir as arqueologias sociais das primeiras experiências dos bandeirantes nas capitanias de Piratininga e Santos, Prado apresenta uma perspectiva, ancorada pelos institutos históricos da época, de que “seria possível filtrar da história, enquanto palco de experiências passadas, modelos e exemplos para o futuro”.¹⁹⁶ O texto, embora sobre a fundação das primeiras cidades paulistas, tem o objetivo de discutir, a partir da experiência do passado, a decadência política que São Paulo enfrentava no começo do decênio de 1930. Ao reconstruir o período do século XVI, Prado se questiona como uma cidade, que tendo sido responsável pelo pioneirismo das expansões geográficas graças às bandeiras, pôde perder o papel de protagonismo nos quatro séculos que se seguiram. Na mesma rapidez com que São Paulo vê-se integrada ao mundo, ela isola-se na própria evolução do povo brasileiro:

A influência paulista teve uma função catalítica, mas de intensidade variável, na constituição da unidade nacional. Depois do papel decisivo que os piratininganos [sic] representaram na expansão geográfica, em seguida a esse apogeu de esforço e conquistas, São Paulo entrou no completo apagamento que foi a última metade do século XVIII.¹⁹⁷

Esse excerto apresenta perspectivas que interessam à narrativa levada a cabo pela classe dirigente paulista, matizada em *Nova*: a influência *catalítica* de São Paulo na constituição da nacionalidade; a expansão geográfica como fator *determinante* para a constituição territorial; e o *completo* apagamento político de São Paulo a partir de 1760. Esses três fatores citados por Prado fazem parte do estilo de escrita que adotou em sua obra, ao se valer elementos estéticos no discurso, com o objetivo de “aproximar o leitor da sua narrativa e argumentações, para, posteriormente, instigá-lo à reflexão e ação.”¹⁹⁸

¹⁹⁵ Publicado pela primeira vez em 1926, no jornal *O Estado de S. Paulo*, teve sua versão final estampada na *Revista Nova* e, posteriormente, foi incluído na segunda edição de *Paulística* (1934).

¹⁹⁶ WALDMAN, Thais. Op. cit. pp. 144.

¹⁹⁷ PRADO, Paulo. *Província e Nação*. Paulística. Retrato do Brasil. Livraria José Olympio, Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro, 1972, pp. 5.

¹⁹⁸ FERREIRA, C. J. Paulo Prado e o conceito de progresso. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–21, 2023. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/2038>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Em se tratando do passado paulista, esse é um discurso com o objetivo de sensibilizar os interlocutores frente a mais uma mudança no arranjo das forças políticas da qual os paulistas assistiam mais uma vez passíveis, e não como agentes protagonistas.

Por sua vez, “O Vilarejo de Piratinin” é um texto ancorado na ideia de história linear, uma perspectiva presente nessa historiografia paulista, sobretudo em Paulo Prado. Ermelino Leão, que dedica o texto a Prado, escreve sobre como o Estado de São Paulo começou a se desenvolver econômica, política e socialmente já a partir de meados do século XVI. Mais uma vez, como no texto de Prado, existe uma retórica que visa engrandecer o discurso por meio de juízos de valor, segundo os quais São Paulo estava destinada ao caminho do crescimento. Algo semelhante acontece com o texto “A Luta dos Pires e Camargos”, também de Leão, no qual se relata a rivalidade de quase meio século entre duas famílias que lutaram pela posse de terras e acabaram por desencadear uma “guerra civil”.¹⁹⁹ A narrativa dos conflitos, farto em fontes históricas, ainda que sem pretensão, ilumina como o arranjo das forças oligárquicas foi tecido ao longo de quatro séculos na história de São Paulo.

Estes fragmentos de história colonial estampados na *Revista Nova* endossam a noção de história em marcha linear, que a sucessão dos processos históricos acontece em ritmo de progresso e que, no caso específico da história de São Paulo, o legado fica expresso na aristocracia paulista, representada pela elite cafeicultura e industrial da época, considerada manifestação do que havia de mais moderno no Brasil. Essa fórmula ciceroniana da história como mestra da vida, a história metódica, era a estratégia tanto metodológica quanto narrativa que imperava na época – ou, pelo menos, até as obras sociológicas na década de 1930, que começou a alterar o quadro historiográfico brasileiro. Tanto no texto de Prado, como nos de Ermelino Leão, o que se observa é o ensinamento da história por meio da experiência do passado este ilumina o futuro e é capaz de realçar os acertos e evitar os fracassos.

Nesse sentido, o ensaio “Café, café e mais café”, assinado por Francisco Martins de Almeida, é bem contundente frente a fragilidade política brasileira para lidar com a queda da bolsa de 1929, que por depender quase exclusivamente da produção cafeeira, entrou em importante crise econômica. A crise econômica cafeeira foi um dos fatores que mais aguçaram os ânimos nos desdobramentos da Aliança Liberal e do primeiro ano do

¹⁹⁹ Quem caracteriza o conflito como “guerra civil” é Afonso Taunay. Ver: TAUNAY, Afonso. *Ensaio paulistas*. São Paulo: Editora Anhambi. 1958.

Governo Provisório. Como tentativa de estancar as exigências paulistas por maior representatividade no governo, em 1931, quando o governo federal cria o órgão do Conselho Nacional do Café – não mais Instituto do Café do Estado de São Paulo – é Paulo Prado quem assume a presidência, uma pequena concessão política aos paulistas, mas que foi incapaz de conter a rebeldia dos “ingovernáveis” paulistanos.²⁰⁰

A crítica específica do texto é direcionada à administração do país, que vendo “os nossos chefes de Estado a cochilar displicentemente à sombra verde dos cafezais”, não foi capaz de incentivar outras formas de produção e fontes de riqueza.²⁰¹ Essa análise é endossada por Paulo Prado que, ao longo da década de 1920, foi incumbido de articular e sugerir, em âmbito político, econômico, e cultural, transformações e atualizações no setor industrial, de modo a modernizar o que havia de melhor no Brasil de sua época, mas sem alterar o arranjo nas forças de dominação, que ainda permaneceria com o domínio cafeeiro.²⁰²

Fica evidente que a história paulista debatida na *Revista Nova*, da fundação da primeira capitania em 1532 à crise de 1929, emerge a partir de um conjunto de ensaios que tem por objetivo explícito traçar paralelos com o passado para apontar reformas possíveis no presente. Este é o repertório do Brasil que a *Nova* quer transmitir, o que isola São Paulo do restante do país e o coloca como modelo nacional, ao evidenciar que os problemas de São Paulo são os problemas do Brasil. Os documentos históricos, por seu turno, organizados no quadro abaixo, estão sempre colocando em tensão o debate nacionalismo/paulistanidade, carregando uma mensagem que contrapõe as duas noções e evidenciam as disputas em torno da narrativa republicana.

Quadro 9 – Documentos históricos na *Revista Nova*

Edição	Documento	Autoria	Descrição
n. 1. 15/03/1931	Carta a Eduardo Prado	Ramalho Ortigão	Em 1887 Ramalho Ortigão esteve na América do Sul. Em visita ao Rio de Janeiro e à São Paulo, faz comparações entre as duas cidades.

²⁰⁰ SCHWARCZ, Lilia M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 364.

²⁰¹ ALMEIDA, Francisco Martins de. “Café, café e mais café”. In: *Revista Nova*, n.5, 15 fev. 1932, pp. 60-64.

²⁰² PIVA, Carolina Brandão. Paulo Prado: cafeicultura, modernismo e política. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2009, pp. 144-147.

n. 2. 15/06/1931	Carta ao Visconde da Pedra Branca	José Bonifácio de Andrade e Silva	Escrita durante o exílio de Bonifácio na França, em virtude do golpe de Estado de 16 de Novembro de 1823, a carta pertence à coleção de Yan de Almeida Prado.
n. 5. 15/02/1932	Manoel de Moraes	Eduardo Prado	No arquivo deixado por Eduardo Prado há uma nota de que já estavam escritos dois capítulos, e apenas esboçados dois outros, de seu livro sobre o Padre Manoel de Moraes. Parece que a obra fora concluída, quando de seu falecimento em 1901.
n. 6. 15/04/1932	Excertos do “Diário” do Visconde de Taunay	Visconde de Taunay	Excertos dos diários sobre as relações que manteve com o Imperador D. Pedro II, em 1889.
n. 7. 15/06/1932	Extratos dos Arquivos Domésticos da Companhia de Jesus referentes ao Padre Manuel de Moraes	Sem autoria	Eduardo Prado obteve do padre Carlos Sommervogel, alguns extratos dos Arquivos Domésticos da Companhia. Documento com publicação inédita.
n. 8-10. 15/12/1932	Carta a Eduardo Prado	Eça de Queiroz	Publicada pela primeira vez, por gentileza de Jorge Pacheco e Chaves, a cuja coleção de autógrafos pertence.

Fonte: Elaboração própria.

Os documentos históricos na *Revista Nova* compreendem uma série de textos, entre correspondências, manuscritos e entradas de diários, capazes de descreverem fatos históricos. Cumpre destacar que os textos são de autores passivos da revista, ou seja, não enviaram à redação os seus manuscritos, mas foram escolhidos, por critérios da própria revista, para serem publicados. Apesar de não ter uma seção fixa para esse tipo de conteúdo, os documentos históricos constaram em todas as edições,²⁰³ sempre disposto após os editoriais, o que os configura como conteúdo de extrema relevância para a linha editorial da *Nova*. Embora não explicitem a fonte dos documentos históricos, visto que não há qualquer indício deles nas correspondências dos editores que foram consultadas,

²⁰³ No n.3 (15/09/1931), no lugar comumente destinado a veiculação de documentos, consta o original e inédito texto “O Livro de Fra Gondicário”, o que também pode ser considerado como um documento histórico. Para os fins da tabela, optei por não listar o texto.

pode-se presumir que Paulo Prado esteve incumbido de gerenciar este formato de texto. O primeiro indicativo a este respeito é o de que, em todas as outras revistas que Prado participou, esse tipo de conteúdo foi publicado, com temáticas semelhantes ao observado em *Nova*. Outros dois indicativos podem nos levar a assumir que era Prado o responsável por este tipo de conteúdo: a quantidade de documentos oriundos do arquivo de Eduardo Prado, quatro dos seis textos publicados; e a construção discursiva no encadeamento dos textos, que opera uma função historiadora,²⁰⁴ tipicamente resultado do trabalho de Prado como historiador.

O tema comum a quase todos os documentos²⁰⁵ é a narrativa republicana, ainda que estes não se empenhem no debate específico sobre a República, os documentos são escolhidos e ordenados de tal modo que fica evidente o que a revista defende. Se, por sua vez, os ensaios tematizam a colônia, um passado distante, porém áureo, os documentos históricos evidenciam um passado mais recente, o da monarquia, apontando para a decadência do regime. A escolha dos documentos certamente foi feita com o intuito de colocar em contraposição os principais centros urbanos e políticos do Brasil, São Paulo e Rio de Janeiro, que foram historicamente manejados para atender e favorecer o discurso adotado pela elite paulista letrada. A República aparece ilustrada como uma idiossincrasia fluminense que, encerrada no atraso monárquico, não poderia liderar um movimento liberal como o republicanism, sendo os ares provincianos de São Paulo o verdadeiro território para sustentar o regime do povo.

A começar pela carta de Ramalho Ortigão enviada à Eduardo Prado, em 1887, quando de sua viagem ao Brasil. Ortigão visitou o Brasil em pleno contexto de crise do Império, dois anos antes da Proclamação da República, portanto um país ainda sobre a ordem escravocrata. A carta já começa com um tema interessante: a antes colônia portuguesa pouco interessava a Ortigão, mas que, ao realizar a sua visita, a “sociedade brasileira aumentou muito” a sua consideração. No entanto o escritor tece uma série de críticas a cidade do Rio de Janeiro, que embora convivesse com a figura do Imperador,

²⁰⁴ Por “função historiadora”, quero dizer que o ato de publicar documentos históricos, opera num sentido de historicizar determinado fato histórico, com o objetivo de atribuir sentido histórico a um documento. Melhor seria, dizer que “O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica.” LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013, pp. 2.

²⁰⁵ Para os fins da subseção 3.2, o manuscrito “Manoel de Moraes”, de Eduardo Prado; os “Extratos dos Arquivos Domésticos da Companhia de Jesus referentes ao Padre Manuel de Moraes” e a “Carta de Eça de Queiros a Eduardo Prado” não são considerados na análise por fugirem da temática proposta.

estava fadada a “resistir vitoriosamente a tudo quanto ofenda a delicadeza estética de uma sociedade”, mesmo sob a influência dos prestígios da corte, a sociedade estaria desamparada da influência social e cultural de Pedro II.

A preponderância social do seu temperamento absolutamente inestético, fundamentalmente antiartístico, rebelde a toda a noção de bom gosto, foi uma calamidade enorme para a civilização brasileira. Esse príncipe deixou desencaminhar e perverter tudo aquilo em que deveria influir, não se ocupou senão d’aquilo [sic] em que nunca deveria entrar. A única obra seria de sua existência consistiu em fazer de si um sábio, e essa obra falhou-a.²⁰⁶

As críticas aos costumes e hábitos do brasileiro – aqui considerados apenas os fluminenses – continuam e refletem uma visão bastante estereotipada do que seria uma sociedade inferior aos portugueses dotados de civilidade e educação. Semelhantes, como o próprio autor aponta, aos cidadãos de São Paulo, uma cidade que, vendo-se livre da escravidão antes da capital federal, estava, precisamente, na rota do progresso. Ao descrever a rede de sociabilidade da elite paulista do final do século XIX, os caracteriza como homens de caráter, fortes e ilustrados. Esses sim, seriam os verdadeiros brasileiros, aqueles que mudaram a percepção do viajante português.

Já no que respeita aos “Excertos do Diário de Visconde de Taunay”, os trechos escolhidos por Afonso Taunay, seu filho, referem-se às relações estabelecidas entre o Visconde e Pedro II, sobretudo no ano de 1889. Soma-se o total de 60 entradas, e nota-se que passaram por escolha calculada, talvez para o intuito de sua divulgação na revista, uma vez que não há sequência estritamente cronológica.

Os trechos do diário dão conta de elaborar tanto uma história privada dos últimos meses da monarquia brasileira, quanto das disputas políticas na Câmara, trazendo à tona todas as crises internas que já não conseguiam mais sustentar o regime e a liderança política de Pedro II. Nas entradas publicadas há um espaço entre os meses de julho e dezembro de 1889, significativo, visto que a Proclamação da República em 15 de novembro ficou de fora das passagens escolhidas. A única menção feita à proclamação é do dia 31 de dezembro: “Último dia do ano de 1889, em que se produziram tão terríveis ocorrências, das quais a mais cruel foi sem dúvida a queda da monarquia, a 15 de novembro.”²⁰⁷ As entradas que se seguem, de janeiro de 1890 a abril de 1891 são poucas, mas ainda esboçam a profunda relação estabelecida entre Pedro II e Taunay, que mesmo distantes, mantinham contato por cartas e telegramas. Atuando no Rio de Janeiro como um interlocutor de Pedro II ainda nos interesses da monarquia, Taunay seguiu defendendo

²⁰⁶ ORTIGÃO, Ramalho. Carta a Eduardo Prado. *Revista Nova*, n. 1. 15/03/1931, p. 7.

²⁰⁷ TAUNAY, Afonso. “Excertos dos Diários de Visconde de Taunay”. *Revista Nova*, 15/04/1932, p. 150.

seu imperador até a derradeira hora, em que escreve: “A posteridade te fará justiça. O teu nome encherá não a história do Brasil, mas a história da humanidade, pois perdura para sempre, vence os tempos e alcança a eternidade tudo quanto é bom, nobre e santo.”²⁰⁸

Entre a carta de Ortigão e os diários de Taunay, fica evidente a diferença entre as posições sobre a corte brasileira. Se Ortigão considera a decadência do Rio de Janeiro como uma espécie de “vício” da corte, Taunay vincula o imperador como patrono das artes e da ciência, à “virtude”, capaz de entrar para a história como um grande líder. Essas visões dicotômicas elaboram todo o posicionamento de uma época, qual seja, a visão de que São Paulo marca o progresso, a modernização; enquanto o Rio de Janeiro é rejeitado pelas suas velhas instituições; no campo da política, essa tensão fica evidente na formação da Aliança Liberal contra o poder das oligarquias.

A seção de documentos históricos foi variada, uma vez que seu conteúdo abarcou temas que vão da fundação das primeiras capitanias em São Paulo ao retrato da vida privada na corte brasileira. Nos documentos que tematizaram o Rio de Janeiro, o contraponto utilizado era São Paulo, que não se opunha à capital federal apenas nos costumes e nas tradições culturais, como fica evidente nos documentos, mas, sobretudo, na administração política que desde a Independência exibia suas fragilidades de controle e sustentação. É o que tematiza a “Carta de José Bonifácio ao Visconde de Pedra Branca”, uma correspondência cujo ensejo era o Golpe de Estado em virtude da dissolução da Assembleia Constituinte de 1823. Cento e dez anos depois, São Paulo via-se na mesma situação política, com um Estado sendo governado provisoriamente por decretos e com as garantias constitucionais em suspensão, sem previsão para a votação de uma nova Constituição. No ano seguinte, em junho de 1932, menos de um mês do início da revolta paulista, Prado escreveu um editorial criticando, justamente, a demora na articulação de uma Assembleia Constituinte.

O ensejo desse editorial é um discurso de Vargas, “o Ditador” para Prado, que sob os olhares de representantes das Forças Armadas, pessoas de “alto destaque” e correligionários, anunciou a votação da Constituinte para maio do ano seguinte, podendo, assim, estender suas medidas discricionárias e inconstitucionais. Todo o teor do texto está carregado de desencanto, pois, a política, em síntese, mantinha-se sobre as mãos daqueles que a “Revolução” – a de 1930 – havia lutado contra. Os Democráticos de São Paulo, quando aderiram à Aliança de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, com o intuito de

²⁰⁸ Idem, pp. 155.

apoiar a candidatura de Vargas, tinham como objetivo ampliar a base eleitoral do partido, de modo que tivesse uma representatividade maior do que o seu principal opositor, o PRP. E reivindicavam, em contrapartida, maior autonomia para os Estados, fato conflitante com a proposta do movimento revolucionário, posto que era liderado essencialmente pelos tenentistas, cujo programa político era contra a dominação dos Estados mais poderosos, defendendo a centralização do poder. Como pode ser observado ao longo do primeiro ano de circulação da *Nova*, a aliança dos Democráticos com o Governo Provisório se desgastava, uma vez que os opositores do PD não tiveram muito espaço para participar dos desdobramentos práticos do movimento de 1930 e se viam progressivamente alijados da nova ordem política que se instaurava – cada vez mais centralizadora, sem conceder autonomia à São Paulo.

O Brasil, que, de tempos em tempos estimula seu povo com as “revoluções radicais”, como Independência, a Guerra do Paraguai, a Abolição, a República, mas sequer consegue resolver os “grandes problemas que venham da Terra, da Raça ou do Homem.”²⁰⁹ O ritmo que se impõe na vida nacional de inícios e rupturas que não sustentam os processos de construção, marcam as fragilidades de sistemas políticos e sociais que sempre se reconstroem em bases enfraquecidas. “O banho rejuvenescido da República Nova” quer limpar a “República Velha” como seu passado, parte do processo que a construiu, pois não há qualquer interesse pregresso para um tempo que surge novo, sem passado. Em outro editorial, com temática semelhante, Prado tensiona o passado paulista, que já surgiu com bases justas, e a inconstitucionalidade do Governo Provisório, que, surgindo como uma nova força política e inaugurando um novo tempo, negou o histórico de justiça do passado.

O que os editoriais de Prado comunicam são justamente a falta de sentido e as incongruências que a Revolução de 1930 não conseguiram sustentar. Ainda que tenha transcorrido menos de um ano desde que os gaúchos amarraram seus cavalos no obelisco da Avenida Central, os setores paulistas que apoiaram a renovação política, quais sejam, parte da elite intelectual e industrial, sobretudo os alinhados ao Partido Democrático, já reclamavam pelos direitos e privilégios que lhes foram prometidos durante a articulação da Aliança Liberal.

O pacto da revista com a causa paulista ficou expressa no modo como o tema se destacou, mas também fica evidente nas escolhas narrativas para debater o nacionalismo,

²⁰⁹ Idem, p. 246.

uma vez que esse é um debate que agencia a discussão sobre o teor da paulistanidade. Nesse sentido, os textos que se debruçam a discutir o estado da política vigente, geralmente estão tomados de críticas com o intuito de enriquecer a narrativa que a *Nova* vem defendendo desde a sua fundação: a de que o protagonismo e a independência paulista, em qualquer esfera, devem ser assegurados, e principalmente, conduzido pela intelectualidade.

Os textos destacados aqui que elaboram uma noção histórica e conjuntural do que foi publicado nas páginas da *Revista Nova*, e, se lidos em conjunto, formam uma noção positivista da história de que é necessário voltar ao passado para não perpetuar os erros, mas apreender suas glórias e transpô-las para o presente. A história de Brasil da qual a *Nova* é defensora tem o intuito de restaurar a dignidade que São Paulo tanto prezou.

3.2.1 A produção literária e sua crítica

Alguns temas se sobressaíram ao longo da publicação e dois deles dizem respeito, especificamente, a processos culturais: a literatura e a etnografia. Os debates em torno da literatura na *Revista Nova* apareceram de diferentes maneiras e praticamente em todas as seções, mas, de modo geral, os textos não fugiram à regra do que já continha outras publicações modernas. À despeito de os editores assegurarem que se tratava de uma revista que colocaria a produção literária em segundo plano, os temas literários foram os mais recorrentes na publicação. Ao todo, foram publicados 16 textos literários de 13 autores diferentes, dos quais apenas dois não eram de expoentes do movimento modernista. Tais produções, na maioria dos casos, estavam alinhadas às experimentações modernas.²¹⁰ Em se tratando de uma revista cultural, a contribuição literária não encerra o debate em torno da literatura na revista. A crítica literária não raro era tida como um tema de relativa importância, uma vez que poderiam ser utilizadas para analisar o país por meio das produções literárias.

No que concerne aos aspectos literários, os principais nomes da prosa e da poética modernista nos anos 1920 publicaram na *Revista Nova*, o que confere certa legitimidade à publicação encabeçada pelos paulistas. Do quadro de colaboradores, os mais próximos da redação, foram os que publicaram textos semelhantes ao que se encontram nos demais periódicos modernistas, quais sejam, suas próprias produções literárias ou uma

²¹⁰ Sobre os textos publicados e os autores, ver Capítulo 2.

homenagem pontual a outro homem de letras. Trata-se de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Murilo Mendes etc. Já os escritores que não eram tão conhecidos das publicações paulistas ou cariocas, ampliaram o debate na revista, proporcionando aos leitores o contato com temas diferentes, que ampliavam a visão de Brasil e brasilidade, como língua, literatura e etnografia trataram de temas articulados com a proposta de Nova, que conseguiu relacioná-los de forma orgânica.

Quadro 10 – Produção literária na *Revista Nova*

Autor	Título	Natureza
Murilo Mendes	Mulher em todos os tempos	Poesia
	A cartomante	Conto
	Bumba meu poeta	Poesia
Manuel Bandeira	Boca de forno	Poesia
	Sachka e o poeta	Poesia
Pedro Dantas (Prudente de Moraes, neto)	Bazar Colosso	Conto
Guilherme de Almeida	O canto dos brinquedos	Poesia
Antônio de Alcântara Machado	As cinco panelas de ouro	Conto
Carlos Drummond de Andrade	Poema Patético	Poesia
Sérgio Buarque de Holanda	Viagem a Nápoles	Conto
José de Mesquita	Corá	Conto
Augusto Meyer	Poemas	Poesia
Rodrigo M. F. de Andrade	O enterro de seu Ernesto	Conto
Mário de Andrade	Menina de olho fundo	Conto
Marques Rebelo	Cinco coelhinhos	Conto
João Pacheco	Variações em surdina	Conto

Fonte: Elaboração própria.

O quadro evidencia o protagonismo dos modernistas nas publicações de textos literários na revista – à exceção de José de Mesquita e João Pacheco, todos os outros autores eram expoentes do movimento e mantinham algum tipo de relação com os editores de *Nova*. Se por um lado isso pode apontar para a legitimidade da revista no círculo moderno, a associando às suas congêneres antecessoras, também deixa claro como

a rede de sociabilidade em torno do periódico se sustentava e reforçou padrão semelhante desde *Klaxon*.

O cenário muda quando se trata da crítica literária, que, embora contemplasse temas mais abrangentes, os textos eram, em sua maioria, dos editores da revista. A crítica literária na *Revista Nova* apareceu de duas formas: na seção “Notas”, destinada à crítica e resenha de obras e por meio dos ensaios. No que concerne à seção, contabilizou-se 74 textos publicados, dos quais a maioria deu conta de resenhar obras lançadas entre os anos de 1930 e 1931. O quadro abaixo evidencia como a seção foi basicamente elaborada pela redação, que escreveu 38 dos textos publicados, correspondendo a 51% das resenhas. Esse valor pode ser ainda maior caso Orestes Guimarães seja, de fato, um pseudônimo usado pela *Nova*, a redação assumiria 90% de toda a assinatura da seção.

Quadro 11 – Autores e contribuições na seção “Notas”

Autor	Nº de contribuições
Orestes Guimarães	26
Leocádio Pereira	14
Antonio de Alcântara Machado	13
Mário de Andrade	11
Tácito de Almeida	2
Vicente de Paulo Vicente de Azevedo	1
Manuel Bandeira	1
José de Almeida Camargo	1
Carlos Pinto Alves	1
Amadeu Amaral Junior	1
Sérgio Milliet	1
Rosário Fusco	1
A. C. Couto de Barros	1

Fonte: Elaboração própria.

Mas, no que tange aos ensaios, o número de colaboradores externos é maior do que as assinaturas dos editores de *Nova*, – apenas Mário publicou ensaios de crítica literária – e isso se deve à publicação do número especial dedicado ao centenário de

Álvares de Azevedo, que ampliou o rol de colaboradores da revista. O quadro abaixo ordena os ensaios de crítica literária e seus autores, de modo que demonstra como a crítica literária na *Revista Nova* esteve basicamente referenciada pela edição especial dedicada à Azevedo – dos 13 ensaios de crítica literária, apenas 4 não abordam Álvares de Azevedo.

Quadro 12 – Ensaios de crítica literária

Autor	Título
Mário de Andrade	A poesia em 1930
	Luiz Aranha ou a poesia preparatoriana
	Amor e medo
Ronald de Carvalho	Retrato de Graça Aranha
Joaquim Ribeiro	Folclore e a literatura
Afrânio Peixoto	A originalidade de Álvares de Azevedo
Azevedo Amaral	Alvares de Azevedo: o único romântico brasileiro
Homero Pires	Influência de Alvares de Azevedo
Vicente de Paulo Vicente de Azevedo	O ferrão bem no centro
Arthur Motta	Alvares de Azevedo
Motta Filho	O drama acadêmico de Alvares de Azevedo
Luis da Câmara Cascudo	Alvares de Azevedo e os charutos
Aurélio Gomes de Oliveira	Alvares de Azevedo poeta

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, a principal novidade na revista, em se tratando de crítica literária, foi a organização da edição n. 3²¹¹, dedicada ao centenário do romântico Álvares de Azevedo. Planejada desde o lançamento da revista, o número especial teve o intuito de consagrar a memória do poeta paulista, coligindo um rol de estudiosos de sua obra, que discutiram diferentes aspectos de sua vida. Embora nenhum dos editores assumia a ideia e organização da edição, provavelmente o próprio Mário tenha sugerido a homenagem, visto que entre março e setembro de 1931 publicou uma série de artigos no *Diário*

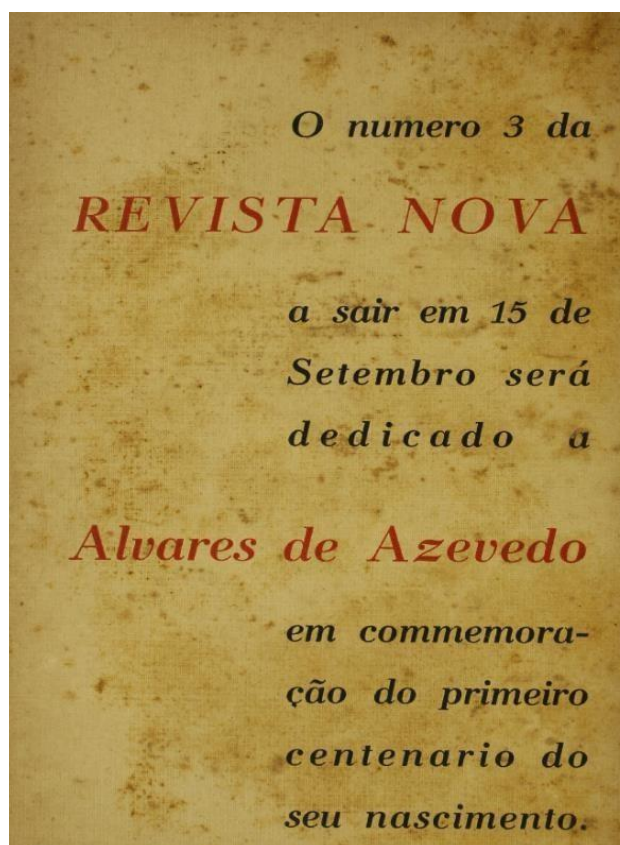
²¹¹ *Revista Nova*, n. 3, 15 set. 1931.

Nacional já enfatizando a memória do poeta e a importância de celebrar seu primeiro centenário.²¹²

É possível acompanhar pela epistolografia de Mário que parte daqueles que lhe erma próximos foi informada e convidada a contribuir na edição, cujo intuito era evidenciar a importância de Álvares de Azevedo como um dos grandes poetas brasileiros, ao lado de Gonçalves Dias e Castro Alves.²¹³ A publicação do futuro volume foi anunciada desde a primeira edição.

²¹² Mário publicou cinco crônicas sobre Álvares de Azevedo, entre março e setembro de 1931.

²¹³ ANDRADE, Mário. “Álvares de Azevedo – I”, 22 mar. 1931. In: *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*, p. 285-287.

Figura 13 – Aviso da edição comemorativa.

Fonte: *Revista Nova*, n. 1, 15/03/1931. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8061>

A escolha não foi justificada pela revista, apenas menciona-se o centenário de nascimento como evento a ser comemorado pela comunidade letrada. O sumário da edição apresenta conjunto significativo de colaboradores, como Afrânio Peixoto, Azevedo Amaral, Homero Pires, Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, Arthur Motta, Luís da Câmara Cascudo e o próprio Mário de Andrade – todos analisando a obra e trajetória pessoal de Álvares de Azevedo. A edição foi aberta com editorial que relacionava a homenagem ao momento vivido – tarefa que foi desafiadora para os editores, que, uma vez imbuídos da missão de celebrar o poeta, trataram de saudar as lições deixadas pelo eterno jovem romântico, guias para o presente: “preocupação de cultura, o direito da inteligência.”²¹⁴

Nos poucos estudos dedicados à *Revista Nova*, o número especial é pouco debatido – talvez por suscitar a impressão de que esta tenha sido uma homenagem deslocada em um periódico cuja intenção era constituir-se em fonte de conhecimentos e descobertas sobre o Brasil. No entanto, a iniciativa dedicada a um poeta que, à época, não

²¹⁴ *Revista Nova*, Editorial “Momento”, n. 3, 15/09/1931, p. 314.

era tão consagrado quanto outros românticos seus contemporâneos, encontrou reconhecimento por parte dos leitores de *Nova*, que se manifestaram por meio de cartas enviadas à redação, algumas das quais foram publicadas.

A extensa homenagem da *Revista Nova* à Álvares de Azevedo é inédita se comparada ao conteúdo de outros periódicos modernistas, pois celebrou o romantismo brasileiro, com o intuito de criar pontes com o modernismo. Embora sem explicações das motivações para homenagem tão extensa, a historiografia literária sobre Azevedo nos induz a considerar algumas razões desta escolha, que podem ressoar como parte do projeto cultural – e político, em certa medida – da revista. A obra de Álvares de Azevedo foi bastante apreciada por seus contemporâneos, por ter uma característica pouco vista no Romantismo: sua postura crítica e antinacionalista, posições que se tornariam mais recorrentes apenas na segunda metade do século XIX, sobretudo com Machado de Assis. Álvares de Azevedo é considerado o expoente do ultrarromantismo, que expressava uma nova imagem do Romantismo como “rebeldia, sofrimento e mal do século” Com seu espírito crítico,

Álvares de Azevedo encarou com reserva o nacionalismo estético que triunfava em seu tempo e concebeu a literatura como espaço sem fronteira, uma espécie de comunhão universal dos talentos verdadeiros. Por isso, não apenas satirizou o indianismo como convenção vazia, mas negou a independência da literatura brasileira em relação à portuguesa.²¹⁵

A edição da *Revista Nova* se tornou uma espécie de inventário da vida e obra de Álvares de Azevedo, pois reúne diferentes informações biográficas, estilísticas e bibliográficas de críticos literários e escritores que se dedicaram à leitura de sua obra, que conseguiram elaborar um conjunto referencial, até então difuso na produção acerca da história da literatura. Estes textos, em sua maioria, buscaram destacar a originalidade tanto nos temas e na forma estilística do romântico. Os autores que colaboraram com a edição, de diferentes lugares e profissões, apontam quase em uníssono que Álvares de Azevedo fora um jovem à frente de seu tempo, por fazer surgir uma literatura mais consciente do panorama cultural brasileiro à sua época, e que este seria seu principal legado. Em 1931, a leitura que interessava aos críticos dizia respeito, justamente, à essa marca psicológica presente na sua voz narrativa, uma herança de Lord Byron, sua maior inspiração. O tema da psicanálise também já havia sido introduzido na *Nova* em outra ocasião.²¹⁶

²¹⁵ CANDIDO, Antônio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002, pp. 49.

²¹⁶ Sobre o assunto, ver Capítulo 2.

Nos textos publicados por Mário no *Diário Nacional* sobre Álvares de Azevedo, ele comentou a falta de atenção em relação à obra do poeta, uma vez que outros românticos, como Gonçalves Dias e Castro Alves, foram consagrados em diferentes momentos na história da literatura. Para Mário, a faceta antinacionalista presente na obra de Azevedo colocava por terra uma crítica bastante utilizada em relação ao romantismo, de que este seria um movimento feito a partir da imitação dos românticos europeus.²¹⁷ Isso porque, ainda que pareça paradoxal, o romantismo de Álvares de Azevedo, ao negar componentes nacionalizantes, como a entidade geográfica, a alma nacional e a constituição multirracial da sociedade, subverte os dualismos entre o outro e o próprio nacional²¹⁸ e que, no intervalo de sessenta anos, como apontou Mário, de tão nacional, chegou a ser regional “por aquela maneira sutil com que reflete o aristocratismo paulista de que o Perrepê [PRP] foi a desastrosa conclusão.”²¹⁹

Ao elogiar Álvares de Azevedo, os editores de *Nova*, conscientemente ou não, contribuíram para exaltar, mais uma vez, a literatura paulista e a sua singularidade. Ao traçar a linha cronológica que vai do romantismo “antinacional”, mas extremamente regional de Azevedo, até a publicação da revista em 1931, que a todo momento buscou reforçar a importância de São Paulo como condutora da nação, a *Nova* engendrou a história da literatura paulista de maneira linear.

Embora a primeira década do modernismo não tenha sido comemorada pela revista, talvez por não acharem que a efeméride devesse ser comemorada à época ou pela conjuntura política de 1932 ofuscar os temas estéticos e literários, na *Revista Nova*, Mário realizou uma pequena radiografia do modernismo a partir dos textos “A poesia em 1930” e “Luiz Aranha e a poesia prepatoriana”, publicados respectivamente nas edições 1 e 7. No primeiro ensaio, Mário analisa os livros lançados do ano anterior, *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, *Pássaro cego*, de Augusto Frederico Schmidt, e *Poemas*, de Murilo Mendes, de modo a destacar as tendências, inovações e desafios da poesia brasileira daquele período. O ensaio oferece uma visão panorâmica da produção poética do início do decênio, abordando a questão da identidade nacional na poesia, discutindo como os poetas brasileiros se relacionam com a tradição literária e com a realidade social do país. Evidencia-se que Mário defendia uma

²¹⁷ ANDRADE, Mário. “Álvares de Azevedo – I”. In: ANDRADE, Mário. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 2005, pp.285-287.

²¹⁸ Mário exemplifica essa ruptura com uma passagem do segundo ato de Macário, em que Álvares de Azevedo fala de sertanejos na Itália. ANDRADE, Mário. *Op. cit.* pp. 286.

²¹⁹ Idem.

literatura socialmente engajada e alinhada ao projeto estético moderno – domínios presentes nas quatro obras elegidas.

Já no ensaio acerca da obra de Luis Aranha, publicado em junho de 1932, Mário, além de evidenciar a produção precoce do autor, fez uma breve consideração dos dez anos da Semana de 1922, o único texto na revista que se dedicou a abordar a efeméride. Sua posição quanto a Semana foi objeto de reflexão em 1942, na conferência em que realizou o balanço dos vinte anos do modernismo. Em 1932, a posição de Mário foi mais contida, ao evidenciar que a poesia brasileira – modernista – ainda estava em processo de transformação. Fato é que existe um silêncio uníssono dos modernistas em relação aos dez anos da Semana, provocado, talvez, pelas inúmeras rupturas e dissidências, pela mudança – ainda que, bem verdade, em seu começo – do roteiro do movimento, que tendeu, com o passar dos anos, a dar mais atenção aos problemas sociais do que a preocupação estética. Talvez tal silêncio tenha se devido, em grande medida, aos conflitos políticos e sociais em curso em São Paulo e que antecederam o levante de 1932.

Alguns textos em torno da literatura sobressaem-se pelo valor simbólico e concreto que carregam, por expressarem as forças modernistas atuantes naquele contexto e, sobretudo, por evidenciar como a revista se preocupava mais em estimular o debate do que tomar posições definitivas. O “Retrato de Graça Aranha”, escrito por Ronald de Carvalho e publicado no número inaugural, é uma homenagem ao escritor que falecera naquele ano, uma das figuras mais emblemáticas do modernismo desde a Semana de 1922. A homenagem tem o mesmo tom de admiração que o texto publicado em *Klaxon*, “Graça Aranha criador de entusiasmo”, na última edição,²²⁰ que foi dedicada à Graça e capitaneado por Mário de Andrade.

O grupo em torno de Graça Aranha era referido com jocosidade nas correspondências entre Mário e Bandeira, como “a mesa”,²²¹ em função de fotografia de Graça, Ronald e Renato Almeida publicada na *Revista da Semana* (RJ, 1900-1959) em 18 de março de 1922.²²² Ainda que Graça Aranha e seu séquito fossem criticados publicamente por Mário e seu grupo em diferentes ocasiões, os editores de *Nova*, ao

²²⁰ *Revista Nova*, n. 8-10, 15 dez. 1932.

²²¹ Na correspondência entre Mário e Bandeira, pode-se encontrar, a partir de abril de 1925 a primeira alusão ao grupo como “a mesa”. As críticas passariam a ficar intensas entre os meses de novembro e dezembro de 1926, quando as disputas em torno da liderança do modernismo ganharam mais força. MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000, pp. 255-267.

²²² LUCA, Tania Regina de. Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo. In: SALIBA, Elias Thomé (Org.) *Modernismo: o lado oposto e os outros lados*. São Paulo: Publicações BBM; Edições SESC. 2022, pp. 64-65.

estamparem a homenagem no número de abertura, corroboram para a percepção de que se trata de periódico “sem doutrina”, ou de caráter conciliatório, pois Graça Aranha foi um escritor que participou ativamente do movimento, mesmo que, com o correr do tempo, ele e Mário tenham acabado por trilhar caminhos diversos. .

As relações entre Mário e Graça sofreram alguns reveses ao longo da década de 1920, dado que suas intenções com o movimento se tornaram divergentes. Em janeiro 1926 Mário publicou o texto “Carta aberta a Graça Aranha” no jornal *A Manhã* (RJ, 1925-1953), em que criticou a postura conservadora de Graça Aranha e o acusou de praticar um “intelectualismo vazio”, defensor de visão mais conservadora. Do mesmo ano é o artigo de Sérgio Buarque de Holanda “O lado oposto e os outros lados”, que, dialogando mais com Mário, criticava a visão simplista de um modernismo unificado. A publicação do retrato de Graça na *Revista Nova* não mudou a posição de Mário em relação ao grupo em torno da figura do carioca, no entanto, evidencia como as disputas em torno da liderança do movimento não mais configuravam a agenda imediata do modernismo, que pouco a pouco se diluía e se amplificava.

O “Romance de 30”, uma nova tendência que então despontava, teve pouco espaço na *Nova* – o que é compreensível, dado que a maior recorrência de autores publicados foi a que já dominavam a cena literária do momento. Estudo como o de Luís Bueno questiona as polarizações vigentes na historiografia sobre o tema, que insistentemente tendia a dividir a literatura da geração de 1930 em duas vertentes frágeis: o romance social-regional e o romance psicológico. Tais divisões, conforme Bueno, não colaboram para uma visão de conjunto da produção em prosa do decênio,²²³ aspecto já observado por Mário de Andrade ainda na década de 1930 no texto “A raposa e o tostão”, coligido em *O empalhador de passarinho* (1946).²²⁴

Assim, a nova seara literária compareceu em *Nova* a partir de resenhas publicadas na seção “Notas”, com impressões de leituras de obras lançadas à época, como é caso de Rachel de Queiroz, que teve resenhado *O quinze* e *João Miguel*; e *O país do carnaval*, primeiro romance de Jorge Amado. A tendência literária que foi marca da década de 1930, ainda que tenha ocupado segundo plano na revista, evidencia como os diretores estavam atentos à produção literária da época, e renunciaram a importância que tomaria ao longo do decênio.

²²³ BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp; Ed. Unicamp, 2015.

²²⁴ ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. XX vol. das Obras Completas. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

3.2.2 A etnografia

De modo a levar a cabo o projeto de publicar uma revista que permitisse conhecimento “mais largo” sobre o Brasil, a *Nova* se viu incumbida de abrir espaço para que estudiosos de todo o país, que contribuíssem com estudos sobre a cultura popular. Ainda que aberta às mais diversas temáticas, os autores que pretendiam submeter seus estudos à revista deveriam seguir uma série de critérios estabelecidos pela redação, tais como: o maior número de detalhes possíveis sobre o assunto; significados e possíveis empregos de palavras que ainda não constem nos dicionários; fontes que atestem de onde os dados provêm. Essa definição das normas mostra a seriedade com que Mário, Alcântara e Prado tratavam o tema, um dos pilares do projeto. Conforme explicitaram os editores, a seção surgiu a partir da necessidade de recolha sistemática dos conhecimentos folclóricos e etnográficos, que ainda não contavam com conhecimento insuficiente acerca da

(...) gesticulação, do traje, dos enfeites, dos objetos de trabalho ou de uso pessoal do homem brasileiro (...) das nossas danças se seus aspectos particulares, dos provérbios geográficos, dos remédios populares, da arquitetura popular etc.”²²⁵

No Brasil, o campo da Etnografia começou a tomar forma, ainda que de maneira incipiente, entre as décadas de 1920 e 1930, e compreendia uma prática de pesquisa que promovia o estudo das singularidades culturais de um determinado povo. Etnografia, etnologia e folclore ainda eram saberes que se entrecruzavam, uma vez que o campo da Antropologia ainda não havia se institucionalizado no Brasil. O cenário começou a mudar com a vinda de professores franceses, contratados para desempenhar atividades docentes e científicas na recém fundada Universidade de São Paulo,²²⁶ que teve como uma das principais figuras o antropólogo Claude Lévi-Strauss que, junto a sua esposa Dina Dreyfus Lévi-Strauss e Mário de Andrade, fundaram a Sociedade de Etnografia e Folclore em 1937,²²⁷ vinculada ao Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, então dirigido por Mário.

Brasil e brasilidade eram o epicentro das preocupações estéticas de Mário, que se propôs a estudar as manifestações artísticas, folclóricas e da cultura popular com o intuito

²²⁵ *Revista Nova*, 15/03/1931, p. 130.

²²⁶ “A missão francesa na Universidade de São Paulo”, Verbete da Biblioteca Nacional Digital. <<https://bndigital.bn.br/francebr/intercambios.htm>>

²²⁷ Sobre o assunto, ver: VALENTINI, Luisa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

de documentar tais conhecimentos e prover material para futuros interessados. Suas primeiras incursões no tema se deram por meio da música, com seus diferentes ritmos, danças e tradições populares. Tendo em vista esse desafio, Mário sugeriu a criação de uma seção fixa na *Revista Nova*, com o intuito de documentar e repertoriar a cultura brasileira pelo método etnográfico. Essa necessidade de repertoriar o Brasil, para Mário, é um dos pontos mais urgentes da agenda da cultura nacional, pois, ao aprofundar o conhecimento sobre as próprias raízes culturais, certamente se encontraria o que havia de melhor no Brasil: a cultura de seu povo, elemento que poderia catalisar a concepção nacional.

A Etnografia era parte importante das pesquisas de Mário, que se intensificaram a partir da interlocução que ele estabeleceu com Câmara Cascudo por mais de vinte anos. A troca de correspondência entre os dois amigos elucida como o debate foi incorporado ao projeto estético e, sobretudo, ideológico nas obras de Mário e Cascudo, e para tanto, Cascudo foi uma de suas principais fontes de conhecimento, por apresentar histórias, intelectuais regionais e material que o nutrissem culturalmente. A partir das viagens de *Turista Aprendiz* de Mário, entre 1927 e 1928-1929, suas principais experimentações de trabalho etnográfico, seu entusiasmo pela cultura do Norte e Nordeste começou a transpor as barreiras da “cultura material e do patrimônio histórico relacionados à arte colonial do Nordeste”,²²⁸ insuficientes para saciar sua necessidade de Brasil.

Quadro 13 – Debates sobre etnografia e cultura popular na *Revista Nova*

Edição	Seção	Título	Autor	Resumo
n. 1, pp. 131-143	Resenha	Yaribes da Amazonia: Trechos de uma conferência feita na Intendência Municipal de Curuçá a 6 de junho de 1930)	Jorge Hurley	O artigo parte da obra do poeta cearense José de Carvalho com o intuito de discutir a linguagem popular na poesia do norte e nordeste do Brasil, fazendo uso de diversos exemplos de canções e poemas que se

²²⁸ AMOROSO, Marta. Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 54, p. 177–182, 2012. DOI: [10.11606/issn.2316-901X.v0i54p177-182](https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i54p177-182). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/49118>.

				<p>apropriam da linguagem indígena.</p> <p>Notas: O texto foi originalmente publicado no jornal "O Paiz", Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1930.</p>
n. 2, pp. 206-212	Artigos/Ensaios	Folk-lore e literatura (Uma comparação sacra)	Joaquim Ribeiro	O artigo busca analisar as origens dos primeiros escritos considerados como populares, cujas temáticas são religiosas.
n. 2, pp. 278-281; n. 3, pp. 472-477; n. 6, pp. 214-218; n. 7, pp. 363-365.	Etnografia	Língua Nacional	Rodrigues de Carvalho	Vocabulário de expressões e palavras tipicamente sertanejas e folclóricas brasileiras. Compreende as letras A, B e C.
n. 2, p. 281-283	Etnografia	Sobre um instrumento grotesco	Pedro Dantas (Prudente de Moraes, neto)	Breve texto que mapeia a origem da cuíca, instrumento musical presente no samba e de origem africana.
n. 3, pp. 478-487; n. 4, pp. 621-628; n. 5, pp. 98-102.	Etnografia	Superstições do povo paulista	Amadeu Amaral Junior	O texto tem o intuito de apresentar algumas superstições e crenças que são disseminadas mundialmente, expressando-se principalmente no

				<p>Estado de São Paulo. As crenças são divididas por temas, como gestação, parto, amamentação e batismo.</p> <p>I - O homem - Gestação, nascimento e batismo; II. O homem - Infância; III- O Homem - juventude, amores, casamento.</p>
n. 7, pp. 365-367	Etnografia	Superstições de Tanabi	Sebastião Almeida de Oliveira	Contribuição de um leitor do interior de São Paulo a respeito de superstições características de Tanabi, sua cidade.
n.8-10, pp. 87-98.	Etnografia	Romanceiro de Lampeão	Leocádio Pereira (Mário de Andrade)	Crítica literária sobre a literatura de cordel nordestina dedicada à figura de Lampião.

Fonte: Elaboração própria.

O quadro 3 apresenta todos os textos vinculados ao tema etnográfico, exceto “Yaribes da Amazônia”, de Jorge Hurley, e “Folk-lore e a literatura”, de Joaquim Ribeiro, um ensaio avulso, as demais contribuições foram enviadas à redação com o intuito de compor a seção “Etnografia”, que começou a ser publicada no segundo número, e soma dez textos. A seção, muito bem estruturada, trouxe uma variedade de temas e distinguiu-se, pelo conteúdo, das revistas modernistas anteriores. O texto que abre a seção, “Língua Nacional”, de saída dita o tom que marcaria os demais: culturas e tradições populares, reconhecidas como sínteses do sistema cultural brasileiro. Este parece ter sido o intuito

do destaque dado aos trabalhos etnográficos: colocá-los em evidência como componentes fundamentais da representação de Brasil.

Os colaboradores eram ocasionais e não se repetiram – exceto a série “Língua Nacional”, que foi dividida em quatro partes e “Superstições do povo paulista” em 3 – que aponta para a pequena capacidade de atração da seção, que provavelmente não pagava seus colaboradores. O primeiro texto que tratou mais especificamente do tema foi estampado no número inaugural na seção “Resenha”, e trata-se de trecho de conferência proferida na Intendência Municipal de Curuçá, por ocasião de festa literária dedicada ao jornalista Monteiro Teixeira e reproduzido em *O Paiz* (RJ, 1884-1934). O texto, escolhido pela redação de *Nova* – foi alocado logo após o anúncio da nova seção “Etnografia” e pode ter tido o intuito de indicar o que se esperava contemplar. Além de ter sido coligido na *Revista Nova*, posteriormente foi publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* (1900-).²²⁹ Para além das formalidades, a seção materializava uma prioridade de Mário: aproximar o brasileiro das coisas brasileiras, que, como aponta diferentes estudiosos, teve como verdadeiro projeto ao longo de sua obra:

Conhecer o Brasil e dar a conhecer o Brasil em seus relatos de diferentes tipos era parte importante do projeto modernista que, afinal, pode mesmo ser resumido como o esforço de tornar o Brasil familiar aos brasileiros, o que implicava, obviamente, familiarizar-se com ele.²³⁰

Logo após o lançamento a *Revista Nova*, Mário convidou Cascudo para contribuir com a projetada seção, que atendeu ao pedido e prontamente remeteu ao poeta ensaio sobre a poética sertaneja, estudo pioneiro à época, que Mário gostaria de publicar na seção “Etnografia” no ano de 1932. No entanto, o robusto ensaio com mais de cinquenta páginas, não foi publicado em *Nova* devido a inúmeros atrasos e “economia das coisas mais úteis”, como explicou Mário.²³¹ Cascudo, em março de 1932, solicitou que Mário remetesse o ensaio à Deoclécio Dantas Duarte, que o publicaria no Rio de Janeiro. Embora Câmara Cascudo tenha sido um importante colaborador da revista, nenhum texto seu foi estampado na seção, pauta corrente nas trocas de missivas entre os dois amigos.

²²⁹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, vol. IX, Anno 1934, p. 14-36. Disponível em: <https://www.ihgp.net.br/principal/phocadownload/Revistas/Per%C3%ADodo:%201931-1938/1934%20Vol.%20IX.pdf> Acesso: 13 nov. 2024.

²³⁰ BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013, p. 25.

²³¹ Por meio da correspondência entre Mário e Cascudo, pode-se observar diversas trocas de opiniões sobre o texto “Poética Sertaneja”, proveniente do estudo com documentação inédita e original, abordando a evolução técnica. O estudo é debatido nas correspondências 82 (LCC), 83 (MA), 85 (LCC), 86 (MA), 87 (LCC), 91 (MA), 93 (MA) e 96 (MA). MORAES, Marcos A. (Org). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas*, 1924-1944. São Paulo: Global, 2010, pp. 206-230.

Além de solicitar textos, Mário também recorreu à Cascudo para indicar escritores que trabalhassem com a cultura nordestina, principalmente do Maranhão e do Piauí, com pouca representatividade nos trabalhos etnográficos da época.

Em outra oportunidade, Mário remeteu a Augusto Meyer correspondência comentando a importância da seção: “E você, já reparou a importância que está tomando a parte etnográfica da revista? Sobre isso principalmente e ainda estudos sobre qualquer assunto brasileiro é que pedimos colaboração.”²³² Nota-se como Mário estimou a seção e se colocou na linha de frente para que ela sobrevivesse e gerasse bons frutos para o campo etnográfico brasileiro.

A relação de força entre literatura e etnografia foi discutida em editorial aparentemente despretensioso, relativo ao acordo ortográfico luso-brasileiro,²³³ ocasião em que a autoria se coloca contra a proposta de reforma, em pauta nos anos de 1930 e 1931, resultado do esforço da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), que previam o estabelecimento de grafia comum em ambas as nações. Para os críticos, a reforma era mais uma tentativa de domínio lusitano em relação ao brasileirismo.²³⁴

No entanto, apesar de criticarem o acordo, os diretores de *Nova* consideraram a reforma ortográfica como uma forma de posicionar o Brasil no mapa enquanto país soberano, tendo os seus interesses também assegurados pela unidade linguística, que não comprometia a autonomia das letras brasileiras e tampouco era tomada como imposição política e cultural por parte de Portugal. Nessa perspectiva, quem de fato perdia era Portugal que, “vítima de sua atração histórica pelo tamanho, ouro, negras e demais riquezas e graças do Brasil”, cedeu às exigências impostas pelas “veleidades brasílicas.”²³⁵ Tal interpretação era corroborada por uma série de textos publicados na *Revista Nova* que tratam com ênfase a nacionalidade.

²³² FERNANDES, Lúcia. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e Outros*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1968, pp. 87.

²³³ *Revista Nova*. “Momento”. n. 2, 15 jun. 1931.

²³⁴ Mário de Andrade dedicou cinco textos sobre o assunto em sua coluna “Táxi” no *Diário Nacional*. Nesses artigos, Mário expõe claramente sua adesão à reforma ortográfica, pois essa mudança seria de ordem filosófica e pragmática. Segundo o autor “A lei, pelo sim e pelo não, nos levará insensivelmente à unidade. [...] Em ortografia como em milhares de manifestações e virtudes, o brasileiro ainda não tem dignidade nenhuma [...]” (ANDRADE, Mário. *Taxi e crônicas no...* Op. Cit. p. 139). Observa, ainda, uma série de erros no projeto da ABL e diz que “A Academia se imagina a mais alta representação intelectual do Brasil, mas não é. Nem mesmo como representação literária, embora apresente nomes dignamente ilustres” (Idem p. 156). Essa opinião de Mário sobre a ABL, que aparece num tom mais crítico do que o editorial da *Revista Nova*, já mais conciliadora, nos revela um momento de profunda revolta à instituição, que representava um grupo mais conservador.

²³⁵ *Revista Nova*, n. 2, 15/06/1931, pp. 151-152.

A *Revista do Brasil*, que foi pioneira no debate para “romper com os grilhões coloniais”,²³⁶ em relação à língua e à cultura, abriu o caminho para que a *Revista Nova* pudesse, não mais discutir as diferenças entre o português lusitano e o brasileiro, por exemplo, mas defender concepção segundo a qual elementos culturais brasileiros, como a linguagem popular, se tornassem questões de primeira ordem para ampliar o debate nacional. Um dos pontos inovadores da *Nova* em relação a suas antecessoras foi justamente o protagonismo que deu à questão da cultura popular e da Etnografia como sedimentos que poderiam dar coesão a identidade nacional.

Esse avanço em termos de conquista da soberania cultural brasileira, não mais ligada à dominação colonial portuguesa pode ser observada em duas posições de pai e filho, nas respectivas revistas. Na *Revista do Brasil*, em 1921, sob sua direção, Amadeu Amaral²³⁷ expressa as seguintes ideias sobre língua como edificação nacional:

A Língua é a manifestação mais extensa e mais profunda da alma multiforme da nacionalidade, porque obra anônima, coletiva e inconsciente de inumeráveis gerações... Esse caráter de formação coletiva, obra de todos para uso de todos, na qual todos colaboram e da qual ninguém é autor, implica necessariamente um liame em que se entrelaçam todos os indivíduos de uma nação, desde os mais altos até os mais humildes. O linguajar do analfabeto mais bronco, tão distanciado da prosa repolida e rebrilhante de um Rui Barbosa, é essencialmente, a mesma coisa que ela. Com esse mesmo instrumento, o homem douto e o ignorante podem estender-se um com o outro à vontade... Essa constante troca é possível porque há um fundo psicológico nacional; mas essa própria psicologia nacional, em grande parte, é ainda um produto da língua.²³⁸

Na *Revista Nova*, seu filho, Amadeu Amaral Junior,²³⁹ ao apresentar a série de estudos sobre “Superstições do povo paulista”, que dedica ao pai, focaliza o tema da transplantação cultural da seguinte forma:

[...] É provável que a maior parte de nossos prejuízos seja de origem ibérica, dada a nossa ascendência portuguesa; e certo que muitas das crendices paulistas foram trazidas para estas terras pelos escravos, no bojo dos navios negreiros; já está averiguado que os índios nos legaram boa cópia de abusões; é possível, ainda, que inúmeras superstições novas tenham vindo se incorporar ao nosso patrimônio tradicional com a entrada de imigrantes neste Estado e, em breve não será de estranhar que vejamos nosso folclore acrescido de crendices italianas, sírias, húngaras, russas, estonianas, etc. Mas, é de crer também, que muitas dessas identidades entre superstições de vários povos não sejam consequência de transplantações, e sim fruto de determinadas condições que se repetem semelhantes em terras por vezes afastadas umas das outras.²⁴⁰

²³⁶ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil* (...), 1998, pp. 243.

²³⁷ Amadeu Amaral (1875-1929) foi poeta e folclorista.

²³⁸ AMARAL, Amadeu. A língua nacional. *Revista do Brasil*, v. 46, n. 61, pp. 26-7, jan. 1921. In: LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil* (...), 1998, pp. 242-243.

²³⁹ Amadeu Amaral Júnior (1910-1944) foi escritor e folclorista.

²⁴⁰ AMARAL JUNIOR, Amadeu. Superstições do povo paulista (I). *Revista Nova*, n. 3, pp. 478-478, set. 1931.

Ainda que tratem de temas diferentes, – na *Revista do Brasil* sobre a língua, e na *Revista Nova* sobre tradições populares – deve-se notar que as abordagens de ambos os excertos defendem a emancipação cultural brasileira, que deveria, ao longo do decênio de 1930, conquistar contornos cada vez mais independentes e soberanos. Se, nas duas primeiras décadas do século XX houve necessidade de fortalecer a ideia de nação – não apenas no Brasil, mas em âmbito internacional, tal como ocorreu no século XIX, em que a definição das características nacionais operou em caráter de urgência – na década de 1930 também ocorreu um influxo semelhante, contexto em que surgiu uma nova identificação do povo com a nação.²⁴¹ Se nas décadas anteriores essa busca de elementos que firmassem a nacionalidade tomou a língua e geografia como subsidiárias fundamentais, na década de 1930 a organização da cultura começou a ganhar novos contornos, com a necessidade ampliar o sentido e os limites da noção de cultura nacional.

Na mesma edição do editorial sobre o acordo ortográfico, teve início uma série de textos relativos ao vocabulário popular e folclórico, denominado de “Língua Nacional”, que convergia com os termos debatidos, no que diz respeito à manutenção das conquistas obtidas na década anterior acerca da autonomia literária e linguística, embasada no conhecimento empírico do autor e folclorista Rodrigues de Carvalho.²⁴² Os textos são uma espécie de dicionário do vocabulário sertanejo, com expressões tipicamente regionais, que explicam termos e situações vivenciadas por seus usuários, mas sobretudo aspectos da cultura popular. A grande novidade dessa sequência é a forma como o autor transita entre o regional e o nacional, promovendo acesso a um vocabulário que, além de exprimir diferentes formas de expressão, buscou valorizar as manifestações folclóricas brasileiras. O vocábulo abaixo é um exemplo pertinente para avaliar como Rodrigues de Carvalho desmistifica a linguagem popular e a apresenta a um público mais amplo.

Caipora – criação mítica dos índios. A lenda popular descreve-a nos seguintes termos:

“Eu cortava, minha velha/ De graveto o meu feixinho/ Quando vi sair da mata/
Um medonho caboquinho/ Com um cachimbo no queixo/ Montado num porco
espinho.

Então logo descobri, / E descobri sua história:/ um mau agouro da mata/ É a
tal da Caipora.” (Cancioneiro do Norte)

²⁴¹ Sobre o assunto, ver: GOMES, Ângela de Castro. “De volta para o futuro” In: *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, pp. 15-25.

²⁴² José Rodrigues de Carvalho (1867-1935) folclorista e poeta. Autor de: CARVALHO, José Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. 2. Ed. Parahyba do Norte, 1928.

Caipora é o azar personificado (Termo indígena: caapor, que significa habitante da mata.²⁴³

O texto “Romanceiro de Lampião”, de Mário de Andrade, mas publicado sob o pseudônimo de Leocádio Pereira, foi o estudo que encerrou tanto a seção “Etnografia” quanto a própria revista. No ensaio, Mário recuperou folhetos de cordel que narram feitos de Lampião e do cangaço, e analisou a estrutura narrativa de diferentes impressos, atentando-se para a linguagem regional, muito característica desse tipo de produção. A literatura de cordel era relativamente presente no acervo de Mário de Andrade, que além de ter sido presenteado por Heitor Villa-Lobos, no final da década de 1920, com sua extensa coleção poética,²⁴⁴ em sua viagem ao Nordeste adquiriu diferentes títulos. Ainda no *Diário Nacional*, em 1931, publicou a crônica “Catulo Cearense”, investigando a narrativa dessa literatura, estudo que prenunciou o “Romanceiro”. Na *Revista Nova* fez comparações entre o verso popular e o erudito e destacou, sobretudo, as especificidades temáticas, sempre levando em conta o contexto de produção dos cordéis analisados:

Se percebe desde logo que um pudor, ou melhor, um certo lado grego destes rapsodo nordestinos faz eles se desinteressarem dos casos de sexualidade, e se preocuparem mais com as lutas e as grandes linhas trágicas em que o Fado dum herói tem uma finalidade mais social, menos coletiva.²⁴⁵

A grande esperança da seção “Etnografia” era fomentar e incentivar os estudos etnográficos e de cultura popular, dentro dos limites da época, que seriam precários até meados da década de 1930. Cumpre destacar que a *Revista Nova*, apesar de ter circulado nos dois primeiros anos do decênio, não sobreviveu o suficiente para documentar as mudanças que ocorreriam nos anos posteriores, mas conseguiu prenunciar a mudança na tonalidade com que a imprensa modernista, sobretudo paulista, experimentou até o final da década. Ainda que a proposta de repertoriar o Brasil tenha sido limitada, a documentação reunida pela revista no que respeita ao campo Etnográfico e à conjuntura política talvez tenha sido seu maior legado – e este aspecto sequer fora considerado por seus editores, que realizaram, à própria revelia, uma documentação sobre as mudanças políticas que ocorriam à época.

Se a produção e a crítica literária conquistaram um espaço significativo em suas páginas, demonstrando o engajamento do grupo com as novas tendências e a reflexão

²⁴³ CARVALHO, José Rodrigues de. “Língua Nacional (I)”. In: *Revista Nova*, n. 2, 15 abr. 1931, pp. 279.

²⁴⁴ ROIPHE, Alberto. O folheto de cordel na crítica de Mário de Andrade. *Revista Interdisciplinar*, Universidade Federal de Sergipe, ano XI, v. 25, pp. 144.

²⁴⁵ *Revista Nova*, n. 8-10, 15 dez. 1932, pp. 93.

sobre a literatura brasileira, os ensaios etnográficos, concebidos como um pilar central para a documentação do país, não lograram o mesmo êxito. A dificuldade em estruturar tematicamente os estudos e a limitada receptividade desses ensaios, mesmo diante de um discurso inaugural que enfatizava a representatividade brasileira, apontam para um descompasso entre a intenção programática e a concretização prática.

A análise das principais temáticas presentes ao longo da revista expõe, portanto, contradições internas. Ao mesmo tempo em que buscava abranger a diversidade cultural e social do Brasil, a *Revista Nova* parece ter esbarrado em obstáculos que limitaram o alcance de sua ambição nacional. Em última instância, o percurso de *Nova* demonstra os limites da ambição nacional da organização modernista paulista. Apesar do esforço em construir um repertório do Brasil, a revista acabou por evidenciar as dificuldades e as tensões inerentes a esse projeto, marcando um ponto de inflexão onde as vanguardas, ao tentarem se enraizar no contexto nacional, revelavam as complexidades e as limitações de uma representação homogênea e abrangente da identidade brasileira.

Conclusão

Passados cem anos desde a publicação de *Klaxon*, revista que inaugurou a seara dos periódicos modernistas, extensas pesquisas em torno dos impressos culturais da primeira metade do século XX seguem atraindo os interessados, cabendo assinalar que o pioneirismo coube a projeto do IEB, coordenado pelo Professor Castello, que continua a inspirar novas investigações. Os estudos que tomam as revistas modernistas enquanto fonte e objeto contribuem para a compreensão do papel desses periódicos na disseminação, debates e reinterpretações do movimento, uma vez que revelam a importância desses espaços de sociabilidade enquanto veículos de ideias, espaços de confronto de opiniões e agentes na formação e transformação do campo cultural e literário. Do ponto de vista metodológico, também se observam novas possibilidades de estudo dos impressos periódicos, que permitem colocar novas questões e perspectivas de análise. Esse é o caso do Portal Revistas de Ideias e Cultura – Brasil, que dialoga com as humanidades digitais e alia recolha sistemática, indexação em base de dados e a disponibilização digital das fontes periódicas, convidando a renovar e ampliar as leituras em torno dos periódicos modernistas.

Se não é novidade que a dinâmica interna do movimento foi complexa e que abarcou diferentes fases e projetos, não se caracterizando como um bloco homogêneo e coeso, as novas ferramentas de pesquisas colaboram para precisar tais aspectos. A ideia de "vanguarda em diluição" sugere um olhar mais matizado sobre a trajetória do projeto modernista e complexifica a narrativa, não raro linear e regionalista da história de suas revistas, principal meio de divulgação de suas ideias. Ao estabelecer os antecedentes da *Revista Nova*, tanto do ponto de vista dos procedimentos de pesquisa quanto no que concerne à contextualização histórica das publicações modernistas que a antecederam, como *Klaxon* e a *Revista de Antropofagia*, o objetivo foi o de precisar o lugar ocupado por *Nova*, que tem merecido menos atenção da historiografia e não figura na cronologia que legitima e celebra os impressos periódicos do grupo. A análise da materialidade, sua organização interna em termo de seções e conteúdo programático, revelou as características específicas de *Nova*, que apontaram para continuidade formal em relação a outros impressos, como a *Revista Brasileira* e a *Revista do Brasil*, mas uma ruptura significativa com o ciclo de periódicos iniciados em 1923 com *Klaxon*.

No entanto, ainda que quisesse se apresentar como “uma revista sem doutrina”, como confessa Mário a Cascudo, a *Nova* carregou características importantes das práticas culturais pregressas. Mesmo que tenha sido lançada com a proposta de colocar em prática

programa inovador e apartado das congêneres que a antecederam, a indexação indicou que, a despeito da variedade de temas abordados e da rede de colaboradores que conseguiu congrega, foi possível compreender continuidades e rupturas, expressas em nuances e reajustes que atravessavam o movimento modernista na transição da década de 1920 para 1930. Assim, não é possível dizer que negou o que mobilizara o grupo no decênio anterior, mas é fato que se engajou de forma mais decidida na realidade de seu tempo. Ao se distanciar da radicalidade dos anos 1920, a revista sinalizou uma nova etapa, marcada pela busca de novas formas de expressão e pela tentativa de abarcar a diversidade do cenário cultural brasileiro.

O início da década de 1930 foi um momento de significativas mudanças políticas e sociais no Brasil, que marcou, segundo os ocupantes do poder, o início de um novo tempo na história, o da República Nova, em contraposição à cognominada de velha. De tal sorte, a *Revista Nova*, quando analisada a partir da conjuntura em que se inseria, sintetiza o espírito desse tempo que se queria novo e assinala uma mudança estrutural no interior do movimento modernista, que, pelo menos em parte, se afastava dos embates estéticos em prol de projeto ideológico.²⁴⁶ Os diretores, Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado, ligados ao movimento desde 1922, de certa forma encerraram, com a *Revista Nova*, o ciclo das publicações periódicas iniciadas no decênio de 1920, frente aos novos desafios, a exemplo do aguçamento da questão identitária, isso em um período de instabilidade política e social e, sobretudo, de uma conjuntura política bastante diversa da que vigorou desde 1889, o que foi bem expresso na proposta da revista.

A *Nova*, portanto, oferece uma visão singular dos problemas da realidade brasileira, filtrados pela vivência do grupo paulista que a dirigiu. Nesse sentido, uma das grandes apostas de *Nova* foi a proposta de repertoriar o Brasil, fazer da revista um espaço experimental para se discutir a nacionalidade a partir das culturas e tradições populares. Embora tenha se proposto a discutir o Brasil, *Nova* o fez a partir do ponto de vista de São Paulo, berço de seus diretores. Nesse sentido, o nacionalismo, tema tão caro à época, foi pauta importante da revista, que não se furtou a debater a representação política, seja analisando o contemporâneo em editoriais e ensaios, seja recorrendo a documentos históricos, veiculados em suas páginas. No entanto, o tema que de fato se destacou foi a paulistanidade, ou seja, a tensão entre o regional e o nacional, o que aponta para a

²⁴⁶ LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

complexidade do projeto modernista, em momento de "diluição", no qual se buscou conciliar o legado da vanguarda com o mergulho na realidade brasileira, o que se não era propriamente uma novidade, tomou novas proporções em face da conjuntura que alijava a elite paulista dos centros de decisão.

Embora a *Revista Nova* tenha trazido para o centro das preocupações a questão nacional, para o que mobilizou temas como política, história e cultura, a dificuldade em concretizar o projeto etnográfico, campo do saber que começava a se desenvolver no Brasil, e as contradições internas da revista, revelam os limites com os quais a ambição inicial se viu confrontada. A incapacidade de produzir uma representação abrangente do Brasil pode ser vista como sintoma da persistência do regional. A revista que conseguiu levar a cabo a proposta de *Nova* foi a *Revista do Arquivo Municipal* (SP, 1934-1938) sob gestão de Mário de Andrade, e que tinha um forte componente etnográfico, cuja produção especializada se apresentava como apta a descrever o Brasil e os brasileiros.²⁴⁷ No mesmo contexto surgiu a Sociedade de Etnografia e Folclore, por meio da parceria entre Mário e Dina Dreyfus, esposa de Lévi-Strauss, cujo objetivo era estimular a pesquisa e a documentação da cultura popular. Projeto semelhante da *Revista Nova*, mas que não se floresceu plenamente no periódico. Em última instância, ainda é possível finalizar essa cronologia dos impressos culturais paulistas com *Clima* (SP, 1941-1944), que marcou a continuidade transfigurada e institucionalizada do modernismo nos estudos brasileiros.²⁴⁸

A *Revista Nova*, portanto, para além de ser mais uma publicação modernista, foi sobretudo um sintoma e um agente das mudanças e das negociações que marcaram a trajetória do modernismo brasileiro no início dos anos 1930. Mais do que investigar se ela representou continuidade, adaptação ou se distanciou das vanguardas dos primeiros tempos, cabe ressaltar sua ambição de repertoriar o Brasil, à despeito se feito por uma ótica por vezes excludente, o grande desafio enfrentado por *Nova* foi o de navegar pelas águas perigosas do nacionalismo, pauta cara ao modernismo, e a valorização da identidade paulista, assunto que seguiu sendo de primeira ordem na revista.

²⁴⁷ Agradeço ao Prof. Marcos Antônio de Moraes, que na banca de qualificação sugeriu que a *Revista do Arquivo Municipal* teve um arcabouço científico mais desenvolvido e pôde dar continuidade ao projeto Etnográfico, que Mário pretendeu com a *Revista Nova*. Esse olhar ampliado a respeito do legado de *Nova* demonstra como as revistas culturais da primeira metade do século XX se sucediam na medida em que novas demandas sociais e culturais surgiam, formando assim “elos de uma cadeia”. LARA, Cecília de. *A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas*, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

²⁴⁸ Agradeço, mais uma vez aos Prof. Marcos Antônio de Moraes e Leandro Pasini, que na banca de defesa, olharam com cuidado para o trabalho e me ajudaram a enxergar os possíveis caminhos que tomou a *Revista Nova* no cânone literário – ainda que tenha ficado à margem dos estudos por tanto tempo.

Fontes

Revista Nova (SP, 1931-1932)

Diário Nacional (SP, 1927-1932)

Revista Brasileira (RJ, 1895-1899)

Terra Roxa e... outras terras (SP, 1926)

A Revista (BH, 1925)

Revista do Brasil (SP, 1923-1925)

Revista de Antropofagia (SP, 1928-1929)

Revista Lusitana (Porto, 1887-1943)

Revista do Arquivo Público Municipal (SP, 1934-1938)

Clima (SP, 1941-1944)

Referências

ABUD, Kátia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista, o bandeirante*. Cuiabá, EdUFMT, 2019.

AMOROSO, Marta. Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 54, p. 177–182, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i54p177-182. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/49118>.

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. XX vol. das Obras Completas. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

ANDRADE, Mário. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. BH: Editora Itatiaia, 2005.

ANDRADE, Mário. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Mário. *O Movimento Modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

ANDRADE, Oswald de. *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. RJ: Civilização Brasileira. Obras completas, v. 6, 1972.

ANHEZINI, Karina. Entre o imperativo do arquivo e a retórica bandeirante: a constituição de um saber científico para a invenção do paulista. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 349–372, 2021.

- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada: Correspondência de Alceu Amoroso Lima e Antônio de Alcântara Machado (1927-1933)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.
- BERRIEL, Carlos Ornelas. *Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- BOAVENTURA, Maria Eugênia. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013.
- BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp; Ed. Unicamp, 2015.
- CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. Poéticas contemporâneas: marcos para uma pesquisa. *Continente Sul-Sur*. Porto Alegre, n. 2, nov. 1996, pp. 111-120.
- CAMPOS, Augusto de. Revistas re-vistas: os antropófagos. *Revista de antropofagia*. Edição fac-similar. São Paulo: Abril Cultural/Metal Leve, 1975.
- CANDIDO, Antônio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade*. 3.ed, São Paulo, Nacional, 1973, p. 109-138.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Ed. Todavia, 2022.
- CAPELATO, Maria Helena R. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARVALHO, José Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. 2. Ed. Parahyba do Norte, 1928.
- CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis de Oliveira. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1970, p. 5-15.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial. 1998.
- COELHO, Frederico. *A semana sem fim. Celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ÉLLIS JÚNIOR, Alfredo. *Populações paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1934.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FELICIANO, Paula de Oliveira. *Modernistas à mesa: a coleção de cardápios de Mário de Andrade (1915-1943)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 2019. 183p.

FERNANDES, Lygia (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

FERREIRA, Antônio Celso. *A epopeia bandeirante*. Letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo, Ed. Unesp, 2001.

FERREIRA, C. J. Paulo Prado e o conceito de progresso. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–21, 2023. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/2038>.

FRANCISCO, Luciana. *Os debates sobre o modernismo nos periódicos A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926) e Verde (Cataguases, 1927-1928;1929)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Unesp/Assis, 2021. 191p.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Schmidt, 1933.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Antonio Candido e José Mindlin, *Literatura e Sociedade*, n. 14, vol. 12, pp. 38-58. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i12p38-58>.

GIORDANO, Rafaela Boeira. *Do jornal à ciência: a hemeroteca digital brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. “De volta para o futuro” In: *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Para um estudo sobre os “Azes de Cataguases”. *Língua e Literatura*, São Paulo: FFLCH/USP, n. 4, p. 470, 1975.

GUEDES, Joana Veiga Malta Correia. *Da narrativa histórica à história digital: Estudo da edição digital da revista "A Águia"*. (Tese de Doutorado). Lisboa, Portugal. Universidade Nova de Lisboa – FCSH, 2021.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio. 1936.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. O lado oposto e os outros lados. In: *O espírito e a letra*. Estudos de crítica literária (Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- JARDIM, Eduardo. Apontamentos sobre o modernismo. *Estudos Avançados*, n. 36, vol. 104, 2022.
- KREINZ, Gloria Aparecida Rodrigues. *Revista Nova: contribuição para o estudo do modernismo*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), 1979.
- LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972.
- LARA, Cecília de. *A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas*, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOPES, Hélio. *A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas “Minerva Brasiliense” (1843-1845) e “Guanabara” (1849-1856)*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: 1972, 375f.
- LUCA, Tania R. de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. A construção do ideal modernistas: o lugar das revistas. In: FLORES; PIAZZA (Org.) *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- LUCA, Tania R. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Ed. Unesp. 1998.
- LUCA, Tania Regina de. Um repertório do Brasil: tradição e inovação na *Revista Nova* (1931-1932). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 97-107, jul.-dez. 2006.
- LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. SP: Unesp, 2011.

LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): Circulação de Textos e Imagens entre Paris, Lisboa e Rio De Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp, Fapesp: 2018.

LUCA, Tania Regina de. Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo. In: SALIBA, Elias Thomé (Org.) *Modernismo: o lado oposto e os outros lados*. São Paulo: Publicações BBM; Edições SESC. 2022, pp. 51-89.

MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pressão afetiva & aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932)*. Org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano Lemos: EDUC, 1997.

MACHADO, Luís Toledo. Antônio de Alcântara Machado e o modernismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. O modernismo nas Ciências Sociais. *Revista Ciência e Cultura*, vol.74, n.2, pp.1-11, 2022, p. 1-11.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em Revista*. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. Balizando o Modernismo. Apresentação de *Terra Roxa... e outras terras*. In: Portal Revistas de Ideias e Cultura. Disponível em: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt/terra-roxa-e-outras-terras/foreword/presentation>

MASSI, Augusto. A vida literária passada em revista: três cartas de Manuel Bandeira a Antônio de Alcântara Machado. *Teresa* vol 8, n. 9. São Paulo, 2008, p. 69.

MENEZES, Ana Lúcia Guimarães. *Amizade “carteadeira”*: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2013.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

MORAES, Marcos A. de. Epistolografia e projeto nacionalista em Mário de Andrade. *Gragoatá*, Niterói, n. 15, 2. sem. 2003.

MORAES, Marcos A. (Org). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Cartas, 1924-1944. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de jamais aconselhar*. A epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2007.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. SP: Brasiliense, 2012.

PASINI, Leandro. O prisma dos grupos: a difusão nacional do modernismo e a poesia de Augusto Meyer. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v.25, n.2, 2016. DOI <https://doi.org/10.17851/2358-9787.25.2.177-199>

PASINI, Leandro. *Prismas modernistas*. A lógica dos grupos e o modernismo brasileiro. São Paulo, Editora Unifesp, 2022.

PIVA, Carolina Brandão. *Paulo Prado: cafeicultura, modernismo e política*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2009.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *Democracia ilustrada: o partido democratico de São Paulo (1926-1934)*. São Paulo: Atica.

PRADO, Paulo. *Província e Nação*. Paulística. Retrato do Brasil. Livraria José Olympio, Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro, 1972.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Org. Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

PETRY, Fernando F. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz: arquivo Rosa-Cruz revisitado* (Dissertação de Mestrado). Florianópolis, UFSC, 2011.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 13, p. 78–87, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i13p78-87. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25601>.

RIO DOCE, Cláudia. Experimentação antropofágica em "Brasileana". *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, [S. l.], v. 38, p. 69–77, 2020. DOI: 10.5433/1678-2054.2020v38p69.

ROIPHE, Alberto. O folheto de cordel na crítica de Mário de Andrade. *Revista Interdisciplinar*, Universidade Federal de Sergipe, ano XI, v. 25.

RUFFATO, Luiz. *A revista Verde, de Cataguases*. Contribuição à história do modernismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y Revistas: razones de una practica. *Cahiers du CRICCAL*, n°9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970. pp. 9-16. DOI <https://doi.org/10.3406/ameri.1992.1047>

SEABRA COELHO, George Leonardo. Literatura, história e revisionismo: os “Novos bandeirantes” e as disputadas políticas na década de 1930. In: MARTONI, Alex [Org.] *Dilemas contemporâneos: tecnologias, negacionismos, memória*. Paraná: Atena Editora, 2023, p. 59. DOI: 10.22533/at.ed.6062321085.

SCHWARCZ, Lilia M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Margaret A. W. O Projeto de Estudos de Periódicos do IEB da USP. *Revista do IEB*, SP, n. 21, 1979. p. 117-122.

SILVA, Mauricio Trindade, da. *Mário de Andrade, epicentro: sociabilidade e correspondência no grupo dos cinco*. São Paulo, Edições SESC, 2022.

SILVA, Mônica Gomes da. *(De)cisões do modernismo: Estudo comparativo da correspondência de Antônio de Alcântara Machado*. (Tese de doutorado) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. [Org.] *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, pp. 231-269.

SODRÉ, Nelson W. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo, DIFEL, 1982.

TAUNAY, Afonso. *Ensaio paulistas*. São Paulo: Editora Anhambi. 1958.

TÉRCIO, Jason. *Em busca da alma brasileira*. Biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

VALENTINI, Luisa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VELLOSO, Monica Pimenta. *História & Modernismo*. BH: Autêntica, 2010.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Jornalismo e Linha Editorial*. Construção das Notícias na Imprensa Partidária e Comercial. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

WALDMAN, Thais Chang. *Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições*. (Dissertação de Mestrado) FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

ZEMEL-DINE, Lorena Ribeiro. *A alma e a forma do Brasil: o modernismo paulista em verde-amarelo (anos 1920)*. (Tese de Doutorado) Fundação Oswaldo Cruz, 2017.

Anexos

Anexo 1

Textos assinados por Orestes Guimarães

Edição	Título	Resumo
n. 1	Arthur Motta: História da Literatura Brasileira	Nota sobre a qualidade das informações bibliográficas que ambos os tomos possuem.
	Tristão de Athayde: Preparação à sociologia	Análise sobre a contribuição da obra de Athayde, que demonstrou de forma didática, segundo o comentador, os problemas sociais contemporâneos do Brasil.
	Afrânio Peixoto: Marta e Maria	Breve explicação de que o texto trata-se de um compilado dos discursos proferidos pelo autor, quando de seu mandato como Deputado Federal pela Bahia.
n. 2	Henrique Geenen: Palestras filológicas	A resenha tece uma série de críticas sobre as palestras do professor Geenen no que tangem à falta de transparência nas análises das obras literárias a que propõe discutir aspectos filológicos.
	Manuel da Nóbrega: Cartas do Brasil	Breve nota que anuncia a reedição da obra "Materiais e aconchego" originalmente publicada em 1889, dessa vez revista e ampliada com notas.
	O conflito de Novembro na Universidade de Minas Gerais	Notícia a respeito do afastamento do reitor da Universidade de Minas Gerais, F. Mendes Pimentel.
	Peregrino Junior: Pussunga	Comentário positivo sobre o livro "Pussanga" que apresenta contos

		sobre as paisagens e episódios da Amazônia.
	G. Grinko: O plano quinquenal da URSS	Apresentação da famosa obra de Grinko sobre economia na União Soviética.
	Fernando de Azevedo: No tempo de Petrônio	Comentário sobre a segunda edição da obra sobre folclore latino.
n. 3	Paulo Duarte: Que é que há?	Livro de cunho jornalístico a respeito do movimento revolucionário de 1930.
	Beatris Ferreira: Azas	Breve nota sobre o novo livro de poemas da autora recifense.
	Odette de São Felix Simonsen: Meu vestido de retalhos	Nota crítica ao livro de poemas, que de acordo com o autor poderiam ser melhor elaborados.
	Stalin: Em marcha para o socialismo	Nota explicativa sobre a versão brasileira do relatório apresentado no Congresso do Comitê Central da URSS.
	Ernesto Claudino de Oliveira e Cruz - A reforma da Polícia e as diretrizes da Política Central	Folheto que circulou entre a sociedade civil sobre a reforma que ocorreu na polícia criminal do Rio de Janeiro.
n. 4	Cartas Jesuíticas II - Cartas avulsas	Resenha sobre o novo volume de cartas jesuítas reeditadas por Afrânio Peixoto e acrescida de notas esclarecedoras.
	Alba Canizares Nascimento: Capistrano de Abreu	Ensaio crítico e biográfico sobre Capistrano de Abreu, cujo resenhista esperava ser mais substancial.

	Christovam de Camargo: O inventor da apendicite e outros contos	Pequena nota crítica sobre o livro de contos "picantes e edificantes".
	Christovam de Camargo: Confraternização sulamericana	Nota sobre o livro de discursos proferidos no Congresso Sul-americano de Turismo.
	Arthur Bittencourt - Iniciação Philosophica	Anuncia o novo livro de Arthur Bittencourt e o acusa de plagiar a obra de Henrique Geenen.
	Alfonso Reyes: Discurso por Virgilio	Discurso do embaixador mexicano sobre o espírito nacional da América.
n. 5	G. Alpi: Carlos Magalhães de Azeredo, poeta e umanista americano	Resenha sobre a obra de Magalhães de Azeredo que versa sobre um perfil biográfico de G. Alpi.
n. 6	Rodrigo Octavio Filho: Osorio	Nota sobre uma palestra realizada no IHGB a respeito do marquês de Herval.
	Prof. Aloysio de Carvalho Filho: Oração de Paraninfo	Declaração do professor da Faculdade da Bahia aos bacharéis em Direito.
n. 7	Osorio de Oliveira - Geografia Literária	Resenha literária de obra portuguesa.
n. 8-10	Artur Ramos: Os horizontes místicos do Negro da Baía	Resenha da obra de Artur Ramos, que estaria crescendo em termos de importância com as revelações etnográficas que estava realizando.
	Demostenes Madureira de Pinho: Oração de Formatura	Nota sobre o discurso proferido aos bacharelados em direito, na Bahia.

Anexo 2

Textos da seção “Notas” assinados por Mário de Andrade e Leocádio Pereira

Edição	Título	Autor	Resumo
n. 1	Rachel de Queiroz - O Quinze	Leocádio Pereira	Crítica literária e breve resumo elogioso sobre o livro de estreia de Rachel de Queiroz. (p. 128)
n. 2 n. 2	Santa Guerra - O ensino domestico na Belgica (Imp. Diocesana, Natal, 1931)	Leocádio Pereira	Experiências que alunas brasileiras tiveram na escola doméstica na Bélgica e como o Brasil se via carente num ensino como este. (p. 291-292)
	Paulo Correia Lopes - Poemas de mim mesmo (Livr. do Globo, Porto Alegre, 1931)	Leocádio Pereira	Nota a respeito da nova obra poética de Paulo Correia. (p. 291-292)
n. 3	Tristão de Athayde – Estudos (4ª serie, ed. do Centro D. Vital, Rio, 1931)	Mário de Andrade	Mário de Andrade realiza uma análise sobre a crítica literária de Tristão de Athayde, comentando alguns de seus trabalhos e dando maior visibilidade àqueles que dizem respeito ao catolicismo. (p. 485-497)
	João Ribeiro Floresta de Exemplos (Ed. J.R. de Oliveira, Rio, 1931)	Leocádio Pereira	Resenha sobre o novo livro de ficção de João Ribeiro, cujo ponto alto, segundo o resenhista, é sua erudição. (p. 500)
	João Pinto da Silva - História Literária do Rio	Leocádio Pereira	Segundo volume de uma obra que se propõe a discutir

	Grande do Sul (2ª ed, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931)		a história do Rio Grande do Sul. (p. 501-502)
n. 4	Ceição de Barros Barreto: Cantigas de quando eu era pequenina (Ed. Pimenta de Melo, Rio de Janeiro, 1931)	Mário de Andrade	Resenha de um livro sobre cantigas infantis populares. (p. 629-630)
	Aldo Nay (João Fernando de Almeida Prado): Os três sargentos (Tip. Garraux, São Paulo, 1931)	Mário de Andrade	Resenha sobre o novo romance de Yan de Almeida Prado, esperado desde os anos 1920, mas que de acordo com Mário de Andrade não superou as expectativas. (p. 631-633)
	Theodemiro Tostes: Bazar (Ed. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931)	Leocádio Pereira	Analisa o novo livro de crônicas de Teodomiro Tostes e faz um balanço da produção do gênero no país. (p. 633)
	Emilio Moura: Ingenuidade (Ed. Os Amigos do Livros, Belo-Horizonte, 1931)	Mário de Andrade	Resenha elogiosa da poesia contemporânea de Emilio Moura, que versa sobre sentimentos de desejo. (p. 633-634)
	Mario Vilalva: Fagundes Varela, sua vida, sua obra, sua glória. (Empreza Gráfica Editora, Rio de Janeiro, 1931)	Leocádio Pereira	Resenha crítica sobre a biografia de Fagundes Varela, carente de reflexão e permeada pela incultura da escrita, de acordo com o resenhista. (p. 635-636)

	Furio Franceschini - Breve Curso de Análise Musical (Edição do Autor, Typ. S. Lazaro - S. Paulo, 1931)	Mário de Andrade	Balanço sobre a escassez de obras voltadas à musicologia e como este curso resenhado figura como uma boa fonte acessível à história da música. (p. 636-637)
	Silvino Lopes: Política é isso mesmo... (Recife, 1931)	Leocádio Pereira	Resenha acerca de um livro de crônicas sobre a política brasileira, cujo tema central é a Revolução de 1930. (p. 637)
	Hildebrando de Lima: Marés de Amor (Civilização Brasileira Edit. Rio, 1931)	Leocádio Pereira	Resenha sobre o livro de contos que retrata a cultura popular por meio da prática da pesca. (p. 640-641)
	Maria Eugenia Celso: Vicentinho (Trad. francesa de Jean Duriau Collection Deux Textes, Payot, Paris, 1931, 15 fr.)	Leocádio Pereira	Tradução de um livro brasileiro para o francês e parabeniza o tradutor pelo trabalho. (p. 641-642)
	Matheus de Albuquerque: O homem entre duas mulheres (Livr. Lello Porto, 1931)	Leocádio Pereira	Sobre a estética literária do autor. (p. 643-644)
	Pedro R. Wayne: Versos Meninosos e a Lua (Of. Graf. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931)	Leocádio Pereira	Breve nota sobre o livro de Pedro Wayne. (p. 645)
n.5	Augusto Meyer: Literatura e Poesia	Mário de Andrade	Análise sobre a poesia lírica de Augusto Meyer em seu

	(Tip. Thurmann, Porto Alegre, 1931)		novo livro, considerado superior aos anteriores, segundo Mário de Andrade. (p. 109-110)
n. 6	Sergio Milliet - Terminus Sêco e Outros Cocktails (Est. Grafico Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1932)	Mário de Andrade	Resenha sobre o novo livro de Sergio Milliet e apontamentos sobre algumas de suas maiores influências literárias. (p. 219-222)
	Luiz Felipe Vieira Souto - Dous Romanticos brasileiros (Boletim do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, Imp. Nacional, 1931)	Mário de Andrade	Crítica sobre o artigo publicado na revista do IHGB que retoma alguns aspectos históricos da vida do poeta Álvares de Azevedo e de Manuel Antonio de Almeida, cotejado com importante documentação, como aponta Mário de Andrade. (p. 222-225)
	Gina Carvalho - Histórias da Casa Grande (E. G. "Revista dos Tribunaes", S. Paulo, 1931)	Leocádio Pereira	Estreia literária da autora com um livro sobre infância. (p. 225-226)
	D. Martins de Oliveira - No país das Carnaúbas (Rio, 1931)	Leocádio Pereira	Crítica literária de obra regionalista. (p. 226)
n. 7	Carlos Lebeis: No país dos Quadratinos (Schmidt Editor, Rio, 1932)	Mário de Andrade	Estreia literária do autor com livro infantil. (p. 368-369)

n. 8-10	Rachel de Queiroz: João Miguel, romance (Schmidt Editor, Rio de Janeiro, 1932)	Mário de Andrade	Crítica literária positiva sobre o novo romance de Rachel de Queiroz. (p. 104-105)
	Joao Alphonsus: Galinha Cega (Ed. Os Amigos do Livro, Belo Horizonte, 1932)	Mário de Andrade	Crítica literária a respeito da estilística do autor, apontando para as qualidades de sua expressividade literária. (106-108).